



DÉLIA MARIA RIBEIRO

**ABRINDO O OLHAR SOBRE A CULTURA SURDA
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO AUDIOVISUAL
“CRISÁLIDA”, MEDIADA PELA INTERFACE CINEMA E
EDUCAÇÃO**

**LAVRAS - MG
2025**

DÉLIA MARIA RIBEIRO

**ABRINDO O OLHAR SOBRE A CULTURA SURDA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO AUDIOVISUAL “CRISÁLIDA”, MEDIADA PELA INTERFACE CINEMA E
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Luiz Fernando de Oliveira
Orientador

**LAVRAS - MG
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo(a) autor(a) através do Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA.

Ribeiro, Délia Maria.

Abrindo o olhar sobre a cultura surda brasileira : uma análise a partir do audiovisual Crisálida, mediada pela interface cinema e educação / Délia Maria Ribeiro. 2025.

120 p. : il.

Orientador: Luiz Fernando de Oliveira

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2025.
Bibliografia.

1. Surdos. 2. Educação de surdos. 3. Cultura surda brasileira. 4. Libras. 5. Cinema educativo. I. Oliveira, Luiz Fernando de. II. Universidade Federal de Lavras. III. Título.

DÉLIA MARIA RIBEIRO

ABRINDO O OLHAR SOBRE A CULTURA SURDA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO AUDIOVISUAL CRISÁLIDA, MEDIADA PELA INTERFACE CINEMA E EDUCAÇÃO

OPENING OUR EYES ON BRAZILIAN DEAF CULTURE: AN ANALYSIS BASED ON THE AUDIOVISUAL CRISÁLIDA, MEDIATED BY THE INTERFACE OF CINEMA AND EDUCATION

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em: 26 de fevereiro e 2025

Prof. Dr. Luiz Fernando de Oliveira

Prof. Dr. Eliasaf Rodrigues de Assis

Prof^a. Dra. Miriam Royer

CEFET/MG

UFLA

UFCA

Prof. Dr. Luiz Fernando de Oliveira

Orientador

LAVRAS – MG

2025

Dedico este trabalho aos meus pais,
Ana Maria das Graças Ribeiro e
José Ribeiro de Matos (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma palavra que resume o que tenho sentido neste momento de conclusão do meu mestrado, após inúmeras lutas desde o início. Conciliar os estudos com o trabalho e a vida cotidiana não foi uma tarefa simples, especialmente diante das exigências que a rotina impõe.

Inserir tudo isso na minha jornada acadêmica e profissional exigiu dedicação e esforço.

No entanto, não realizei essa jornada sozinha; muitas pessoas me ajudaram, apoiaram e alegraram ao longo desse percurso, permitindo que eu superasse este desafio.

Sou grata a Deus por me manter firme até aqui. Enfrentar essa trajetória não foi fácil, mas Ele me sustentou em todos os momentos. Em situações de angústia e dúvidas sobre minha capacidade de concluir o mestrado, recebia a força necessária para me manter firme e perseverar.

Expresso minha sincera gratidão à minha família, que, embora não compreendesse totalmente os motivos pelos quais eu passava longas horas em frente ao computador, em uma tarefa interminável, sempre me ofereceu apoio incondicional.

Agradeço aos meus pais, minha mãe Ana Maria das Graças Ribeiro que concluiu o antigo ensino fundamental com muito esforço para se manter vinculada ao serviço público, e meu pai, que era analfabeto funcional, sempre reconheceram a importância dos estudos para seus cinco filhos. Dentre nós, três, incluindo-me, completamos a graduação e tornamo-nos professoras. Sou a primeira da família a concluir um mestrado e espero servir de inspiração para as próximas gerações, incluindo minha amada filha e meus sobrinhos. Que eles valorizem o conhecimento, que avalio como libertador. Sonho com um mundo melhor para eles, que vejo possível por meio do suporte proporcionado pela educação.

Voltando ao meu pai, José Ribeiro de Matos, que perdi pouco antes de ingressar no mestrado, compreendo que ele foi fundamental para minha inserção nesse processo. Em meio ao luto e às dificuldades inerentes à sua partida, que ocorreu de maneira rápida e dolorosa, busquei ocupar minha mente e concentrei minha atenção no processo seletivo como uma forma de superar a dor. Agradeço imensamente pelo exemplo que recebi dele, como provedor da família, cumprindo com gosto essa missão. Sempre dispôs de todos os recursos de uma vida inteira de trabalho para atender às necessidades dos filhos e, posteriormente, dos netos. Onde quer que esteja, ele sempre estará presente em minha memória. Sempre me lembrarei de sua atenção, ao escutar os desejos dos filhos e netos e repassá-lo para minha mãe: “Ô Ana, os meninos estão querendo comer um doce”, e ela já colocava o leite no fogo para preparar o delicioso quitute.

Essa passagem exemplifica momentos marcantes da nossa vida, que não foi nada fácil, mas foi doce.

Também sou grata aos meus amigos, que estiveram ao meu lado nos momentos de dúvida, angústia e falta de confiança em mim mesma. Eles me mostraram que eu possuía um potencial a ser explorado, apesar de a síndrome da impostora, reconhecida por uma amiga, frequentemente me dificultar essa percepção. Ao longo do tempo, construí amizades sinceras e potentes, que contribuíram de forma significativa para meu crescimento. Agradeço, em especial, a Eliane Silveira, Vanesca, Dalila e Marcelle a quem sempre recorri e foram meu porto seguro, assim como Rodrigo Cezzar, que me brindou com suas doses diárias de alegria. Sem o apoio de vocês, eu certamente não teria conseguido.

Agradeço sinceramente pela oportunidade de conviver com professores excepcionais, que me proporcionaram acesso a um conhecimento que antes não havia alcançado. Essa experiência foi extremamente enriquecedora para a minha vida acadêmica. Sou especialmente grata ao meu orientador, Luiz Fernando de Oliveira, que demonstrou imensa paciência enquanto eu buscava meu caminho. Sempre muito gentil, a começar pelo acolhimento em sua casa no encontro inicial para um delicioso café, o que humanizou o processo e aproximou a nossa turma de orientandas. Ressalto que não foi fácil direcionar alguém que estava tão distante do meio acadêmico, mas espero ter correspondido ao seu empenho. De qualquer forma, esforcei-me ao máximo!

Agradeço também aos professores Dra. Miriam Royer e Dr. Eliasaf Rodrigues de Assis, que aceitaram compor a banca examinadora, pela compreensão e pela leitura atenta, além da valiosa contribuição para o aprimoramento desta pesquisa, que evoluiu significativamente graças ao auxílio que recebi.

Por fim, agradeço à criadora do projeto “Crisálida”, Alessandra Rosa Pinho, pela atenção e pela disponibilidade em atender prontamente às minhas necessidades, facilitando o acesso ao material indispensável para a realização da pesquisa.

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria.

(Renato Russo)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as especificidades da Cultura Surda Brasileira, a partir das reflexões presente no audiovisual “Crisálida”, mediadas pela interface cinema e educação. Para tanto, caracterizou-se a Cultura Surda Brasileira, a partir de elementos socioeducacionais (família, escola e sociedade), presentes nas representações do audiovisual “Crisálida”. Em seguida, identifica-se a relação entre a Cultura e os elementos que influenciam na representação dos Surdos. Além disso, discute-se aspectos da Cultura Surda Brasileira presentes no referido audiovisual, tendo como base os conceitos de Pierre Bourdieu e Rosália Duarte, mediada pela interface cinema e educação. Metodologicamente, a investigação se localiza no campo da Sociologia da Educação, utilizando a análise fílmica como mecanismo de interpretação da sociedade. Por meio de uma pesquisa exploratória, a partir de uma abordagem qualitativa, o presente estudo será voltado, especificamente para a análise de representações. A pesquisa também se caracteriza como bibliográfica e documental. Como resultados, destaca-se a elaboração de da proposta do Produto Educacional, “Cine Educação Formação – Abrindo o olhar para a cultura surda”, para formação de professores na sensibilização da cultura surda, a partir do audiovisual “Crisálida”.

Palavras-chave: surdos; educação de surdos; cultura surda brasileira; Libras; cinema educativo

ABSTRACT

This research aims to analyze the specificities of Brazilian Deaf Culture, based on the reflections present in the audiovisual “Crisálida”, mediated by the cinema and education interface. To this end, Brazilian Deaf Culture was characterized, based on socio-educational elements (family, school and society), present in the representations of the audiovisual “Crisálida”. Next, the relationship between Culture and the elements that influence the representation of the Deaf is identified. Furthermore, aspects of Brazilian Deaf Culture present in the aforementioned audiovisual are discussed, based on the concepts of Pierre Bourdieu and Rosália Duarte, mediated by the interface between cinema and education. Methodologically, the research is located in the field of Sociology of Education, using film analysis as a mechanism for interpreting society. Through exploratory research, from a qualitative approach, this study will be specifically focused on the analysis of representations. The research is also characterized as bibliographical and documentar. As a result, we highlight the development of the proposal for the Educational Product, “Cinema Education Training – Opening the Eye to Deaf Culture”, for training teachers in raising awareness of deaf culture, based on the audiovisual Crisálida.

Keywords: deaf; deaf education; brazilian deaf culture; Libras; educational cinema

INDICADORES DE IMPACTO

A pesquisa pode contribuir para ampliar a compreensão e o fortalecimento da identidade Surda, uma vez que a produção audiovisual “Crisálida” evidencia a importância da interação dos Surdos nos contextos escolar, social e cultural, buscando criar noções de uma cultura Surda saudável, principalmente, com a presença da Língua Brasileira de Sinais (Libras). O estudo aponta a necessidade de desmistificação das visões consolidadas sobre a surdez e o combate ao preconceito, já que o audiovisual analisado ilustra a realidade de exclusões, dificuldades e preconceitos enfrentados pelos surdos em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Os impactos tecnológicos são observados na divulgação de tecnologias acessíveis, como os recursos tecnológicos contidos no audiovisual (legendas, intérpretes de Libras etc.), demonstrando uma preocupação com a carência de conteúdos acessíveis. Os impactos culturais consistem em uma nova forma de retratar a surdez, que objetiva romper com a perpetuação de estereótipos preconceituosos, despertando o respeito à identidade cultural dos Surdos. As representações e suas inter-relações com as práticas sociais podem contribuir para uma melhor compreensão da cultura surda, resignificando a percepção da sociedade ouvinte. A pesquisa, certamente possui um caráter extensionista, uma vez que o Produto Educacional pode ser transformado em uma ação de extensão da UFLA, possibilitando parcerias com instituições e propondo formação continuada para professores, com o objetivo de aprimorar o atendimento educacional a alunos surdos, respeitando suas especificidades. O Produto Educacional também poderá ser uma ferramenta de sensibilização para a cultura surda, especialmente no âmbito educacional. Por fim, os impactos elencados estão classificados nas seguintes áreas temáticas da Política Nacional de Extensão: Comunicação; Cultura; Direitos humanos e justiça e; Educação. Os impactos também estão alinhados com os seguintes objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) de Saúde e Bem-estar; Educação de qualidade; Redução das Desigualdades; Paz, Justiça e Instituições Eficazes e; Parcerias e Meios Implementação.

IMPACT INDICATORS

The research can contribute to broadening the understanding and strengthening of the Deaf identity, since the audiovisual production “Crisálida” highlights the importance of the interaction of the Deaf in the school, social and cultural contexts, seeking to create notions of a healthy Deaf culture, mainly with the presence of Brazilian Sign Language (Libras). The study points to the need to demystify the consolidated views on deafness and to combat prejudice, since the audiovisual analyzed illustrates the reality of exclusions, difficulties and prejudices faced by the Deaf in a society that is predominantly hearing. The technological impacts are observed in the dissemination of accessible technologies, such as the technological resources contained in the audiovisual (subtitles, Libras interpreters, etc.), demonstrating a concern with the lack of accessible content. The cultural impacts consist of a new way of portraying deafness, which aims to break with the perpetuation of prejudiced stereotypes, awakening respect for the cultural identity of the Deaf. Representations and their interrelations with social practices can contribute to a better understanding of deaf culture, redefining the perception of hearing society. The research certainly has an extensionist character, since the Educational Product can be transformed into an extension action of UFLA, enabling partnerships with institutions and proposing continued training for teachers, with the objective of improving educational services for deaf students, respecting their specificities. The Educational Product can also be a tool for raising awareness of deaf culture, especially in the educational context. Finally, the impacts listed are classified in the following thematic areas of the National Extension Policy: Communication; Culture; Human rights and justice; and; Education. The impacts are also aligned with the following Sustainable Development Goals (SDGs) of the United Nations (UN) of Health and Well-being; Quality Education; Reduction of Inequalities; Peace, Justice and Effective Institutions; and; Partnerships and Means of Implementation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Processo de transição do historicismo para a construção da história cultural.....	39
Quadro 2 – Representações social do surdo e Representação de povo surdo	44
Quadro 3 – Perfis de identidade Surda, conforme Perlin (1998)	54
Quadro 4 – Perfis de identidade Surda, conforme Carvalho e Campello (2023).....	55
Quadro 5 – Editais de vaga para Contratação Temporária/Convocação	65
Quadro 6 – Expectativa do que se desenvolver na formação	99
Quadro 7– Etapas da formação proposta como Produto Educacional.....	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proporções para janela em Libras	50
Figura 2 – Cartaz/pôster do curta metragem “Crisálida”	73
Figura 3 – Imagem da cena na sala de aula no curta metragem “Crisálida” (sequência 02:18 – 04:17).....	74
Figura 4 – Imagem da cena no consultório fonoaudiológico no “Crisálida” (sequência 05:07 – 05:43).....	77
Figura 5 – Imagem da cena no pátio de entrada da escola no momento de oração do curta metragem “Crisálida” (sequência 09:07 – 09:46).....	79
Figura 6 – Imagem de cena do Rubens em jogo de futebol no “Crisálida” (sequência 11:38 – 12:16).....	80
Figura 7 – Imagem da cena de encontro com grupo de Surdos na rua (sequência 07:54 – 09:07)	82
Figura 8 – Pôster/cartaz do filme “Crisálida”.....	83
Figura 9 – Imagem da cena da aula 01 no curso de Libras na UFSC, retratada no filme “Crisálida” (sequência 05:00 – 06:38).....	84
Figura 10 – Imagem da cena da aula 02 no curso de Libras na UFSC, retratada no filme “Crisálida” (sequência 17:15 – 18:53).....	85
Figura 11 – Imagem da cena da aula 03 no curso de Libras na UFSC, retratada no filme “Crisálida” (sequência 48:02 – 50:50).....	86
Figura 12 – Imagem da cena do momento de apresentação da intérprete no filme “Crisálida” (sequência 43:04 – 44:30).....	88
Figura 13 – Imagem da cena do momento de apresentação da intérprete no filme “Crisálida” (sequência 1:07:20 – 1:07:58)	89
Figura 14 – Imagem da cena quando a Fonoaudióloga procura o curso de Libras no filme “Crisálida” (sequência 42:08 – 44:03).....	90
Figura 15 – Imagem da cena do personagem Rubens almoçando em família no filme “Crisálida” (sequência 02:28 – 03:17).....	91
Figura 16 – Imagem da cena do personagem Rubens no quarto conversando com o seu pai pelo computador no filme “Crisálida” (sequência 54:06 – 55:25).....	92
Figura 17 – Imagem da cena da personagem Morgana conhecendo a mãe de Jaks, seu namorado no filme “Crisálida” (sequência 23:58 – 26:52).....	93

Figura 18 – Imagem da cena do personagem Gustavo apresentando um projeto em uma empresa no filme “Crisálida” (sequência 33:53 – 35:39)	94
Figura 19 – Imagem da cena de evento cultural de divulgação da Libras no filme “Crisálida” (sequência 55:37 – 1:00:51)	96

LISTA DE SIGLAS

AEE	- Atendimento Educacional Especializado
ASMG	- Associação dos Surdos de Minas Gerais
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAS	- Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às
INES	- Instituto Nacional de Educação de Surdos
JL	- Janela de Libras
LBI	- Lei Brasileira de Inclusão
LDBEN	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
ONU	- Organização das Nações Unidas
PEs	- Produtos Educacionais
SEMESP	- Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação
SREs	- Secretarias Regionais de Ensino
TILS	- Tradutores e Intérpretes da Libras
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 ABRINDO O OLHAR	18
1.1 Preparando a metamorfose.....	18
1.2 Do imaginário ao real: a concretização de ideias e sonhos na prática.....	19
1.3 Explorando o sensível: caminhos para a compreensão.....	22
1.4 Justificando a necessidade do descortinamento.....	25
1.5 Procedimentos metodológicos.....	29
1.6 Organização e estrutura da dissertação	32
2 O FIO CONDUTOR: ENTRELAÇANDO O CASULO	33
2.1 Descortinando a compreensão sobre a surdez	33
2.1.1 Perspectiva histórica da surdez.....	34
2.1.2 Representação da pessoa com surdez	38
2.2 O cinema e o povo Surdo	45
2.2.1 Breve histórico do cinema	45
2.2.2 Acessibilidade cultural para o Surdo	49
2.3 Educação de Surdos e desafios contemporâneos	51
2.3.1 Educação de Surdos no Brasil	51
2.3.2 Desafios contemporâneos para a educação de Surdos.....	59
3 REFLEXÕES E A TRANSFORMAÇÃO	66
3.1. Considerações iniciais	66
3.2 A representação do Surdo nas produções audiovisuais nacionais	69
3.3 Crisálida	71
3.3.1 Momento introdutório ao Crisálida	71
3.3.2 Momento 1 – Curta metragem.....	73
3.3.3 Momento 2 – O filme	83
4 REVELAÇÃO: A BELEZA DAS ASAS.....	98
4.1 O Produto Educacional e sua proposta	98
4.2 Metodologia do Produto Educacional.....	100
4.2.1 Procedimentos metodológicos para a atividade formativa	100
4.2.1.1 <i>Etapas de execução</i>	100

<i>4.2.1.2 Procedimentos para a realização da Dinâmica</i>	102
<i>4.2.1.3 Procedimentos para a aplicação do Questionário</i>	105
4.3 Avaliação e resultados	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES	115

1 ABRINDO O OLHAR

Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

(Raul Seixas)

1.1 Preparando a metamorfose

Ao olhar para o processo de metamorfose pelo qual uma lagarta se torna uma linda borboleta, é possível compará-lo ao espelho da vida humana, pois a saga, desde a minúscula larva até a sublime criatura alada, tem sido uma fonte valiosa de metáforas sobre as mudanças e o crescimento pessoal de uma pessoa. Desta forma, não se constata apenas um desenvolvimento biológico, mas uma narrativa interessante sobre transformação e resistência que ressoa na psique humana. O ciclo de vida da borboleta é composto de quatro fases essenciais, que são o ovo, a larva (lagarta), a pupa (crisálida) e a borboleta adulta, após romper o invólucro e libertar-se do casulo (Corradello, 1987). Cada estágio é fundamental e simboliza uma fase de autodescoberta e mudança, por exemplo, o ovo representa o início, o potencial puro, que nos seres humanos é representado pelo nascimento das ideias e dos sonhos. Jung (1977) sugere que neste estágio está o “arquetipo do herói” adormecido, que surgirá ao longo da vida. Já a lagarta (larva) é a fase em que se consome e se cresce, representando a infância e a juventude da pessoa, sendo o momento em que são adquiridos os conhecimentos, as experiências e as influências externas (Jung, 1977). Piaget (1993) afirma que o desenvolvimento cognitivo nesta etapa é imprescindível para o ser humano, pois é o momento no qual se formula conceitos e paradigmas. Em seguida, vem o estágio de Pupa/Crisálida, que é o momento de introspecção e transformação interior onde ocorre o que se pode chamar um milagre. Este momento de reflexão se compara às transições da vida adulta, em a pessoa enfrenta crises existenciais e questionamentos de identidade, segundo Erikson (1976), a crise identitária é bastante oportuna, pois são nesses momentos que, de fato, o ser humano é formado internamente. Por fim, chegou-se ao estágio da borboleta adulta em que a emersão da crisálida e o desdobramento das asas representam a realização pessoal e a descoberta do propósito de vida da pessoa. Frankl (2008) diz que este estágio, simboliza a capacidade de ultrapassar desafios e realizar o seu potencial pleno. E assim, ver-se na metamorfose da borboleta o espelho

da jornada do ser humano, em que, como pesquisadora, percebo essa dinâmica no meu processo de abrir o olhar em relação à cultura Surda brasileira e suas especificidades, objeto central pesquisado.

Utilizando a metáfora apresentada, posso inferir que a preparação da minha metamorfose para uma sensibilização quanto à Cultura Surda Brasileira originou-se no decorrer da minha segunda graduação em Letras-Libras. Por meio da vivência prática do estágio, as percepções apontavam para a prevalência de que ainda prevalecia uma visão equivocada da surdez e, conseqüentemente do Surdo, que necessitava ser reconfigurada. Frente à superação dessa visão, erroneamente consolidada, demonstrou-se necessária uma mobilização para desvencilhar o Surdo de estereótipos limitadores, dando enfoque à diferença de sua condição linguística.

1.2 Do imaginário ao real: a concretização de ideias e sonhos na prática

Para contemplar o direito linguístico de toda pessoa com surdez, faz-se indispensável investir e fomentar a formação, tanto inicial como continuada e, no meu caso, foi a partir desse incentivo que ingressei no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir dessa língua e sua inserção na sociedade, torna-se possível garantir ao Surdo¹ o acesso ao mundo e a socialização por meio dela, para que possa atuar como protagonista da sua vida. No entanto, não bastam os estudos para aprender os códigos linguísticos, pois a língua também envolve aspectos culturais e sociais que, a princípio, foram compreendidos de maneira mais efetiva por mim em decorrência do contato com as produções audiovisuais que retratam o Surdo.

Como destacado, os filmes constituíram e ainda constituem uma importante ferramenta em todo o processo da minha formação no campo da Libras, pois foram ricamente utilizados tanto na graduação quanto em cursos de aperfeiçoamento e prática da língua, como recurso para elaborar uma melhor compreensão do contexto da cultura surda. Partindo dessa reflexão, adentro na questão dos filmes que permearam a minha formação em Libras. Inicialmente, por meio de uma obra premiada, lançada no ano de 2021, vencedora do Oscar de melhor filme, intitulada “CODA – No ritmo do coração²”. Trata-se de uma regravação inspirada no filme

¹ Nos estudos Surdos, é comum a representação do termo Surdo com o “s” maiúsculo, entendido como sujeito que possui uma identidade Surda, usuário da língua de sinais e não vê sua condição como deficiência (Bubniak, 2016, p. 11).

² CODA é uma abreviatura do inglês *child of deaf adults* (CODA...2021)

francês “A Família *Belier*”³, que também esteve em evidência por fazer emergir uma polêmica da obra original, que diz respeito à escolha do elenco, cuja interpretação de personagens Surdos foi realizada por pessoas ouvintes, também denominadas “falsos Surdos”, ou seja, ouvintes que interpretam esse papel na ficção. Esse filme trouxe para mim um olhar sobre a questão da representatividade surda, uma vez que a interpretação dos personagens surdos por atores ouvintes causou polêmica e gerou discussões, as quais foram importantes para a continuação do meu processo de metamorfose e descortinamento em relação à Cultura Surda Brasileira, reforçando percepções significativas para minha formação continuada (A Família ..., 2014).

Outro filme que também se vincula à representatividade é a recente produção cinematográfica, de abrangência mundial, “A Pequena Sereia”, que também abordou essa questão de relevância significativa. O filme traz à tona uma emoção que estava adormecida no imaginário infantil, gerando uma grande provocação em relação à representatividade. A polêmica se deu em torno da questão racial e teve um grande impacto na indústria cinematográfica, revelando a importância da diversidade na narrativa. Esses reflexos se estenderam e ressoaram para uma reflexão social mais ampla, sobre identidade e protagonismo.

O referido filme retrata a versão realista - *live action* - do clássico infantil de animação “A Pequena Sereia”, cuja polêmica se estabelece em torno da escolha da atriz para interpretar a personagem principal, Ariel (Walt Disney Pictures, 1989). A defesa pela escolha de uma atriz com características que se aproximam da personagem original, que na animação é uma sereia ruiva, configurou-se de modo explícito. Porém, essa pode ser considerada uma visão limitada, pois ignora a oportunidade de permitir representatividade para um grupo sub-representado no cinema, no caso, as pessoas negras⁴. A escolha da jovem atriz negra, Halle Bailey, para interpretar Ariel tem um impacto positivo e relevante, pois abre espaço para a discussão sobre diversidade e inclusão. Também descortina um horizonte de significação, mostrando às crianças negras, bem como a todos os grupos, o direito de ocupação dos diversos espaços, inclusive, sendo protagonistas de histórias mágicas e encantadoras.

O filme também apresenta uma situação de barreira comunicativa, quando a vilã Úrsula, ao atender o desejo da sereia de possuir pernas, o faz por meio de uma magia que, em troca,

³ *Link* para acessar mais informações sobre os filmes, sua relevância e a discussão sobre a questão que envolve a escolha do elenco. Filme disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-214860/criticas-adorocinema/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

⁴ Faço referência ao movimento negro de resistência contra o racismo, que ao longo da história se fortalece na luta social por representatividade. Essa luta se estende aos demais grupos e culturas marginalizados, classificados como “minorias”, no caso dos Surdos, minoria linguística. Ambos lutam por espaço e reconhecimento de direitos.

subtraí a sua voz, que é a única referência pela qual o príncipe a reconheceria, o som do seu canto, o canto da sereia. Embora, a situação representada não tenha uma relação direta com a surdez, nota-se, na mesma situação, que a comunicação não se estabelece. Isso me fez refletir como espectadora nesta passagem, uma certa conexão que se estabeleceu no campo das emoções com as situações comunicativas representadas em filmes que retratam a surdez, na relação de Surdos e ouvintes que não conhecem a Libras. Estas barreiras se fazem presentes em situações cotidianas, que se revelam na convivência com pessoas Surdas que relatam os entraves provenientes da dificuldade na comunicação com ouvintes nas diversas esferas de socialização.

No momento, atuo em dois vínculos empregatícios efetivos, sendo um na rede estadual e outro na rede municipal de ensino. Inicialmente, essa situação me proporcionava uma sensação de estabilidade e, em certa medida, conforto profissional. No entanto, essa realidade começou a mudar quando surgiu a oportunidade de participar de um programa de formação continuada associado à rede municipal. Essa oferta não apenas despertou meu interesse por aprimorar minhas competências, mas também me levou a refletir sobre a importância da formação constante para o desenvolvimento profissional e a transformação do ambiente educacional em que atuo. Essa experiência foi crucial para moldar meu olhar sobre as práticas educativas e as dinâmicas institucionais, impulsionando-me a investigar mais a fundo as questões relacionadas à formação de professores e aos desafios enfrentados nas diferentes redes de ensino.

Em 2016, aos 37 anos, retomei meus estudos com uma especialização em Libras com ênfase em interpretação. Esse passo foi motivado por um interesse latente desde a infância, manifestado quando tive o contato visual em um programa de televisão destinado ao público infantil, experiência que revela a curiosidade pela língua de sinais presente no meu imaginário. Ao voltar aos estudos, percebi que Libras não se limita a sinais e códigos, mas envolve também importantes dimensões culturais e sociais. Influenciada por meu professor da disciplina de Libras no curso de especialização, fiz um caminho inverso e decidi cursar Letras Libras com o intuito de praticar a língua e desenvolver fluência. Contudo, o enfoque teórico do curso e a predominância de material em Língua Portuguesa dificultaram esse objetivo. Ao perceber a tamanha complexidade na apropriação da língua, a necessidade da prática para desenvolvê-la, além de um maior aprofundamento nos estudos para compreensão da Cultura Surda e educação das pessoas Surdas, iniciei um curso em uma escola local de Libras, ministrado por professores Surdos e ouvintes, aliando teoria à prática. No período pandêmico foi necessário o afastamento

desse curso, mas, ao ingressar na pós-graduação retomei os estudos, que para mim é uma grande satisfação.

Ao mencionar o tema da satisfação, destaco como a principal motivação que me levou a estudar a Libras, foi o desejo de oferecer um atendimento adequado aos Surdos no meu campo de atuação. Como Assistente Técnico em Educação Básica, atendo ao público na rede estadual, que, atualmente, inclui estudantes Surdos, e, após 25 anos de experiência, no que tange à educação de Surdos percebo que a inclusão ainda é insatisfatória. A inclusão se faz presente visualmente nas adaptações físicas, às vezes referências visuais sobre a Libras, mas a verdadeira efetivação dessa língua no ambiente educacional é limitada. É necessário promover ações inclusivas e desenvolver estratégias que integrem a Libras de maneira mais significativa, garantindo um suporte adequado aos alunos Surdos.

1.3 Explorando o sensível: caminhos para a compreensão

No atual cenário tecnológico e interconectado, as redes sociais, os inúmeros aplicativos e as plataformas de vídeos têm se mostrado eficazes para conectar e mobilizar pessoas, além de serem ferramentas úteis, que podem ser aproveitadas com mais eficiência no âmbito educacional. Dessa forma, em busca de representações fílmicas de caráter nacional, tive acesso a uma produção audiovisual bilíngue nacional, que retrata de forma ficcional a realidade de um jovem Surdo frente aos dilemas familiares e sociais em ambientes que, se encontram configurados para uma sociedade ouvinte, como, por exemplo, o contexto educacional. De acordo com Duarte (2002), a chamada “impressão da realidade”, cujo efeito de realidade está contido nos filmes que, de certa forma, nos aproxima da arte do cinema e é a base do seu sucesso. Nesse sentido “precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade. Embora não possamos viver em um mundo de fantasias, temos necessidade de sair um pouco do mundo real para aprender a lidar com ele” (Duarte, 2002, p. 69, 70).

A produção intitulada “Crisálida”⁵ é inédita e inovadora e faz parte do Projeto de mesmo nome, criado em 2014. Este Projeto é composto por um curta-metragem chamado “Crisálida” (gravado em janeiro de 2015), por uma série nomeada também de “Crisálida” (primeira temporada filmada em janeiro de 2018) e pelo longa metragem “Crisálida - o filme” (produzido

⁵ Para informações sobre a produção, *trailers*, fotos e *making of* acesse as redes sociais *Instagram* ([instagram.com/seriecrisalida](https://www.instagram.com/seriecrisalida)) e *Facebook* ([facebook.com/seriecrisalida](https://www.facebook.com/seriecrisalida)). Além do *site* ([seriecrisalida.com.br](https://www.seriecrisalida.com.br)) e do canal no *Youtube* (<https://www.youtube.com/c/seriecrisalida>), que estão disponibilizados também materiais de *making of*, (Pinho *et al*, 2023, p. 104).

em 2019). A série é composta de quatro episódios, na primeira temporada de 2018, exibida em duas pré-estreias em Florianópolis e uma no Festival internacional de curtas-metragens de Brasília (Pinho *et al.*, 2014). Em 2019, a Série “Crisálida” foi convidada a compor a programação oficial do 47º Festival de Cinema de Gramado. Também foi exibida em 26 universidades federais brasileiras, entre 23 e 26 de setembro de 2019, na comemoração do dia Nacional dos Surdos que ocorre em 26 de setembro. O evento foi promovido em parcerias com os coordenadores dos cursos de Letras Libras de universidades federais em todas as regiões do país (Pinho, 2023). A título de informação, a segunda temporada da série, composta por seis episódios, estreou recentemente, no dia 3 de novembro de 2024, cuja exibição ocorreu na TV Cultura, sendo apresentado um episódio a cada domingo. Em virtude de o lançamento ocorrer na fase final desta pesquisa, inviabilizou a sua participação neste trabalho.

Embora evidenciado que o material tenha circulado em diversos eventos, foi para mim motivo de surpresa saber que o projeto iniciado em 2014/2015, esteve disponível no catálogo de *streaming* da *Netflix*⁶ de 2020 até o início de 2023. No momento que tomei conhecimento do material, mediante buscas direcionadas pelo desenvolvimento da pesquisa já não estava na plataforma. O mais intrigante é que, apesar de estar em contato com as questões que envolvem os Surdos, fazer parte de grupos em aplicativos de conversa que envolvem essas discussões e frequentar escola de Libras, não observei essa ampla divulgação na comunidade que me insiro. Apenas em contato com a proprietária da escola, numa conversa direcionada sobre a procura de materiais audiovisuais sobre o tema, é que tive acesso a esse material, que no momento não fazia parte do catálogo da plataforma. O acesso foi possível mediante contato com a produtora, que prontamente disponibilizou o material para uso na pesquisa. A riqueza identificada nesse projeto, que apresenta recursos inovadores por meio de legendagens simultâneas, sendo a janela em Libras e sua potência inclusiva, foram propulsores no despertar do interesse de verificar esse recurso e seu potencial para promover melhor acessibilidade cultural da pessoa Surda e, para o ouvinte, compreender mais sobre a surdez como uma especificidade linguística.

Nesse contexto e com base em minha experiência formativa, os materiais audiovisuais nesse estudo serão explorados para aprofundar as questões relacionadas aos Surdos e à Libras, traçando o caminho para a interface cinema e educação. Dessa forma, parte-se para a escolha da abordagem do cinema educativo como suporte para as reflexões, que pode iluminar o tema

⁶ Estreou em 26 de setembro de 2019, na TV Cultura. É a primeira série dramática bilíngue (Libras/Português) produzida no Brasil e, devido à grande repercussão que obteve por parte do público e da imprensa, passou a fazer parte do catálogo de um dos maiores canais de streaming do país (Mattos, 2023, p. 17).

com esse importante recurso cultural que envolve e encanta o espectador. Além disso, os filmes constituem uma ferramenta útil na formação, tanto de alunos como de professores.

Outra problemática ligada ao contexto desta pesquisa consiste na aplicação da Lei 13.006/2014 que prevê a obrigatoriedade da exibição de duas horas mensais de produção audiovisual nacional como componente curricular complementar, integrado à proposta pedagógica das escolas da Educação Básica. De acordo com Aumont e Marie (2006), pensando na concepção de material audiovisual como as “obras que mobilizam ao mesmo tempo imagens e sons”, sendo o cinema, por natureza procedente das “indústrias do audiovisual”, surge uma preocupação com a experiência do estudante Surdo. Esta preocupação está ligada em pensar no momento de planejamento das atividades que envolvem ao uso de materiais audiovisuais, quais seriam os conhecimentos mobilizados para essa tarefa demasiadamente complexa?

Em meio às percepções e reflexões, também surgiram os questionamentos: Qual experiência é proporcionada aos estudantes Surdos com filmes? Quais as demandas desses estudantes? De que forma uma produção bilíngue, que dialoga com a cultura Surda e ouvinte pode refletir em melhores práticas de inclusão dos Surdos? No entanto, ainda se fazia necessário trazer outros elementos a estes questionamentos, partindo da compreensão de cultura Surda e das relações interculturais entre as pessoas Surdas e ouvintes e a sua constituição na dinâmica social.

Para Bourdieu (1998), ao longo da vida somos moldados pelos estímulos a que somos submetidos ao longo da vida, que vai nos moldando e incorporando um conjunto de ações e percepções ao nosso modo de viver, o que é denominado “*Habitus*”. Esse conceito consiste em um “sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos e que seriam predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações” (Nogueira; Nogueira, 2013, p. 24).

Para delimitar o tema a ser abordado, considerou-se que existe uma lacuna na formação docente voltada para o campo da surdez, de forma específica e em conformidade com a legislação vigente. Na minha vivência institucional constatei que tanto eu quanto meus pares não fomos contemplados com uma formação direcionada à inclusão desse público, uma vez que a legislação, como por exemplo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), a Lei n. 13.146/2015, é posterior ao período formativo. Tal fato me levou a buscar e se manter nesse importante processo formativo. Ademais, a legislação tem sido constantemente atualizada e, para atender adequadamente a esse público, é necessário criar condições favoráveis ao aperfeiçoamento.

A formação no âmbito do atendimento a estudantes Surdos é complexa e requer prática contínua. Nesse sentido, consolidou-se a ausência de ações efetivas para formação continuada

de professores e a necessidade de fomento para o desenvolvimento profissional frente aos desafios da educação dos Surdos.

Diante do exposto, a questão central de pesquisa deste estudo se constitui: Quais especificidades são compreendidas da Cultura Surda Brasileira, a partir das reflexões presentes no audiovisual *Crisálida*, mediadas pela interface cinema e educação?

Partindo da exposição dos temas que permeiam esta pesquisa, destaca-se a seguir os objetivos a serem alcançados com estudo.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as especificidades da Cultura Surda Brasileira, a partir das reflexões presente no audiovisual *Crisálida*, mediadas pela interface cinema e educação. Os objetivos específicos são:

- a) caracterizar a Cultura Surda Brasileira, a partir de elementos socioeducacionais (família, escola e sociedade), presentes nas representações do audiovisual *Crisálida*;
- b) identificar a relação entre a Cultura Surda Brasileira e os elementos socioeducacionais (família, escola e sociedade) que influenciam na representação dos Surdos;
- c) discutir os aspectos da Cultura Surda Brasileira presentes no audiovisual *Crisálida*, tendo como base os conceitos de Pierre Bourdieu e Rosália Duarte, mediada pela interface cinema e educação;
- d) elaborar proposta de intervenção educativo-educacional, “Cine Educação Formação – Abrindo o olhar para a cultura surda”, para formação de professores na sensibilização da cultura surda, a partir do audiovisual *Crisálida*.

1.4 Justificando a necessidade do descortinamento

Esta pesquisa foi inicialmente motivada pelas experiências no meu processo de estudos da Libras, especialmente ao constatar que as representações sobre a surdez foram moldadas por um processo histórico marcado por uma perspectiva colonizadora. Ao refletir sobre como uma percepção equivocada pode influenciar as ações e comportamentos, mesmo de forma não intencional, por meio de atitudes carregadas de preconceitos e estigmas em relação às pessoas Surdas, pode-se perceber que essas influências têm um impacto negativo nos processos sociais e de socialização. Nesse sentido, surgiu a iniciativa de buscar estratégias que proporcionem ao público, especialmente aos ouvintes, um acesso facilitado às informações sobre a comunidade

surda, considerando sua construção identitária e cultural. O objetivo é possibilitar a desconstrução de estereótipos e a ressignificação das percepções sobre essa realidade.

Reconhecer o direito linguístico das pessoas Surdas requer uma abordagem que valorize a visualidade, alinhando-se com a proposta formativa com foco no aspecto visual que objetiva este estudo. Para tanto, fez-se a opção pelo audiovisual bilíngue nacional “Crisálida”, que reproduz as vivências e explora especificidades importantes quanto as características linguísticas e identitárias para a compreensão da cultura Surda. São poucos os estudos realizados sobre esse material. O recorte aqui realizado propõe reflexões que possibilitem a construção de uma visão mais sensível no ambiente escolar para o atendimento aos estudantes mencionados.

Ao abordar especificamente sobre a Cultura Surda Brasileira, considera-se que o projeto “Crisálida”, possa contribuir para a percepção de situações de problemas e conflitos relativos aos aspectos educacionais, culturais e familiares, apresentados e representados na trama. Utilizando o material em sua dimensão pedagógica, como fonte de conhecimento e reconhecimento da Cultura Surda, por meio das vivências cotidianas apresentadas no audiovisual, levam a perceber as potencialidades e protagonismo Surdos. Além do seu caráter lúdico e de entretenimento, o cinema é também uma ferramenta educativa, “se pensarmos a educação como um processo de socialização” (Duarte, 2002, p. 14).

Ainda acerca do audiovisual bilíngue, é importante destacar de forma positiva e enriquecedora, a presença dos diversos recursos acessíveis utilizados para oferecer uma experiência cinematográfica inclusiva e valorizadora da diversidade. O cinema, reconhecido por seu potencial de encantar o espectador e, em certa medida, influenciar a sociedade, desempenha um papel importante para as construções de visão de mundo. Quando as histórias sobre os Surdos são apresentadas por uma visão voltada para a aquisição da fala, carrega consigo uma perpetuação de estereótipos e limitações. Já quando suscita narrativas voltada para as especificidades linguísticas e culturais, amplia o entendimento pela visão da diferença cultural, que é libertadora.

Por isso, é importante que a diversidade seja valorizada e incentivada nas narrativas cinematográficas, afinal, o mundo é diverso e as histórias contadas no cinema podem refletir nas impressões que o público formula. De acordo com Duarte (2002), a chamada “impressão da realidade” presente nos filmes está diretamente relacionada às nossas percepções e, de certa forma, nos aproxima da arte do cinema, que é a base de seu sucesso. Nesse sentido, a ficção e realidade se conectam e através da imaginação construída a partir das narrativas, de certa forma, conseguimos refletir um pouco sobre a nossa própria existência, ao entender que “precisamos

da ficção tanto quanto precisamos da realidade. Embora não possamos viver em um mundo de fantasias, temos necessidade de sair um pouco do mundo real para aprender a lidar com ele” (Duarte, 2002, p. 69-70). Isso pode ser exatamente o que o audiovisual “Crisálida” propõe ao seu entorno, na sociedade em que o surdo se insere.

Nesse sentido, entendo que se pode promover uma maior conexão emocional e criação de laços entre o público e a obra selecionada, além de incentivar a valorização de diferentes culturas e perspectivas, enriquecendo a experiência cinematográfica de todos os espectadores. No contexto da comunidade Surda, a sétima arte pode desempenhar um papel igualmente relevante ao oferecer visibilidade e representatividade para esse grupo muitas vezes negligenciado.

Além disso, espera-se que este estudo, utilizando audiovisual “Crisálida”, contribua, ainda que indiretamente, para abrir espaço para diferentes comunidades nos espaços que envolvem a criação da sétima arte, ampliando as oportunidades de participação de profissionais de diferentes origens e culturas, a fim de valorizar a representatividade tanto na tela quanto nos bastidores. Optar por um elenco e equipe de produção mais inclusivos pode possibilitar que diferentes comunidades se identifiquem com os personagens e se sintam representadas no cinema.

Uma importante referência para esta pesquisa é a professora e pesquisadora Doutora Karin Lilian Strobel⁷, cuja produção acadêmica e literária é de grande valor, abordando temas, cuja experiência enquanto pessoa Surda é indispensável a este estudo. Em seus relatos, ela apresenta fatos históricos, vivências e conceitos essenciais que fundamentam a análise realizada.

As autoras Perlin e Strobel (2006, p. 34) afirmam que a cultura possibilita uma forma de “construir significados e símbolos que influenciam e direcionam nossas ações com as quais podemos nos identificar, construir nossa identidade enquanto surdos, identificar e dar sentido aos significados e significâncias como grupo, ou como povo”. Strobel (2009) apresenta que o

⁷ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente compõe equipe de Letras/Libras da UFSC lecionando disciplinas relacionadas a educação de Surdos e à Libras, está à frente da coordenação geral de Letras Libras desde 2013. Possui experiência com ênfase em Educação, principalmente nos seguintes temas: língua de sinais, educação, surdos, linguística e metodologia de língua de sinais. Como mulher surda que também protagonizou muito dos momentos históricos que são resgatados durante a trajetória de vida, tanto como? surda? quanto profissional da área, pretendo realizar muitos projetos que retrate positivamente e vitoriosamente em prol aos movimentos surdos. Informações retiradas do Currículo Lattes da pesquisadora. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6652911914719737> . Acesso em: 10 fev. 2025

povo Surdo⁸ é constituído por um grupo de sujeitos que “têm costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão”. Nesse sentido, a forma com que o povo Surdo se organiza, nos diversos locais no âmbito social, como associações de Surdos, igrejas, dentre outros, constitui a comunidade Surda, que “na verdade não é só de Surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns” (Strobel, 2009, p. 6).

Ao abordar as especificidades desse povo, espera-se nesta pesquisa enfatizar e refletir também, a partir da análise da produção audiovisual “Crisálida”, a representatividade e inclusão do Surdo/povo Surdo. Embora participe da comunidade Surda como estudante de Libras, particularmente, faço a opção por adotar uma perspectiva de “não surdo”⁹ ciente da importância de estimular a visibilidade da Libras na sociedade, que, indiretamente, tem como consequência final propor iniciativas para popularizar esta língua nas instituições de ensino, especialmente, na que estou vinculada. Conforme prevê o Decreto nº 5626/2005, é função do Poder Público buscar as medidas e fomentar a Libras e ainda garantir o acesso das pessoas Surdas à educação e demais serviços públicos, por meio das “empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras”, Brasil (2005). As ações que objetivam a implementação dos dispositivos legais, apontam para uma necessidade de formação de pessoas para o exercício das funções nela previstos, de forma a garantir o alcance efetivo dos direitos, conforme Artigo 28º do Decreto nº 5.626/2005:

[...] Art. 28. Os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, devem incluir em seus orçamentos anuais e plurianuais dotações destinadas a viabilizar ações previstas neste Decreto, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de

⁸ A expressão “povo surdo” é bastante utilizada na literatura da área, sendo entendida como sendo a comunidade surda, que se comunica pela Língua de Sinas. Neste sentido Calvet (2007, p. 67, grifo nosso) coloca que “[...] a língua é um dos elementos primordiais de uma cultura, em outras palavras, a atividade linguística contínua é um elemento constitutivo das identidades culturais de um povo, no caso, **o povo surdo** com sua **comunidade surda** (Calvet, 2007, p. 67). Segundo Strobel, a comunidade surda é “o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as idéias (sic), as crenças, os costumes e os hábitos do **povo surdo**.” (Strobel, 2009, p. 27, grifo nosso).

⁹ O termo “não surdo” conforme Anjos (2017, p. 16) foi atribuído para identificar os “indivíduos que tem vínculo com as Comunidade Surda e se comunicam através da língua de sinais, vivenciando o universo Surdos e compartilhando artefatos culturais dessa comunidade”.

Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto (Brasil, 2005).

Por fim, espera-se que o aprofundamento nas questões elencadas nesta pesquisa possa levantar discussões importantes para o campo, despertando um novo olhar sobre os desafios que se impõem na perspectiva de promover mecanismos de superação.

1.5 Procedimentos metodológicos

A investigação se insere no campo da Sociologia da Educação, utilizando a análise fílmica como mecanismo de interpretação da sociedade. Por meio de uma pesquisa exploratória, baseada em um estudo teórico com enfoque qualitativo, o trabalho se concentrará, de maneira específica, na análise de representações. Além disso, a pesquisa também se caracteriza como bibliográfica e documental.

Inicialmente buscou-se instrumentos de análise em materiais bibliográficos e documentais. Gil (2002), Martins e Theophilo (2009) e Cechinel *et al* (2016), apontam que, embora haja uma proximidade entre essas duas pesquisas, a principal característica que as diferenciam consiste na origem das fontes. A bibliográfica “se embasa diretamente nas fontes científicas e materiais impressos e editados”, já a documental “levanta materiais que ainda não foram editados, ou que ainda não receberam um tratamento analítico suficiente”.

A inclusão de fontes bibliográficas utilizou como critério a delimitação do período posterior ao lançamento do material audiovisual que é objeto da análise neste estudo, ou seja, a partir de 2015, alinhado com as legislações que tratam da inclusão e acessibilidade referentes aos Surdos, especialmente com enfoque no processo socioeducacional.

A busca documental parte de uma avaliação do documento para verificar sua pertinência e afinidade com o tema, “realizando o exame e a crítica do mesmo, sob o olhar dos seguintes elementos: contexto, interesses, confiabilidade, natureza dos textos e conceitos-chave” (Cechinel *et al*, 2016; Gil, 2002, Martins; Theophilo, 2009;). Com base nesses autores, é responsabilidade do pesquisador avaliar, de acordo com as necessidades do estudo, os aspectos que fundamentam as análises. Assim, definiu-se o contexto como um dos elementos, o qual foi estabelecido levando em conta minha experiência de formação continuada sobre o tema em questão, objeto de meu interesse.

A confiabilidade do material foi avaliada por meio das buscas em repositórios institucionais e em banco de teses e dissertações, vinculados ao banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com filtros que garantiram

qualidade e precisão do material recuperado, uma vez que foram fontes científicas revisadas por pares. Utilizou-se como referência um estudo intitulado de “Estado de conhecimento: formação docente com foco na educação inclusiva para Surdos”, de Wagner Guimarães, Maristela Félix dos Santos e Renildes de Melo Souza, de 2024, no qual consta um mapeamento das produções científicas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com as palavras-chave “educação inclusiva”, “Surdo”, “Educação básica” e “Formação continuada”, que constatou uma escassez de produção científica sobre a temática na educação inclusiva para aluno Surdo, no recorte temporal de 2010 a 2020. Nesse período foram encontrados apenas 11 trabalhos publicados, dos quais nove são dissertações de mestrado e duas teses, concentradas em sua maioria na região centro-oeste (Guimarães; Santos; Souza, 2024). Para obter um panorama atual, com os mecanismos de busca já descritos, realizou-se uma nova pesquisa em período posterior ao estudo, que compreende os anos de 2021 a 2023. A busca remeteu a 8 dissertações sobre o tema, uma em especial apresenta a Libras e cultura Surda na formação continuada de professores, conforme segue:

- 1) Gois (2023) – Pesquisa de mestrado intitulada “a complexidade no ensino de ciências para estudantes surdos em classes regulares”, de 2023.
- 2) Felício (2023) – Estudo de mestrado profissional, intitulado “Um curso de formação continuada para professores de Ciências/Química: saberes da educação de surdos”, de 2023;
- 3) Bandeira (2023) – Pesquisa de mestrado, dissertação intitulada “Uma análise de percepções de pedagogos surdos do estado de Rondônia acerca do processo ensino e aprendizagem da matemática”, de 2023;
- 4) Barroso (2023) – Pesquisa de doutorado, tese que aborda a “Reflexão Colaborativa, ensino de língua portuguesa e acessibilidade linguística junto ao estudante surdo no ensino médio”, de 2023;
- 5) Padilha (2022) – Pesquisa de mestrado profissional, denominada “As práticas pedagógicas na educação de surdos nas séries finais da educação básica”, de 2022;
- 6) Bayer (2021) – Estudo de mestrado profissional sobre “Sons no silêncio: a música como estratégia pedagógica no processo comunicativo entre estudantes ouvintes e surdos”, de 2021;
- 7) Almeida (2021) – Um estudo de mestrado profissional sobre “a percepção de professores do ensino básico sobre uma atividade didática com o conteúdo de pH a ser aplicada em uma sala de aula com aluno surdo”, de 2021;

- 8) Silva (2021) - Estudo em um mestrado sobre “Ad formação inicial dos licenciandos em matemática para atuação com alunos surdos: contribuições do curso de matemática da UNIR *campus* Ji-Paraná”, de 2021.

Os estudos acima serviram de referência para a presente pesquisa, uma vez que foram localizados poucos estudos sobre a temática. No entanto, ao localizar uma pesquisa, a de Mattos (2023), intitulada “O protagonismo Surdo: a representação da surdez em *Crisálida*”, que buscou compreender como a cultura Surda é representada nas narrativas presentes nas mídias”, foi possível ter clareza de que alguns estudos já abordaram o Projeto *Crisálida*, porém nenhum apresentou o recorte aqui proposto e realizado. Por exemplo, o estudo de Mattos (2023) constata que *Crisálida* já foi tema de pesquisas educacionais, no entanto, os enfoques utilizados, embora se relacionem com esta pesquisa, não se vinculam diretamente com a abordagem adotada.

Prado, Romero e Pereira (2019), apenas citam o *Crisálida* quando ainda se tratava do curta-metragem, sob o enfoque da representação sonora e audiovisual, em que analisam possibilidades de representação do som na cultura Surda. Ramos (2020), utiliza o enfoque pedagógico e problematiza aspectos da série para elaborar sequências didáticas para o trabalho junto ao aluno Surdo, cujo enfoque consiste no processo de escolarização desse estudante. A proposta de Rosado e Taveira (2020) consiste na análise de um grupo de vídeos digitais, nos quais haja a predominância da Libras cujo foco sejam as perspectivas visuais. Embora *Crisálida* possua tais características, também é apenas mencionado como exemplo. Ataíde, Furtado e Silva-Oliveira (2020) citam o audiovisual enquanto ainda se tratava de um projeto-piloto e discutem sobre políticas de educação inclusiva, tecendo reflexões sobre a promoção da inclusão. Já Azevedo e Araújo (2021), que pesquisam a indústria audiovisual, discutindo a acessibilidade cultural e comunicacional para indivíduos com deficiência, também citam a série, mas não trazem análise em profundidade. Esses autores mencionam a série, destacando-a como uma produção acessível disponibilizada em plataformas de *streaming Netflix, Globoplay e PingPlay*¹⁰. Posteriormente, o tema foi aprofundado por Azevedo (2023), em um artigo intitulado a “Inclusão de personagens surdos na ficção seriada americana e brasileira”, ao discutir as implicações sobre como a presença e participação de profissionais Surdos nas produções promovem acessibilidade e qualidade nas narrativas. Cabe observar que os estudos foram importantes para a delimitação desta pesquisa, mas ainda que os trabalhos citados se articulem de alguma forma, destaca-se que foi realizado um recorte diferente nesta pesquisa na

¹⁰ “Plataforma de filmes acessível para pessoas com deficiência visual e auditiva (Mattos, 2023, p. 18).

conexão da formação por meio de uma mídia, utilizando para isso o audiovisual bilíngue Crisálida.

Também em uma busca por artigos relacionados, consultou-se o Portal de Periódicos da CAPES, foram obtidos 17 artigos que evidenciam a importância da formação continuada e da mobilização de recursos para este fim, além de alguns citarem a escassez de teses e dissertações e falta de conhecimento da cultura Surda como fatores que interferem negativamente na educação do Surdo. Esse percurso foi importante para delinear a proposta de intervenção concretizada na elaboração de uma formação educativa-educacional. Destaco a importância de estar atento às necessidades.

Este processo metodológico incluiu uma análise comparativa de diversas fontes de dados, como materiais audiovisuais, literatura e experiências pessoais, configurando o estudo também como uma abordagem interpretativa ou fenomenológica.

1.6 Organização e estrutura da dissertação

A estrutura da dissertação se organiza em cinco seções. A seção 1 contempla uma introdução da dissertação, onde, inicialmente, é apresentada uma contextualização utilizando a metáfora da metamorfose da lagarta, seguida pelo meu percurso formativo e pelas minhas motivações. Depois é apresentada a pergunta de pesquisa, os objetivos geral e os específicos, a justificativa, os procedimentos metodológicos necessários para sua execução da pesquisa, finalizando com a estrutura de organização da dissertação.

A seção 2 contempla embasamento teórico da pesquisa com o contexto histórico do povo Surdo, as concepções e estigmas construídos nesse processo, a educação dos Surdos à luz da legislação e a luta pelo reconhecimento da cultura e identidade Surda, dentre outros.

A seção 3 traz a relação do cinema e educação no processo de formação e reflexão sobre as relações sociais, mediado pela análise fílmica do material audiovisual escolhido para esta pesquisa, seguindo com apresentação das análises elaboradas e os resultados encontrados.

A seção 4 contempla a proposta do produto educacional, que propõe um itinerário formativo ao docente, visando aprimorar o atendimento educacional a alunos surdos, respeitando suas especificidades

Por fim, a seção 5 com as considerações finais da pesquisa e possibilidades de estudos futuros a serem realizados.

2 O FIO CONDUTOR: ENTRELAÇANDO O CASULO

Ideias minhas,
que afloravam cada vez mais em maior número diante da vida ao meu redor,
ficavam sufocadas em algumas dezenas de palavras aprendidas e repetidas,
tudo muito frio.

Eu estava expandindo o meu mundo
e necessitava de uma língua
em que pudesse me identificar
e isto era reprimido pelos professores que deveriam me encorajar.

(Karin Lilian Strobel)

2.1 Descortinando a compreensão sobre a surdez

Esta seção visa apresentar o Surdo e seu desenvolvimento comunicativo, trazendo compreensões sobre as lutas e desafios para sua atuação mais ativa e autônoma como membro da sociedade. Para tanto, se faz necessário iniciar com uma contextualização histórica, que aborde as questões sociais, educacionais e culturais que envolvem essa experiência. A análise histórica permitirá entender como se formaram as percepções preconceituosas acerca da surdez, além de facilitar uma compreensão mais aprofundada das relações sociais entre Surdos e ouvintes, bem como dos aspectos culturais que permeiam essa dinâmica. Também examina-se a relevância da educação como um eixo essencial de socialização durante a infância e, ao longo da vida, num processo que se entrelaça com as particularidades culturais. Antes de iniciar a explanação propriamente dita, faz-se necessário tecer reflexões sobre a surdez, com um olhar que vai além do ouvir.

Primeiramente, será feita uma breve exposição sobre o contexto histórico da surdez. Ao longo de sua trajetória, as pessoas Surdas enfrentaram diversos obstáculos educacionais e sociais que comprometeram seu processo de inclusão e socialização. Essas barreiras foram sustentadas por concepções equivocadas, que frequentemente resultaram na exclusão social, negando a esses indivíduos o acesso à educação, à informação e, até mesmo, à comunicação. Para entender a realidade atual e as lutas que ainda enfrentam, é essencial levar em conta a

contextualização histórica da surdez, que nos oferece uma visão sobre a trajetória dessas pessoas e as diferentes abordagens discutidas ao longo desta pesquisa.

2.1.1 Perspectiva histórica da surdez

Desde a Antiguidade, os indivíduos com deficiência, incluindo os Surdos, enfrentam desafios para obter o reconhecimento de seus direitos. Os estudos acerca do direito dos Surdos a uma educação de qualidade e ao reconhecimento oficial de sua língua nos diversos segmentos da vida social estão alicerçados em lutas que se desdobram e abrangem aspectos históricos, sociais, políticos e educacionais. Cabe ressaltar que, nesta análise, foram escolhidos apenas alguns recortes da complexa história desse povo, a fim de evidenciar os avanços e retrocessos, resistências e conquistas que marcam sua jornada em busca de inclusão e valorização.

Utilizando como base a pesquisa de Strobel (2009), que faz o delineamento desse percurso histórico, é possível perceber como se como conceberam as construções simbólicas sobre o povo Surdo, com base em uma visão distorcida que, não apenas reflete a falta de compreensão sobre a surdez, também influenciou nas práticas políticas, educacionais e sociais ao longo dos séculos.

Na Antiguidade, a surdez foi associada à ideia de que os indivíduos Surdos não eram educáveis, e essa crença levou à exclusão social desses indivíduos. A sociedade, em geral, vinculava a surdez à falta de inteligência, resultando em atrocidades como escravidão e até condenações à morte. Em Roma, os Surdos e mudos de nascença eram considerados pessoas enfeitiçadas ou castigadas pelos deuses sujeitas a sacrifícios, à rejeição, abandono ou eram lançados no rio Tibre visando seu desaparecimento. Por serem considerados inválidos e inconvenientes na sociedade, na Grécia eram condenados à morte e lançados de penhascos e nas águas de *Barathere*. Nos dois casos os que sobreviviam ou escapavam por serem escondidos pelos pais, viviam de forma miserável, eram submetidos a trabalhos escravos em locais isolados sem direito a bens como herança. No Antigo Egito e Pérsia, eram vistos como pessoas especiais, considerados protegidos divinos devido à crença de que podiam se comunicar secretamente com os deuses. Por essa razão, embora fosse demonstrado respeito e valorização às pessoas Surdas, não levavam uma vida ativa e não recebiam educação, de acordo com Strobel (2009).

Na Idade Média, a Igreja Cristã condenou o infanticídio e considerou os Surdos como imbecis, atribuindo suas “anormalidades” a causas sobrenaturais. Havia uma crença na inferioridade dos Surdos, que, por não falarem, eram vistos como incapazes de entender os

dogmas religiosos, confessar pecados e, portanto, alcançar a salvação divina. Isso resultava na impossibilidade de casamentos e heranças para eles.

A visão de que os Surdos eram irremediavelmente não educáveis e considerados seres irracionais e primitivos persistia, levando à sua marginalização como pessoas doentes e sem acesso à alfabetização e instrução. (Strobel, 2009). Até o século XV, essas pessoas viveram marginalizadas, isoladas do convívio social.

No final da Idade Média, uma nova concepção de que os Surdos tinham a capacidade de aprender, levou ao início da educação formal voltada para as pessoas Surdas. Pedagogos se propuseram a trabalhar na alfabetização do Surdo com intenção de fazê-los “desenvolver seu pensamento, adquirir conhecimentos e se comunicar com o mundo ouvinte”. Para o alcance desse objetivo, procurava-se ensiná-los a falar e a compreender a língua falada, em meio a outras estratégias, de acordo com Lacerda (1998). Ainda de acordo com a autora, não é possível saber como esses métodos eram conduzidos, pois eram restritos a quem os utilizava e não era habitual a troca de experiências. No século XVI, no período de 1510 a 1584, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de León, reconhecido como o primeiro professor de Surdos da história, desenvolveu uma metodologia inovadora de educação para Surdos que englobava a datilologia, escrita e oralização. Seu trabalho ganhou destaque quando foi chamado para educar crianças nobres, utilizando o alfabeto manual ou datilológico, permitindo que essas crianças fossem reconhecidas legalmente como cidadãos e, assim, pudessem ter o direito de herdar os títulos e propriedades de suas famílias. Nesse período, alguns Surdos de famílias nobres começaram a ter acesso à educação. De acordo com Lacerda (1998):

A figura do preceptor era muito frequente em tal contexto educacional. Famílias nobres e influentes que tinham um filho surdo contratavam os serviços de professores/preceptores para que ele não ficasse privado da fala e conseqüentemente dos direitos legais, que eram subtraídos daqueles que não falavam. O espanhol Pedro Ponce de Leon é, em geral, reconhecido nos trabalhos de caráter histórico como o primeiro professor de surdos (Lacerda, 1998, p. 2).

Entre (1712-1789), na França, o abade Charles Michel de L'Épée teve um papel fundamental na transformação da educação para Surdos ao criar os sinais metódicos, em que combinou língua de sinais e a gramática francesa sinalizada. Desenvolveu um método eficaz de ensino, mas também desafiou as normas sociais da época que excluía os Surdos de classes sociais mais baixas do sistema educacional. Lacerda (1998) destaca sua importante contribuição e dedicação em ensinar todos os Surdos, desconsiderando sua condição social, refletia uma

visão progressista de inclusão e igualdade. Isso permitiu que muitos superassem as barreiras da surdez e conquistassem direitos e heranças que antes lhes eram negados.

De acordo com Strobel (2009), as bases da filosofia oralista foram iniciadas por Samuel Heinicke (1729-1790), conhecido como o "Pai do Método Alemão" voltado para o oralismo puro, que atribuía grande valor exclusivamente à fala na educação de Surdos na Alemanha. Ele publicou uma obra intitulada "Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra". Em 1778, fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig, com 9 alunos Surdos. Em carta enviada à L'Epée, descreveu seu método de ensino como um processo fácil e lento de fala na língua pátria e língua estrangeira, pelo qual os alunos eram ensinados através da emissão da voz clara e com distintas entonações para facilitar a compreensão (Strobel, 2009).

No Brasil, em 1857, foi fundada a primeira escola para educação de Surdos no Rio de Janeiro, o "Imperial Instituto dos Surdos-Mudos", atualmente denominada de "Instituto Nacional de Educação de Surdos" (INES), sob a iniciativa do Imperador D. Pedro II e com a colaboração do Surdo francês H Ernest Huet. Nesse contexto surgiu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) resultado da fusão entre a língua de sinais francesa e os sinais já utilizados no Brasil (Strobel, 2009). Em sua fundação, o instituto adotou a língua de sinais e acolhia Surdos de todo o Brasil para ensinar, em regime de internato conforme Strobel (2008) descreve:

[...] no historicismo, a oralização é muito valorizada e importante para a sociedade, então não havia a preocupação de formação intelectual de sujeitos surdos uma vez que os mesmos eram considerados "deficientes". Os sujeitos surdos eram entregues pelas famílias à esta instituição em regime de internato até que estivessem aptos para retornar ao convívio familiar, o que, invariavelmente acontecia no início da idade adulta (Strobel, 2008, p. 112).

O século XVIII foi marcado por diversas correntes de educação dos Surdos, por métodos gestuais e orais, o que caracterizou um período importante para a educação de Surdos, com um aumento de escolas e o uso da língua de sinais por professores Surdos. No entanto, a abordagem oralista ganhou força sob influência do congresso de Milão, realizado em 1880, com representantes de todo o mundo, que deliberaram e se convencionou a proibição do uso de língua de sinais sob a alegação de que "destruía a capacidade da fala dos Surdos". Por meio de uma votação, decidiu-se privilegiar o método oral como o mais apropriado para a educação de Surdos, sendo assim, uma maioria de representantes ouvintes escolheu a língua majoritária e impuseram aos Surdos. Esse fato provocou o "isolamento social" desse povo em virtude da negação de sua especificidade comunicativa (Strobel, 2009). Ainda, de acordo com a autora, as

circunstâncias do evento foram influenciadas por pessoas que utilizavam e defendiam os métodos orais. Assim:

Alexander Graham Bell¹¹ teve grande influência neste congresso. Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia empenhado muito antes de congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos). Na ocasião de votação na assembleia geral realizada no congresso todos os professores surdos foram negados o direito de votar e excluídos, dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas 5 dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro (Strobel, 2009, p. 26).

Esse evento sinalizou uma ruptura não apenas nos avanços frente à educação dos Surdos, pois ao priorizar a oralização, provocou grande retrocesso nas conquistas desse povo. Pode-se compreender como uma manifestação do poder exercido para reafirmação de uma forma correta de existir no mundo, estabelecido por meio da fala. Nesse sentido, ao controlar a forma de comunicação e expressão, é exercido o poder de dominação, que os indivíduos e instituições utilizam para manter sua posição de privilégio, “apresentando seus bens culturais como naturalmente ou objetivamente superiores aos demais”, o que Bourdieu entendeu como violência simbólica, e consiste na “imposição da cultura (arbitrário cultural) de um grupo como a verdadeira ou a única forma cultural existente” (Nogueira; Nogueira, 2013, p. 33).

Essa alteração não apenas consolidou a percepção da surdez como uma deficiência a ser corrigida, mas também incentivou práticas que favoreciam a segregação dos surdos, um fenômeno que perdurou 100 anos. Em virtude da concepção clínico-terapêutica, foram submetidos a tratamentos e violências para que fosse encontrada a cura para a surdez. As suas consequências são sentidas até hoje, evidenciando a necessidade de uma revisão crítica das práticas educacionais e um maior reconhecimento do valor da língua de sinais e da cultura Surda.

¹¹ Entre os anos 1870 e 1890, o Alexander Graham Bell, o célebre inventor de telefone, publicou vários artigos criticando casamentos entre pessoas surdas, a cultura surda e as escolas residenciais para surdos, alegando que são os fatores o isolamento dos surdos com a sociedade. Ele era contra a língua de sinais argumentando que a mesma não propiciava o desenvolvimento intelectual dos surdos. 1872 Alexander Graham Bell abriu sua própria escola para treinar os professores de surdos em Boston, publicou livreto com método “O pioneiro da fala visível”, a continuação do trabalho do pai, Alexander Melville Bell, professor de surdos. 1873 Alexander Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para surdos na Universidade de Boston (Strobel, 2009, p. 24).

2.1.2 Representação da pessoa com surdez

O período relatado na seção anterior foi significativo, mas com um impacto, extremamente, negativo para a vida das pessoas surdas, que foram privadas de se comunicar de maneira eficaz em sua língua. Como resultado, isso levou ao seu silenciamento e reforçou uma perspectiva estigmatizada e estereotipada.

Com base no estudo de Strobel (2008), ao abordar as representações produzidas ao longo da história, afirma-se que se estabelecem relações em duas categorias representativas, produzidas pela perspectiva do “discurso ouvintista e o discurso do povo Surdo”. Na primeira, demonstra-se que, devido à falta de conhecimento, o povo ouvinte construiu representações imaginárias acerca do povo Surdo, referindo-se a eles de forma errônea por percebê-los como inferiores. Além de tratá-los de maneira paternalista, como coitadinhos, lidando com eles como se tivessem uma doença contagiosa, além de adotar atitudes preconceituosas e outros estereótipos resultantes da falta de informação (Strobel, 2008, p. 31). Já o discurso do povo surdo, é evidenciado por “relatos, depoimentos, fatos vivenciados e observações de povo surdo, misturando-se em um emaranhado de acontecimentos e ações, levadas a cabo por associações, federações, escolas e movimentos de surdos que são desconhecidas pela grande maioria das pessoas” (Strobel, 2009, p. 31)

A narrativa histórica dos Surdos, entendido como o “discurso ouvintista”, de acordo com Strobel (2009), apresenta-se em diferentes trajetórias, uma delas é a história da educação, fortemente marcada pelo historicismo, caracterizada pelo relato hegemônico dos poderosos, cujos registros são abundantes e legitimados. Por outro lado, há a chamada história cultural, que busca entender a diversidade presente nas culturas dos povos, no caso do povo Surdo, compreendido pelo “discurso do povo Surdo”, que lamentavelmente possui escassa documentação. A autora faz uma analogia, comparando, pelo aspecto do silenciamento imposto pelos colonizadores, com a escravidão, cujos registros oficiais sobre o tema, na perspectiva do colonizado, são escassos, fruto do silenciamento, no sentido da desconsideração de suas vozes. Strobel (2009) questiona o que os índios e escravos pensavam durante esses momentos históricos e motivada por tais questionamentos, conclui que:

a história que surgiu é a história feita segundo sujeitos ouvintes elogiando professores ouvintes pela iniciativa de trabalhos com os surdos e pela tecnologia oralista. Onde está a história das associações de surdos? De professores surdos? De sujeitos surdos bem-sucedidos? Da pedagogia surda? A história cultural de surdos quase nunca lhes é contada, visto que este seria

um passo importante para a legitimação do modelo cultural do “Ser Surdo” (Strobel, 2009, p. 38).

A história cultural do povo Surdo deve ser amplamente conhecida e reconhecida para que haja sua legitimação. É fundamental desvincular-se da tendência e da perspectiva predominantes, que são frequentemente moldadas pela narrativa dos ouvintes. Devemos, portanto, valorizar e priorizar a construção histórica a partir da visão cultural desse grupo, reconhecendo suas particularidades e contribuições. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão da diversidade cultural, mas também promove um respeito mais profundo pela identidade Surda.

Strobel (2009), apresenta no Quadro 1, a seguir, as marcações de entendimento ao longo da história e percepções sobre o povo Surdo, partindo do historicismo, pela visão do colonizador como deficientes e patológicos:

Quadro 1 – Processo de transição do historicismo para a construção da história cultural

Historicismo	História Crítica	História Cultural
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Os surdos narrados como deficientes e patológicos ➤ Os surdos são categorizados em graus de surdez ➤ A educação deve ter um caráter clínico-terapêutico e de reabilitação ➤ A língua de sinais é prejudicial aos surdos 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Os surdos narrados como ‘coitadinhos’ que precisam de ajuda para se promoverem, se integrar. ➤ Os surdos têm capacidade, mas dependentes. ➤ A educação como caridade, surdos ‘precisam’ de ajuda para apoio escolar, porque tem dificuldades de acompanhar. ➤ A língua de sinais é usada como apoio ou recurso. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Os surdos narrados como sujeitos com experiências visuais. ➤ As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas. ➤ A educação de surdos deve ter respeito à diferença cultural. ➤ A língua de sinais é a manifestação da diferença linguística-cultural relativa aos surdos

Fonte: Adaptado pela autora de Strobel (2009, p. 32).

O Quadro 1 acima demonstra o processo de transição do historicismo para a construção da história cultural. No centro, encontra-se a história crítica, que constitui o princípio para a

compreensão dos estigmas limitadores e opressores que precisam ser desconstruídos e superados.

Considerando o insucesso no desenvolvimento da fala pela proibição da língua de sinais que era entendida como prejudicial, a concepção dos indivíduos Surdos diante disso, evidenciou a existência de uma deficiência ou enfermidade, buscando, portanto, a sua normalização. O foco passa ser o “tratamento clínico-terapêutico para alcançar a cura desta enfermidade” (Strobel, 2009). Essa maneira de ver os Surdos foi responsável pelo estabelecimento de concepções preconceituosas e equivocadas, fruto da construção histórica. De acordo com Strobel (2008, p. 55), “os preconceitos, estigmas e estereótipos têm raízes historicistas e culturais” e são responsáveis por muitas injustiças contra os Surdos. Nesse contexto, Mattos (2023, p. 47) acrescenta que “como o Surdo não dispunha da oralidade e, conseqüentemente, por causa da surdez, não era letrado, não seria humano. Essa ideia permitiu a criação de [...] estigmas que se perpetuaram na contemporaneidade, principalmente por pessoas que não entendem as diferenças.”. Os autores ainda afirmam que “o estigma é capaz de diminuir o indivíduo e de associá-lo a uma pessoa incapaz (Mattos, 2023, p. 47).

Pela perspectiva da deficiência e da patologia, desencadearam o desenvolvimento de tratamentos para a surdez. Essa visão baseou-se na ideia de normalização do Surdo, pela necessidade de “tratamento clínico-terapêutico para cura desta enfermidade” (Strobel, 2009, p. 31). Essa visão foi responsável por produzir estigmas relacionados à incapacidade de se comunicar e desenvolver plenamente. Em virtude dessa perspectiva, voltada para a deficiência, as pessoas Surdas foram categorizadas por graus de surdez¹². Nesse sentido, Strobel (2008, p. 97) afirma que sob a influência do poder colonizador optou-se por implementar essa categorização da surdez com o objetivo de tratar e reverter o que era entendido como deformidade. Para fim de tratamento, os especialistas recebem “a criança Surda saudável, mas que se torna uma criança ‘deficiente’ ao ser avaliada, pois agora é estereotipada com um modelo de enfermidade baseado no grau de surdez”. A representação, a partir dos graus de surdez, fizeram com que os Surdos fossem considerados pessoas doentes e vistos como deficientes pela dificuldade em falar. Esse fato reforça a visão clínica e associação da “surdez e mudez com a anatomia, medicina e remédios, enfim, uma visão clínica persistiu-se por muitos anos” (Strobel, 2008, p. 97).

¹² deficiência auditiva como “perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e 69 um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz” (Brasil, 2004).

Dessa forma, os especialistas começam a priorizar o tratamento em vez de realmente se dedicar a educar a criança. Na busca incansável pela cura, por diversas pessoas e pelos estudiosos, iniciaram-se investigações sobre os nervos do ouvido e da fala realizando variadas experiências de cunho científico, “provocando dores lacerantes aos sujeitos surdos, aplicou até eletricidade nas orelhas de alguns alunos surdos”, nas quais “muitos sujeitos surdos foram cobaias sofrendo agonias em mãos de muitos médicos e estudiosos” (Strobel, 2008, p. 98).

Diante do insucesso das práticas desumanas, foram sendo superadas e o seu foco passou aos aspectos educacionais, voltados para treinamentos auditivos, realizados no Instituto Nacional de Paris (Strobel, 2008).

Um recurso muito utilizado na escolarização como auxílio a terapias da fala, consistiram no uso do aparelho auditivo. Na educação em escolas ouvintistas era imposto o uso desses aparelhos durante toda a infância, mas na fase adulta, Strobel (2008) afirma que geralmente os Surdos optavam por não mais utilizar. A autora ainda questiona sobre a quem essa prática atendia de fato, “as vontades da comunidade ouvinte em curar a ‘deficiência’ dos sujeitos surdos, as empresas da área de saúde gastam enormes verbas para a compra de aparelhos auditivos, destinados a crianças carentes, que depois continuamente os tiram” Strobel (2008, p. 77). Strobel (2008) também expõe que o povo surdo não é contra o uso de aparelhos auditivos, mas exigem que seja respeitado quando as crianças Surdas manifestam o desejo de não os usar. É comum se queixarem de dores de cabeça e, neste sentido, entende-se que a escolha é motivada pelo incômodo causado.

Outra opção de tratamento consiste no uso do implante coclear¹³, que é muito discutido pelos especialistas da área médica. A tecnologia proporcionou sua evolução e é comum sua indicação pelos diagnósticos precoces, realizados por fonoaudiólogos nos primeiros dias de vida da criança. Numa expectativa principalmente de pais ouvintes de um desenvolvimento concebido como normal, o que é “corriqueiro na sociedade ouvinte, dizem que aceitam os surdos, que aceitam a língua de sinais e a cultura surda, mas ainda veem surdos como ‘anormais’, pois acham que falta algo na vida dos surdos”. Embora pela consideração de seus possíveis benefícios influenciem na busca da dita normalidade, a eficiência e benefícios efetivos são questionados. Nesse sentido, Strobel (2008, p. 72) afirma que:

¹³ Implante Coclear: é um aparelho que serve para recuperar a audição em casos de surdez profunda bilateral e se compõe de partes internas e partes externas; é feita uma cirurgia na parte interna com anestesia local, onde colocam o estimulador e receptor na cóclea. Na parte externa tem o microfone e um processador de fala (Strobel, 2009, p. 28).

Nós, os povos surdos, não nos preocupam com o dito Implante Coclear e sim com os sujeitos surdos que são submetidos a esta cirurgia, que os mantém em malhas de poder ouvicêntricos, isto é, que está centralizada numa concepção do “ser ouvinte”, porque não tem garantia que dará certo em 100% dos casos (Strobel, 2008, p. 72).

Ainda é preciso considerar os efeitos futuros em relação a estas escolhas feitas no nascimento, ou na primeira infância das crianças Surdas, uma vez que há impõem certas restrições ao longo da vida por exemplo, a prática de esportes. Também por não poderem ter uma aproximação direta com monitores de televisão, computadores e forno de micro-ondas, quando estes se encontram em funcionamento, em função da “radiação eletromagnética presente nestes equipamentos pode ser capaz de alterar a função do circuito eletrônico do Implante Coclear e ocasionar alteração na qualidade do som e falha no envio da estimulação”. Até mesmo o atrito entre as bolas plásticas de uma piscina de bolinhas forma um campo magnético que pode comprometer o funcionamento do aparelho (Strobel, 2008, p. 73). Por esse aspecto, há que se questionar o sentido de uma vida normal, conforme defendido por especialistas da medicina.

A partir da história crítica, considera um rompimento com os elementos do passado, antes marcada pela compreensão do Surdos pelos estigmas limitadores e opressores inicia-se a construção de uma nova compreensão, sentido de desconstruir e superar tais raízes históricas, gerando uma nova perspectiva voltada para a história cultural. Pelo exposto, percebe-se na História crítica, os indícios de uma educação ainda voltada para a oralização, ao apontar a necessidade de ajuda e dificuldades de acompanhar, bem como sugere a comunicação total, ao citar a língua de sinais como recurso de apoio para aprendizagem.

Pelo privilégio da fala, foram desenvolvidos métodos educativos para atendimento ao Surdo, no intuito de integrá-los a sociedade. As metodologias de ensino mais utilizadas para estimular os surdos a se comunicarem de acordo a convenção da maioria ouvinte foram os métodos "oralistas" e a "comunicação total". As metodologias oralistas focam principalmente no desenvolvimento da fala e da leitura labial, buscando a inserção dos alunos no mundo auditivo. Por outro lado, a comunicação total combina sinais e a fala, no intuito de facilitar o processo comunicativo. É questionável a obtenção da fala, conforme expressa (Strobel, 2008, p. 14) “aprendi a falar, mas não sabia me comunicar adequadamente, só ficava repetindo as palavras, igual a um papagaio, sem entender seus significados, tudo muito mecânico e sem emoções”. Embora vistos pelo aspecto da limitação, e as práticas educativas entendidas como um exercício de caridade. Existem raros casos de profissionais que dispensavam uma atenção próxima para auxiliar no desenvolvimento dos Surdos, conforme evidenciado no relato:

Na minha inclusão em escola de ouvintes tenho poucas lembranças, somente me recordo de algumas situações e de poucas pessoas que realmente me valorizaram e também que me magoaram, por exemplo: havia uma freira professora, na primeira série do curso primário, sabendo da minha dificuldade com relação à língua portuguesa, dava atividades para o resto da turma, sentava-me no seu colo e pacientemente me ensinava através de gestos e desenhos os símbolos da escrita, aprendi muita coisa e por isto não me esqueço da solidariedade dela por mim (Strobel, 2008, p. 15).

A maior parte dos estudantes Surdos, não tinha a mesma sorte, conforme os relatos que indicam diversas situações vivenciadas nesse período, como quando expõe sobre “uma professora da escola e nos repreendeu dizendo que parecíamos duas ‘macacas’, que era muito feia a nossa comunicação com as mãos”, na sequência “mandou colocarmos as mãos para trás e falarmos com voz uma para outra, uma coisa impossível de fazer”. Tal situação provocou certo constrangimento e incômodo “sentimos a nossa comunicação muito limitada para conversarmos sobre assuntos de nosso interesse e nos calamos” (Strobel, 2008, p. 47).

Esses métodos fizeram parte da educação de surdos durante décadas, começando a ser superados mediante discussões incentivadas pelas discussões provenientes Da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada na cidade de Salamanca, Espanha em 1994. No evento foi produzida a Declaração de Salamanca, documento norteador para as políticas de educação inclusiva em todo mundo. Proporcionou um grande avanço também para a educação de Surdos, implicando na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no ano de 1996, ao estabelecer diretrizes para a educação nacional.

Os Surdos que tiveram sua língua, identidade e cultura ignorados, que foram excluídos e privados de se desenvolverem em sua própria língua e cultura, sentem os reflexos dessa prática. Ainda existem muitas escolas que se intitulam bilíngues, mas, na verdade, praticam um “bilinguismo imaginário”, pois, no fundo, ainda consideram os Surdos como “deficientes” ou tratam a língua de sinais apenas como um recurso ou suporte para o aprendizado da fala (Strobel, 2008). A mesma sociedade que marginaliza, age de forma assistencial como reparação e acreditando que “estão realmente ajudando os sujeitos Surdos com estas visões paternalistas e de cultura ouvinte, mas não enxergam que estão agindo erroneamente” (Strobel, 2008, p. 70).

A negação do direito de ser Surdo e a versão histórica sob a perspectiva ouvinte, perpetua-se por uma visão que precisa ser superada pela história cultural. Em outras palavras, é essencial compreender "a história sob a perspectiva de diferentes culturas, especialmente a dos povos Surdos" (Strobel, 2009, p. 30). A história contada pelo povo Surdo, com o povo Surdo, a partir da sua visão e versão dos fatos, atendendo suas especificidades culturais,

linguísticas e identitárias. O Quadro 2 abaixo traz as representações social do surdo e do povo surdo:

Quadro 2 – Representações social do surdo e Representação de povo surdo

Representação social	Representação de povo surdo
Deficiente.	“Ser surdo”.
A surdez é deficiência na audição e na fala.	Ser surdo é uma experiência visual.
A educação dos surdos deve ter caráter clínico-terapêutico e de reabilitação.	A educação dos surdos deve ter respeito pela diferença linguística cultural.
Surdos são categorizados em graus de audição: leves, moderados, severos e profundos.	As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas.
A língua de sinais é prejudicial aos surdos.	A língua de sinais é a manifestação da diferença linguística relativa aos povos surdos.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Quadros e Perlin (2007, p. 32)

Nas representações, o que é visto deve estabelecer uma conexão de significado com o espectador, assim e provocar uma sensação de pertencimento. Essa conexão se dá através da identificação do público com o que é representado, evocando emoções, memórias e experiências que ressoam em seu próprio mundo. De acordo com Santos, Bubniak e Velloso (2018):

[...] há de se perceber também a necessidade de representatividade e empoderamento, além de emancipação, principalmente em relação à opressão que sofrem nos rótulos de incapacidade dos padrões societários. A visão medicalizada sobre a pessoa surda limita e oprime estes indivíduos (Santos; Bubniak; Velloso, 2018, p. 86).

Além de levar em conta as particularidades visuais na criação da representação dos Surdos, é importante garantir sua participação ativa nesse processo. Essa construção opera em uma dualidade relacionada ao desenvolvimento de identidades, como salientado por Chartier (1991, p. 182). Por um lado, existe “uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que

cada comunidade produz de si mesma”. Por outro lado, deve-se considerar “o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade”. Assim, as lutas por representação e a hierarquização social se concentram nas “estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade” (Chartier, 1991, p. 183).

O princípio central da representatividade Surda, cuja luta é simbolizada pelo lema “nada sobre nós, sem nós”¹⁴, destaca a necessidade de incluir e de dar voz às pessoas Surdas, pois é importante que participem de momentos para definir e decidir a respeito dos assuntos de seu interesse. Nesse contexto, a visibilidade e a participação ativa das pessoas Surdas na sociedade ajudam a combater o preconceito e promovem a conscientização sobre as barreiras que elas enfrentam diariamente. Além disso, ajuda a desconstruir estereótipos e combater a discriminação. O aumento da visibilidade dos Surdos nos meios de comunicação, na política, no mercado de trabalho, nas artes e em outros espaços, pode auxiliar na ruptura do imaginário social tradicional que, muitas vezes, exclui e marginaliza essa comunidade.

A representatividade surge como um meio de dar voz aos Surdos, permitindo que eles sejam ouvidos, respeitados e tenham seus direitos garantidos. Isso envolve a promoção de lideranças Surdas em diferentes áreas, como política, educação, cultura e mídia. Também contribui para que a sociedade como um todo reconheça sua diversidade e valorize a cultura Surda, dando visibilidade às experiências, desafios e conquistas vivenciados pelas pessoas Surdas, sensibilizando a todos sobre o que realmente as faz sentir-se incluídas. Nesse sentido, é importante proporcionar aos indivíduos a oportunidade de expressar suas aspirações e atuar como protagonistas de suas próprias narrativas.

2.2 O cinema e o povo Surdo

2.2.1 Breve histórico do cinema

Para compreensão da relação do povo Surdo com o cinema e a necessidade de promoção das políticas públicas para promover a acessibilidade cultural, é fundamental contextualizar elementos significativos do desenvolvimento histórico do cinema, além de estabelecer

¹⁴ Termo definido na convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre direitos da pessoa com deficiência. Este termo é usado por entidades nacionais e internacionais de defesa dos direitos da pessoa com deficiência (Sasaki, 2007).

conexões com aspectos culturais e as particularidades da comunidade Surda. O percurso de evolução da imagem em movimento, desde suas origens até contemporaneidade, permite uma análise mais aprofundada das formas como o cinema pode servir como ferramenta educativa, especialmente ao considerar a diversidade cultural e as necessidades comunicativas dos relatos Surdos.

Inicialmente constituído por registros de cenas cotidianas que representam retratos da história, o cinema tem suas raízes no final do século XIX, impulsionado por uma série de inovações tecnológicas que viabilizaram a captura e projeção de imagens em movimento. Segundo Duarte (2002), a história do cinema é marcada não apenas por desenvolvimentos técnicos, mas também por um contexto sociocultural que influencia a maneira como as narrativas são construídas e percebidas.

Em 1895, com a criação do cinematógrafo pelos irmãos *Lumière*¹⁵ que o cinema começou a se firmar como uma arte coletiva, por meio da primeira exibição pública de imagens, intitulada "A Saída dos Operários da Fábrica". Ainda que de forma simplificada, as paisagens revelaram o cotidiano da cidade e representam um pouco da história da civilização humana. Esse evento despertou grande curiosidade e estabeleceu uma nova forma de engajamento social da audiência em torno das experiências cinematográficas.

Em sua origem, a experiência cinematográfica se moldava essencialmente de maneira visual, utilizando a imagem em movimento como principal forma de expressão. O cinema dependia da visualidade para transmitir as narrativas e emoções. Os cineastas da época exploravam a composição visual, o encadeamento de cenas e a expressividade das atuações para garantir que o público pudesse compreender a história sem o auxílio do som. Czmola e Cezar (2018, p. 275) consideram que “se pensarmos a origem do cinema, podemos relacioná-la com os aspectos visuoespaciais da Libras. A questão da exploração do corpo, dos movimentos, a liberdade, os gestos e demais momentos de puro ser”.

Nos anos que se seguiram, o cinema expandiu-se rapidamente, refletindo as dinâmicas sociais e culturais. Em virtude de não contemplar a experiência sonora, o então chamado “cinema mudo”¹⁶ continuou sua trajetória de crescimento, alcançando grandes produções e

¹⁵ “O cinematógrafo foi inventado pelos irmãos Luis e Augusto Lumière, que realizaram a primeira apresentação pública de um filme, feito por eles, [...]” em 28 de dezembro de 1895, na cidade de Paris. Este fato foi “[...] considerado o marco da fundação do cinema como empreendimento socioeconômico” (Cunha; Giordan, 2009, p. 9)

¹⁶ De acordo Bubniak (2016), a relação entre os termos “cinema silencioso” e “cinema mudo” é discutida por Michel Chion em *La voix au cinéma* (1999). Se o cinema passou a ser “falado” é possível concluir que antes ele era “mudo”. Nesse sentido, percebe-se que ambas as características se referem à fala ou à

consagrando estrelas icônicas. Há que se conferir um destaque a Charles Spencer Chaplin, que se tornou uma figura central na história do cinema como um dos maiores comediantes de sua época. Seu personagem icônico, Carlitos representava o homem comum lidando com dificuldades, uma imagem que tocava o coração do público e o tornou uma figura querida globalmente, conforme analisa Duarte (2002) ao discutir a relação entre os filmes e a experiência social de seu tempo.

A partir das concepções acerca do cinema mudo, trarei a discussão os fundamentos que caracterizam a expressão da sétima arte para o público Surdo, cuja experiência cinematografia se opera na visualidade, denominado cinema Surdo.

Partindo da compreensão de que o cinema se expressa como uma linguagem e que essa linguagem pode ser configurada como universal, volta-se às primeiras produções fílmicas, cujas narrativas possuíam uma configuração estética centrada na visualidade. Nesse momento, o cinema era denominado cinema mudo, representando suas narrativas por meio de imagens. Esse é um período importante da história que provoca reflexões sobre a própria evolução do cinema em relação ao público surdo. As autoras Czmola e Cezar (2018, p. 275) afirmam que se tratava de “um período em que os sujeitos Surdos se sentiam mais integrados ao público dos filmes, devido à ausência de diálogo e a presença de títulos com as possíveis falas, ou até mesmo sem isso”.

Em face de possibilitar o registro das expressões da cultura Surda, entendidos como artefatos culturais¹⁷, a captura da imagem em vídeo possibilitou o registro desses bens culturais, que se operam sob forma da visualidade. Essa inovação que deu origem ao cinema foi significativa, embora não tenha sido empregada apenas para promover o bem-estar, conforme Bubiniak (2016) destaca:

o cinema vem representar, para o povo Surdo, a possibilidade de registro da sua língua de sinais - muito importante como ação de resistência – mas também foi utilizado como ferramenta auxiliar nas terapias da fala - tão penosas para os surdos durante o domínio do oralismo. As possibilidades do novo meio, no entanto, foram superiores e de fundamental importância na consolidação e divulgação da chamada cultura surda (Bubiniak, 2016, p. 11).

De acordo com Chion, “a audição humana é “vococêntrica” - a voz tem precedência na hierarquia da percepção, portanto no cinema não seria diferente” (Bubniak, 2016, p. 40).

¹⁷ Dentro da história cultural dos Surdos podemos perceber vários artefatos culturais do povo surdo, que podem ser a experiência visual, linguística, literatura Surda, vida social, esportiva, artes, políticas e outros. O conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (Strobel, 2008, p. 61).

Observa-se a grande relevância dos registros de imagens para o fortalecimento da comunidade Surda e da cultura Surda, ainda que esses registros não abordem apenas situações positivas em seu uso. Da mesma forma que as representações dos Surdos, ao longo da história do cinema, têm se fundamentado em uma concepção fonocêntrica¹⁸, muitas vezes limitadora e centrada na deficiência, um novo paradigma de construções representativas sobre a surdez surge, destacando a importância da participação ativa e efetiva da comunidade Surda nesse processo. Esse modelo propõe uma reavaliação das narrativas tradicionais que, frequentemente, marginalizam ou desconsideram as vozes e experiências dos Surdos.

Bubniak (2016, p.10) apresenta que o conceito de cinema Surdo ainda não é uma construção definitiva, “alguns afirmam serem filmes que retratam fielmente a cultura Surda, outros que são filmes realizados por artistas Surdos e outros ainda o definem pelo uso exclusivo da língua de sinais”, conforme exposto por Christie, Durr e Wilkens (2006 *apud* Bubniak (2016)). Isso pode ser observado nos dois exemplos de filmes citados anteriormente, os quais abordam a temática Surda. No filme “No ritmo do Coração” e no projeto “Crisálida”, a cultura Surda é retratada e os atores que representam papéis de Surdos nas obras, são, de fato, Surdos.

É necessário também considerar uma evolução do cinema no que diz respeito ao som, em meados do século XX. Por intermédio da tecnologia, a conexão de som e imagem, estruturou-se num importante recurso comunicativo e proporcionou grande avanço para a experiência ouvinte, em certa medida, em detrimento da experiência Surda. Houve um deslocamento no que se refere à estética, que antes partia da primazia da imagem, privilegiando os recursos de composição visual, para a combinação da imagem com os efeitos sonoros. Essa intervenção sonora, que hoje faz parte das produções, abrange diversos elementos, como falas, ruídos e músicas. Em alguns momentos aparecem isolados às vezes estão combinados e constituem diversificados efeitos sonoros. Essas sonoridades compõem informações importantes nos filmes e carregam consigo signos, significados e significantes que se vinculam às experiências individuais e podem interferir nas percepções e interpretações do espectador. Pensando nessa composição, a ausência do som pode limitar a experiência cinematográfica.

Consequentemente, surge uma inquietação ao refletir sobre a evolução da conexão entre som e imagem, considerando os efeitos que ela provoca na experiência do espectador Surdo. É relevante problematizar a questão da acessibilidade cultural em relação às produções

¹⁸ “O fonocentrismo trata do privilégio da voz que domina todo o discurso filosófico desde Platão e Aristóteles, passando por Rousseau, Hegel e Husserl. Os sons emitidos pela voz seriam os símbolos dos estados da alma, a fonte das ideias de verdade, essência, ser e presença. A voz teria uma ligação direta com a consciência” (Bubniak, 2016, p. 27).

audiovisuais voltadas para o público Surdo, analisando os mecanismos atualmente utilizados para garantir o pleno acesso a esses bens culturais.

2.2.2 Acessibilidade cultural para o Surdo

Ao considerar o cinema como um importante instrumento de reflexão humana, pode-se observar como ele retrata histórias que estabelecem uma relação profunda com as práticas sociais que permeiam nossa existência. Para (Duarte, 2002, p. 17), “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas sociológicas e tantas mais”. Apesar de se reconhecer a importância desse evento cultural, é sabido que nem sempre ele está disponível a todos.

O acesso aos bens culturais de forma acessível constitui um direito, e é manifestado pela Lei nº10.098/2000 e o decreto 5.296/2004 que a regulamenta, conforme expressa:

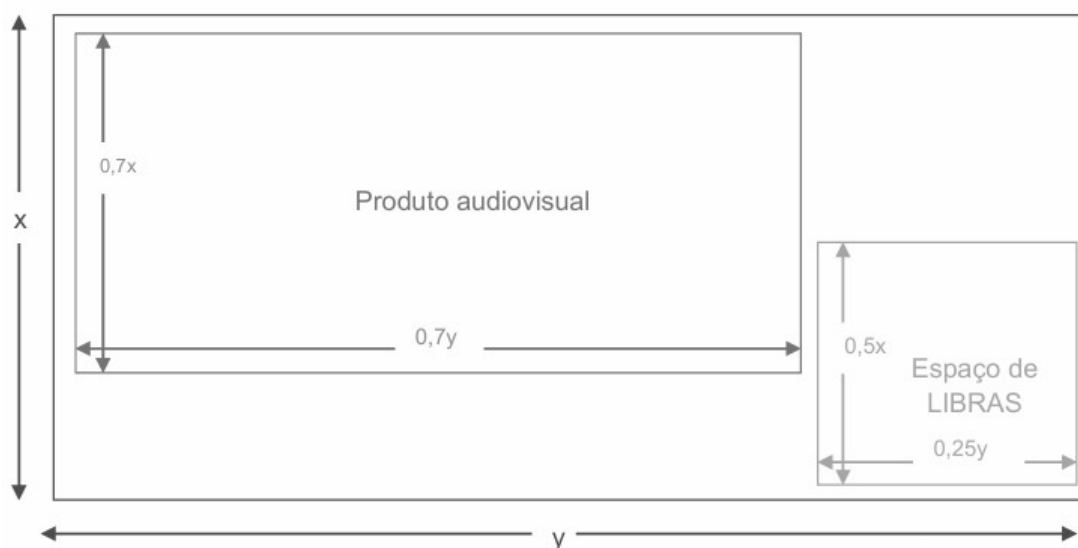
[...] Art. 23. Nos teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, locais de espetáculos e de conferências e similares, serão reservados espaços livres para pessoas em cadeira de rodas e assentos para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, de acordo com a capacidade de lotação da edificação, conforme o disposto no art. 44 § 1º, da Lei 13.446, de 2015 (Redação dada pelo Decreto nº 9.404, de 2018).

[...] § 6º Para obtenção do financiamento de que trata o inciso III do caput do art. 2º, as salas de espetáculo deverão dispor de meios eletrônicos que permitam a transmissão de subtítuloção por meio de legenda oculta e de audiodescrição, além de disposições especiais para a presença física de intérprete de Libras e de guias-intérpretes, com a projeção em tela da imagem do intérprete sempre que a distância não permitir sua visualização direta (Redação dada pelo Decreto nº 9.404, de 2018).

[...] § 12. Os espaços e os assentos a que se refere o caput deverão garantir às pessoas com deficiência auditiva boa visualização da interpretação em Libras e da legendagem descritiva, sempre que estas forem oferecidas (Incluído pelo Decreto nº 9.404, de 2018) (Brasil, 2004).

A legislação especifica os mecanismos para propiciar o acesso à cultura, destacando os meios eletrônicos para tal fim, além da presença física de intérpretes de Libras e Guias intérpretes, com garantia de uma boa visualização. A Figura 1, a seguir, apresenta as proporções para janela em Libras:

Figura 1 – Proporções para janela em Libras



Fonte: Naves *et al.* (2016, p. 23)

Para promover a efetiva inclusão cultural das pessoas Surdas e pelas características da Libras, Anjos (2017) assevera que a Janela de Libras (JL) é o recurso a ser priorizado para a acessibilidade audiovisual, devido às “especificidades linguísticas inerentes às línguas de modalidade visuoespacial, observando com cautela as premissas estéticas das obras cinematográficas e o respeito à Cultura Surda” (Anjos, 2017, p. 8). Utiliza como referência a definição de JL do Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis do Ministério da Cultura, conforme especificações do modelo apresentado por Naves *et al.* (2016), conforme demonstrado na Figura 1.

A criadora do projeto “Crisálida”, Alessandra da Rosa Pinho, na condição de não surda e na visão de criadora de conteúdo, expõe que, as produções audiovisuais acessíveis para pessoas surdas devem incluir, simultaneamente, a Janela de Libras e a Legenda para Surdos e Ensurdidos. Isso se justifica pelas diferenças nas proficiências linguísticas entre as pessoas surdas. Complementa que “dois recursos visíveis na tela pode colaborar para a aprendizagem de ambas as línguas” (Pinho *et al.*, 2023, p. 40). Assim, cada pessoa escolherá o formato da legenda que atenderá melhor as suas especificidades, na modalidade que for mais confortável e possibilitar melhor conexão com o filme.

Pautada na observação da realidade, é possível constatar que tal prática não se efetiva plenamente e, de certa forma, se caracteriza como uma experiência que privilegia, em grande medida, o público ouvinte. Essa dinâmica resulta em uma oferta condicionada e limitada para o público Surdo, que, muitas vezes, se vê à margem das possibilidades de fruição completa das atividades e conteúdos apresentados. As barreiras de comunicação e acessibilidade ainda são

notórias, basta observar as mídias de ampla circulação e os principais eventos culturais destinados ao público geral.

2.3 Educação de Surdos e desafios contemporâneos

2.3.1 Educação de Surdos no Brasil

A partir da Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205, afirma-se que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania [...]” (Brasil, 1988). Esse dispositivo estabelece que a educação deve ser acessível a todos os cidadãos, promovendo a igualdade de oportunidades e a democratização do acesso ao conhecimento. Embora sua implementação não tenha ocorrido de forma imediata, o artigo deu início a importantes discussões que, associadas a eventos globais, ressaltaram a relevância desse direito.

Em 1994, a Declaração de Salamanca promoveu um grande avanço na construção de políticas públicas inclusivas no mundo inteiro, ao contemplar em seu texto a situação linguística dos Surdos e defender o ensino em escolas regulares, influenciou na história da educação de Surdos (Unesco, 1994). Pouco tempo depois, no ano de 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a Lei nº 9394/1996, que regulamentou e orientou o processo de inclusão, garantia o atendimento inclusivo nas classes regulares na infância e ao longo da vida. Embora essa inclusão escolar fosse fortemente influenciada pela relação de poder exercida pela cultura dominante, nesse caso a cultura ouvinte, nesse período os Surdos recebiam a instrução pelo método oral, juntamente com os estudantes ouvintes, utilizando-se da leitura labial (Brasil, 1996). O relato da autora e pesquisadora Surda Strobel (2008, p. 17) demonstra os efeitos das práticas de oralização: “Eu era revoltada com a minha condição de surdez, não aceitava a surdez achando que era castigo de Deus e me isolava, isto ocorria porque a escola oralista não me permitia ter identidade surda, procurando fazer com que eu aprendesse e fosse igual às pessoas ouvintes”.

O atendimento ao Surdo em escolas regulares contemplando a sua especificidade linguística iniciou sua efetivação a partir do reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão dos Surdos no Brasil, pela Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais (Brasil, 2002). Esse foi um marco importante de garantia ao acesso à comunicação por meio da Libras assegurando os direitos linguísticos, o que reverbera na

inclusão não apenas no âmbito educacional, mas também no aspecto sociocultural, conforme expressa:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Em seguida, pelo Decreto nº 5.626/2005 que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e estabelece o direito à inclusão da pessoa Surda por meio de uma educação bilíngue, que contemple seu direito linguístico, que visa acessar os conhecimentos e os bens culturais de forma acessível por meio da Libras. Ao acolher o sujeito Surdo de forma mais abrangente, traz considerações em diversos âmbitos, em especial aos voltados à educação e saúde.

Nessa perspectiva, o principal artefato cultural da comunidade Surda é a Língua brasileira de sinais, que configurada pela modalidade gesto-visual com características diferentes das línguas orais, possui estrutura equivalente e permite a comunicação plena. É imprescindível estabelecer o respeito à condição linguística da pessoa Surda e proporcionar mecanismos para seu desenvolvimento.

Em decorrência das particularidades comunicativas dessa comunidade e de sua perspectiva de vida, a manifestação cultural ocorre de maneira singular por meio do aspecto visual. Esse elemento caracteriza a cultura, que é denominada como cultura Surda, a qual pode ser definida como:

o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias (sic¹⁹), as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2009, p. 27).

As experiências visuais e esse modo de perceber o mundo, constituem uma identidade que se revela através de práticas e modos de comunicação próprios da cultura Surda. Segundo Strobel, essa identidade é formada por meio da vivência compartilhada em comunidades Surdas, onde a LIBRAS e outros sistemas de sinais não são apenas ferramentas de comunicação,

¹⁹ Assim deste modo, transcrição literal

mas também elementos fundamentais que moldam a maneira como os Surdos interagem e se relacionam socialmente. A valorização da percepção visual, a expressão artística e as narrativas coletivas reforçam a singularidade dessa cultura, criando um sentido de pertencimento e resistência frente à marginalização e à normalização das experiências auditivas. Essa identidade Surda, portanto, transcende a ausência da audição, celebrando uma riqueza cultural que é única e essencial na formação da pessoa Surda.

A construção da identidade da criança se inicia na convivência familiar, nas interações e socialização. Isso também ocorre com as crianças Surdas por meio da aquisição da Língua de Sinais, que deve ocorrer espontaneamente por meio da Libras, com o apoio e a participação familiar para se apropriar da construção da linguagem. No caso das crianças Surdas filhas de ouvintes, o contato com a Libras pode ocorrer tardiamente, uma vez que a comunicação entre ouvintes é estabelecida pela oralidade. No convívio familiar a criança sem essa percepção da diferença, conforme Strobel (2008) relata:

Eu não percebia o que era ser surda até ter mais ou menos seis anos de idade, antes percebia que todos em casa conversavam comigo através de gestos, apontações e de articulações lentos dos lábios. No decorrer da vida diária não tinha motivos para pensar sobre as diferenças porque minha mãe comunicava desta mesma forma com os meus dois irmãos acho porque eles eram pequenos ainda. Até que de uma forma incidental aconteceu em que eu estava observando a mãe conversar falando rapidamente com minha irmã e eu não a entendia, minha irmã respondia falando e eu entendi que ela era igual como meus pais, como aos meus vizinhos, como as outras pessoas na rua e comecei a compreender que diferente do resto de família e eu me senti sozinha contra o mundo porque eu não conseguia falar da mesma maneira que meus irmãos e pais (Strobel, 2008, p. 24).

As identidades Surdas são múltiplas e complexas, dependem do contexto sociocultural em que os Surdos estão inseridos, podendo se desenvolver em momentos e formas distintas. Em seu estudo, Anjos (2017) compilou os sete perfis de identidade Surda, para melhor compreensão das nuances identitárias que as caracterizam. As identidades Surdas são múltiplas e complexas, dependem do contexto sociocultural em que os Surdos estão inseridos, podendo se desenvolver em momentos e formas distintas. Em seu estudo, Anjos (2017), compilou os sete perfis de identidade Surda, para melhor compreensão das nuances identitárias que as caracterizam, utilizando os estudos de Perlin (1998 *apud* Anjos, 2017), conforme exposto no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Perfis de identidade Surda, conforme Perlin (1998)

(Continua)

IDENTIDADES SURDAS DE ACORDO COM PERLIN (1998)		
Nomenclatura	Características	Identificação
Identidade Surda política	Se reconhecem como Surdos, aceitam a condição de surdez e a veem como uma diferença política. Valorizam a Língua de Sinais e lutam por ela.	Suas experiências visuais determinam seus comportamentos e destacam suas diferenças.
Identidades Surdas Híbridas	Surdos que nasceram ouvintes, mas que perderam a audição. A compreensão da língua portuguesa depende do tempo que tiveram para assimilar sua estrutura. São falantes de LIBRAS.	Se aceitam como Surdos e participam ativamente das comunidades Surdas.
Identidade Surda Flutuante	Surdos que não tiveram contato com a comunidade Surda e foram expostos à representação da surdez como deficiência e preconceito	Não participam da comunidade Surda. Não se identificam como Surdos e se sentem inferiores aos ouvintes
Identidade Surda Embaraçada	Surdos que foram submetidos a situações de isolamento social, não utilizam a língua de sinais e têm grande dificuldade de se comunicar	Não participam da comunidade Surda. Não conseguem captar a representação da identidade Surda.
Identidades Surdas de Transição	Estão em transição entre as comunidades ouvinte e Surda, geralmente são filhos de pais ouvintes, o contato com a comunidade Surda ocorre de forma tardia. A maioria não convive com Surdos na infância ou enquanto os pais acreditam que a surdez deva ser curada. Em algum momento passam a ter contato com outros Surdos e mudam sua perspectiva no que tange à surdez.	Pode ocorrer a transição inversa, no caso de um Surdo que passe a ter contato com a representação ouvinte, como no caso dos Surdos que optam pelo implante coclear.

Quadro 3 – Perfis de identidade Surda, conforme Perlin (1998)

(Conclusão)

IDENTIDADES SURDAS DE ACORDO COM PERLIN (1998)		
Nomenclatura	Características	Identificação
Identities Surdas de Diáspora	Marcada por Surdos que migram de uma determinada região para outra. São Surdos que chegam em uma nova comunidade Surda e necessitam de um período para se adaptar à nova realidade.	Como exemplo: a) um Surdo carioca que se muda para o Rio Grande do Sul; b) Surdos em intercambio internacional.
Identities Intermediárias ou Incompletas	São sujeitos com algum tipo de perda auditiva, têm boa convivência junto à comunidade Surda graças ao uso de aparelhos auditivos.	Não se identificam com a comunidade Surda, nem com a comunidade ouvinte.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Anjos (2017, p. 21, 22)

Outras possíveis identidades foram identificadas de acordo com o mapeamento realizado por Carvalho e Campello (2022), que reafirma a ideia de um “sujeito fragmentado, configurado por várias identidades” e suas complexidades, conforme expressas no Quadro 4:

Quadro 4 – Perfis de identidade Surda, conforme Carvalho e Campello (2023)

(Continua)

IDENTIDADES SURDAS DE ACORDO CARVALHO E CAMPELLO (2023)	
Nomenclatura	Característica/Origem
Identidade surda com AASI ²⁰	sujeitos que fazem uso de aparelhos auditivos e reconhecem os benefícios da tecnologia na inclusão de pessoas com problemas de audição, permitindo maior conexão com a família e a comunidade.
Identidade Surda com IC	O implante coclear conhecido como ouvido biônico é um aparelho eletrônico que substitui o ouvido das pessoas com Surdez, permitindo ouvir sons, em muitos casos compreender a voz humana, mas não se trata da audição normal, pois depende de fatores como, causa da surdez, tempo que ficou sem ouvir.

²⁰ Aparelho de Amplificação Sonora Individual – denominado aparelho auditivo que é colocado atrás da orelha.

Quadro 4 – Perfis de identidade Surda, conforme Carvalho e Campello (2023)

(Conclusão)

IDENTIDADES SURDAS DE ACORDO CARVALHO E CAMPELLO (2023)	
Nomenclatura	Característica/Origem
Identidade Étnica dos Surdos	São 10 milhões de Surdos no Brasil, que nasceram ou ficaram surdos no decorrer da vida por fatores diversos, assim não se pode tratá-los como se fossem iguais.
Identidade Surda Urubu-Ka'apor	Língua de sinais própria da etnia, formada por cerca de 10 aldeias que, devido ao alto percentual de surdos criaram uma língua de sinais sem nenhuma influência externa. A etnia Urubu Ka'apor existe há mais de 300 anos no sul do Maranhão.
Identidade Negra Surda	São as pessoas surdas que se identificam como negras. Ainda não existe um consenso quanto à terminologia: surdo negro, surdo preto ou negro surdo, pois se primeiro se discute sobre ser negro, depois de ser surdo, pelo fato de o aspecto visual ser primeiro o foco da atenção e em seguida a questão de ser pessoa surda.
Identidade Surda Unilateral	Pessoa que ouve apenas por uma orelha, não se classificam por perda auditiva, considerando-se qualquer grau de perda auditiva como surdez. A perda da audição e um lado também provoca dificuldades e alterações na fala, linguagem e socioemocionais.
Identidade Surdocega	É a ocorrência de perdas auditivas e visuais, que na verdade são uma única deficiência denominada surdo-cegueira. Pode advir de causas diversas como doenças congênitas, Acidentes Vasculares Cerebrais e doenças adquiridas pela mãe ainda na gestação, sendo classificada de acordo com o momento em que se desenvolve: antes ou após o desenvolvimento da fala.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Carvalho e Campello (2022, p. 147-150).

As identidades estão sujeitas a transformações, pois também se constituem nas interações e trocas, não cabe, portanto, tratar a identidade surda de forma homogênea, “há que se respeitar as particularidades de cada identidade que vão surgindo no decorrer do tempo” defendem Carvalho e Campello (2022).

Embora sejam diversas identidades, vivências distintas, nas situações cotidianas, a forma com que o Surdo percebe a realidade ao seu redor geralmente se manifesta pela

visualidade, assim a representação do Surdo deve considerar os elementos e experiências que contemplem esse aspecto. Conforme apresenta Anjos (2017) sobre a realidade vivenciada pelos Surdos:

Ao receber uma visita, o surdo percebe a presença de seus convidados a partir de uma campainha luminosa ou de um animal de estimação que se agita com a chegada dos amigos. Os programas de TV só fazem sentido se houver a possibilidade de tradução para LIBRAS ou legendagem e as compras podem necessitar do apoio de um intérprete ou um bloco de notas, por exemplo (Anjos, 2017, p. 18).

Perlin e Strobel (2006, p. 34) afirmam que a “cultura oferece um modo de construir significados e símbolos que influenciam e direcionam nossas ações com as quais podemos nos identificar, construir nossa identidade enquanto Surdos, identificar e dar sentido aos significados e significâncias como grupo, ou como povo”. Como exemplo desses “significados e significantes que constituem a cultura Surda”, pode-se destacar a representação que fazem na área da surdez. Geralmente o “termo cultura faz referência à língua (de sinais)”, embora às estratégias sociais e os mecanismos compensatórios que os Surdos realizam para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a campainha que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta etc., também são vinculados à questão cultural e não apenas a artefatos (Santana; Bergamo, 2005, p. 572).

A cultura Surda é um mundo rico em expressões visuais, uso de gestos e elevada percepção visual. De acordo com Strobel *et al.* (2008, p. 59) “a cultura retrata a vida que os Surdos levam, suas conversas diárias, as lições que ensinam entre si, suas artes, seus desempenhos e seus mitos compartilhados, seu jeito de mudar o mundo, de entendê-lo e de viver nele”. A autora acrescenta seguinte definição:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias (sic), as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (Strobel *et al.*, 2008, p. 59).

Segundo Bubniak (2016), a inclusão cultural pressupõe ter acesso aos artefatos culturais, que no caso da surdez, também se constitui por meio da Libras. Conforme a autora, nas produções audiovisuais que retratam a surdez, revelam-se aspectos importantes das narrativas retratadas com foco na luta, resiliência e superação, como característicos da história da comunidade Surda.

A autora ainda demonstra que “durante décadas, o cinema retratou o personagem Surdo como cômico ou vítima”, conforme a percepção da cultura ouvinte sobre os Surdos, retratados por atores ouvintes, na qual as “[...] histórias serviam para reafirmar estereótipos sobre o Surdo que nada tem a ver com a realidade da cultura Surda, além dos personagens serem interpretados por atores ouvintes” (Buniniak, 2016, p. 11). Embora sejam relevantes tais abordagens, existe uma carência de narrativas e produções que confirmem protagonismo ao Surdo, que o apresente numa vida mais autônoma e ocupando os espaços sociais de destaque e de poder.

Nogueira e Nogueira (2013, p. 31, 32) utilizam áreas de língua e literatura, a caráter de exemplo, para ilustrar como ocorre a disputa pelo espaço e reconhecimento pessoal e das produções. Nesse campo, o jogo consiste no que deve caracterizar a boa e má leitura, os escritores de maior e menor prestígio, quais produções são de vanguarda e as puramente comerciais. Esse exemplo pode também servir como referência para a disputa que ocorre no campo da arte, que inclui o cinema e as produções audiovisuais.

Visualizar experiências de protagonismo entre pessoas que compartilham semelhanças é fundamental e inspirador para a construção de uma trajetória de vida. Muitas vezes, as pessoas não percebem as possibilidades de seguir determinados caminhos, em grande parte porque não imaginam que possam ocupar espaços que lhes parecem improváveis. Ao se deparar com essa possibilidade e se identificar com uma situação específica, considera-se que as vivências são essenciais para valorizar e sentir-se pertencente a espaços, especialmente aqueles que gozam de destaque na sociedade. Esse ponto é ressaltado pelas autoras que abordam a importância da representação e do reconhecimento no processo de empoderamento e inclusão social. De outra forma, serão perpetuados pensamentos e atitudes opressoras, conforme os autores destacam:

[...] há de se perceber também a necessidade de representatividade e empoderamento, além de emancipação, principalmente em relação à opressão que sofrem nos rótulos de incapacidade dos padrões societários. A visão medicalizada sobre a pessoa surda limita e oprime estes indivíduos (Santos; Bubniak; Velloso, 2018, p. 86).

Nota-se que a fala acima vai ao encontro do quão é importante compreender a cultura Surda. Ao iniciar os seus estudos no campo da Libras e ter a possibilidade de conhecer e se envolver com a comunidade Surda, percebeu-se a importância de compreender não apenas a língua em si, mas também o que envolve a questão de identidade.

Quadros e Karnopp (2009) apresentam que:

as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação [...] portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem (Quadros; Karnopp, 2009, p. 30).

As autoras ainda destacam que “Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a Língua de Sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe, e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (Quadros; Karnopp, 2009, p. 30). Assim, a Língua de Sinais é considerada uma língua natural, com gramática e estrutura próprias, e é utilizada por um grupo específico de pessoas para se comunicar e expressar suas ideias, emoções e experiências.

Nesse contexto, a necessidade de aprender Libras não está apenas relacionada à inclusão e acessibilidade, mas também ao respeito à diversidade linguística e cultural. O aprendizado dessa Língua permite estabelecer uma comunicação mais efetiva, facilitando a troca de informações e experiências com os Surdos, ao mesmo tempo em que valoriza a sua identidade e cultura. Portanto, ao aprofundar os estudos da Libras e imersão na cultura Surda, é necessário reconhecer que se adentra em um novo mundo linguístico, buscando compreender a complexidade desse processo de apropriação de uma língua visual-espacial. O desafio de se apropriar de uma nova língua com uma configuração diferente, mesmo que pertencente ao mesmo país, é uma oportunidade de ampliar horizontes, descentralizar conceitos pré-concebidos, bem como uma forma de participar de alguma forma da construção de uma sociedade mais inclusiva.

2.3.2 Desafios contemporâneos para a educação de Surdos

Conforme apresentado, o Decreto nº 5.626/2005 que regulamentou a Lei da Libras inclui a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de magistério em nível médio e superior, fonoaudiologia, licenciatura nas diferentes áreas do conhecimento, pedagogia e educação especial, constituindo ainda a Libras como uma disciplina optativa dos demais cursos de educação superior e profissional. Trata da formação do professor e do instrutor de Libras destacando que as pessoas Surdas terão prioridade nos cursos de formação. Além disso, cria os cursos superiores de graduação de Letras Libras nas modalidades bacharelado e licenciatura. Ainda dispõe sobre o uso e a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para permitir o acesso das pessoas Surdas à educação, trazendo como obrigatoriedade a promoção de cursos de

formação e a oferta do ensino da Libras e da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos Surdos, desde a educação infantil. Inclusive apoia o uso e a difusão de Libras entre toda a comunidade escolar. Também aborda a formação do tradutor e intérprete de Libras-português (Brasil, 2005).

Entre diversas questões, o Decreto discorre sobre a avaliação para obter o certificado de proficiência em Libras. Em seu Artigo 24 estabelece a garantia do direito à educação das pessoas Surdas ou com deficiência auditiva, trazendo que “a programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação” como janela de Libras e legenda oculta (Brasil, 2005). O Decreto finaliza com orientações “[...] aos órgãos da administração pública a prever em seus orçamentos recursos a serem destinados a formação de pessoal para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa” (Brasil, 2005).

O alcance efetivo do atendimento ao Surdo de forma integral, também por meio da educação bilingue, se sustenta na legislação e conforme exposto, necessita da formação de profissionais para que este direito seja assegurado. Ainda há um caminho a ser percorrido, que se inicia com a formação de professores e profissionais para atuarem diretamente com os estudantes Surdos, além de uma articulação destes no contexto escolar em situações práticas. O Artigo 17 da Lei de Libras nº 5.626 estabelece que “a formação do tradutor e intérprete de Libras Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa” (Brasil, 2005). A presença desses profissionais, os Tradutores e Intérpretes da Libras (TILS), no ambiente escolar e nas salas de aula, visa garantir que os estudantes possam receber as informações e instrução por meio da Libras. No que tange à formação, a Lei 13.146/2015 estabelece que os TILS da educação básica devem, no mínimo, ter formação em ensino médio completo e certificado de proficiência em Libras, em cursos de graduação e pós-graduação, “devem possuir nível superior, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras” (Brasil, 2015). No que se refere à atuação, estes profissionais se configuram como interlocutores entre professores e alunos, no sentido de mediar a comunicação em Libras e Língua Portuguesa, bem como o ensino da Libras como forma de promover a autonomia e participação dos estudantes.

Montes (2023), expõe em conformidade com Lacerda *et al.* (2016), sobre as especificidades necessárias para o efetivo alcance da educação bilingue:

Essa proposta prevê uma escolarização de forma tal que os educandos surdos possam ter acesso à Libras em situações dialógicas que favoreçam seu desenvolvimento linguístico a partir do contato com interlocutores fluentes nas duas línguas envolvidas: Libras e Língua Portuguesa na modalidade escrita. Para que essa prática efetivamente garanta a escolarização dos educandos surdos, o domínio das línguas envolvidas e o conhecimento dos modos peculiares de funcionamento de cada uma, em seus diferentes usos sociais, é essencial. Este domínio também é esperado dos educadores de alunos surdos, por ser fundamental para proporcionar o acesso aos conhecimentos de forma integral, tanto em Libras quanto em Língua Portuguesa (Montes, 2023, p. 34).

Exposta a situação ideal, reflito sobre as vivências de estágio, nas quais pude observar que as interações dos estudantes Surdos com os professores e com os colegas da turma são pouco efetivas, predominando a interlocução feita pelo intérprete, principalmente entre o professor e aluno, no sentido de mediar as informações sobre o conteúdo, esclarecimento de dúvidas. De acordo com Vygotsky (2008), o desenvolvimento da linguagem na infância acontece por meio das trocas interpessoais, nas interações que a criança estabelece com os outros por meio do processo comunicativo, esse elemento é essencial para o desenvolvimento linguístico.

A presença da Libras é necessária no contexto escolar, não apenas nas mediações realizadas pelos intérpretes entre professores e estudantes surdos. É necessário transpor esse contato limitado entre professores e estudantes, de forma a possibilitar que todos tenham acesso a essa língua para que ocorram interações mais dinâmicas. É essencial que o ensino de Libras esteja disponível na instituição que atende a esse público, para aqueles que desejam aprender, e que sejam promovidas iniciativas que incentivem o aprendizado da língua.

Souza e Lima (2022) destacam em seu estudo, intitulado no artigo "Inclusão de alunos surdos: desafios e necessidades do docente", a notória necessidade de implementação de políticas públicas inclusivas que promovam a formação continuada para os professores, voltada para a transformação das práticas pedagógicas. As autoras também ressaltam que essa formação deve abranger não apenas os docentes, mas também os demais profissionais que atuam nas escolas, permitindo o desenvolvimento de uma nova perspectiva em relação às pessoas com deficiência, especialmente os estudantes surdos, que são o foco da pesquisa realizada. Souza e Lima (2022) optaram por adotar uma perspectiva sobre as pessoas Surdas voltada para a diferença e valorização da diversidade a fim de superar a concepção de deficiência como mera patologia ou incompletude.

Como prevê a educação bilíngue, a presença de professores Surdos é fundamental para a identificação dos estudantes Surdos e para o fortalecimento do senso de pertencimento dentro

do ambiente escolar. É imprescindível estabelecer condições que tornem os espaços acessíveis para esses alunos, de modo a criar um ambiente que os acolha adequadamente. Esse acolhimento deve facilitar a identificação dos estudantes com o espaço escolar, promovendo, assim, a apropriação e o desenvolvimento de um senso de pertencimento.

Ademais, para que se constitua um ambiente educacional propício ao desenvolvimento pleno dos estudantes Surdos, é necessário promover interações significativas, que devem permitir que os alunos compreendam que o contexto educacional é um ambiente favorável ao seu crescimento e aprendizado.

Esse aspecto é evidenciado no relato de um estudante do curso de Letras-Libras, conforme estudo realizado por Marques (2020), que destaca:

Sinto-me muito satisfeito na universidade, primeiro pela UFSC ser referência na área da Libras e ter experiência na área da educação dos surdos. Também o curso de Letras/Libras me propõe sonhos e perspectivas para eu crescer e desenvolver na área da Língua Brasileira de Sinais. Também pelo fato de meus professores serem surdos e referências e isso me motiva e eleva a minha autoestima, e eu acredito que eu posso ser igual a eles. Temos professores ouvintes também, mas mesmo assim me propõem uma visão de igualdade entre os professores surdos e ouvintes. Eles têm qualidade no ensino e conhecem as metodologias apropriadas para o ensino e aprendizagem da pessoas surdas. Por tais motivos eu me sinto incluído no curso de Letras/Libras da UFSC (Marques, 2020, p. 79).

Essa realidade já se evidencia nas instituições de ensino superior, que, por meio da oferta da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura e da promoção da educação bilíngue, têm possibilitado a integração dos profissionais Surdos no ambiente universitário. Essa inclusão não apenas enriquece o processo educacional, promovendo uma diversidade linguística e cultural, mas também se torna um passo significativo para a formação de educadores que compreendam e respeitem a pluralidade das experiências comunicativas presentes em nossa sociedade. A adoção da educação bilíngue reforça a valorização da Língua de Sinais como uma forma legítima de expressão, contribuindo para o desenvolvimento de competências que favorecem a comunicação entre diferentes culturas. A presença de profissionais Surdos nas universidades, aliada a essa abordagem bilíngue, contribui para a desconstrução de barreiras, fomentando um ambiente mais inclusivo e acessível para todos os estudantes, independentemente de suas condições de comunicação. Infelizmente, ainda não é a realidade da educação básica, pois ainda não se efetivou a presença de profissionais Surdos nas escolas, o que não favorece as interações e a valorização da Libras. Apresento a seguir, uma situação que propõe uma reflexão sobre este aspecto.

Nesse sentido, destaca-se que a atuação dos intérpretes é de grande relevância para a escolarização de alunos surdos em escolas regulares, sendo também a principal medida adotada atualmente para a efetivação da inclusão desse público. Contudo, conforme defendido por Lacerda *et al.* (2016), para que a inclusão ocorra de maneira efetiva, a Libras deve estar presente e em pleno uso nas instituições de ensino. Embora já se compreenda a importância da Libras nesse contexto, “em relação à inclusão de alunos surdos, percebe-se a necessidade do intérprete no ambiente escolar, pois os professores não possuem conhecimento da língua para comunicação básica com esses alunos, uma vez que a maioria não realizou o curso básico de Libras” (Souza; Lima, 2022, p. 19).

A realidade ainda é marcada pela falta, até mesmo, de intérpretes nas instituições de ensino, especialmente nas regiões interioranas do estado. Embora este não seja o foco principal da pesquisa, é importante mencionar algumas situações que continuam a afetar a trajetória escolar dos estudantes surdos devido à escassez de profissionais qualificados.

Devido ao importante papel desempenhado pelos intérpretes de Libras na educação dos Surdos e essa profissão esteja em crescente demanda, faz-se necessário refletir sobre alguns aspectos. A oferta de cursos reconhecidos e de níveis mais avançados nessa área está mais concentrada nos grandes centros urbanos, onde estão localizadas as instituições de referência na formação e apoio à comunidade Surda. Como exemplos, no estado de Minas Gerais, o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez²¹ (CAS), localizados em Belo Horizonte e Montes Claros e a Associação dos Surdos de Minas Gerais (ASMG)²², localizada em Belo Horizonte, que ofertam cursos que atendem a demanda local. Em decorrência desse fato, nos grandes centros urbanos, há uma concentração significativa de profissionais qualificados para o atendimento aos Surdos em diversos contextos. Por outro lado, nas regiões mais afastadas e no interior do estado, observa-se a ausência de um local de referência para a formação desses profissionais, o que, de certa maneira, compromete o desenvolvimento da formação necessária. Faltam profissionais para o atendimento básico a esse público, até mesmo nas escolas regulares.

²¹ Esse centro, o CAS, tem o objetivo de promover a educação bilíngue, por meio da formação continuada de profissionais para oferta do AEE a estudantes surdos e com deficiência auditiva e da produção de materiais didáticos acessíveis. Nos links abaixo, encontram-se os endereços do CAS em todo o Brasil (INES, 2021). Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9965-cas-secadi&Itemid=30192. Acesso em 28 nov. 2024.

²² A ASMG, fundada em 1956, tem como objetivos promover o bem-estar, a proteção, a assistência em geral das pessoas Surdas de todas as idades, nos vários ambientes sociais, assim como também estimular estudos e pesquisas relativos ao Surdo e à surdez (ASMG, 2024). Disponível em <https://www.asmg.org.br/>. Acesso em 28 nov. 2024.

Essa percepção se evidenciou no momento que ingressei na especialização em Libras. em virtude da baixa demanda de inscritos²³, foi concedido aos interessados, inclusive a mim, o direito de iniciar o curso sem o conhecimento prévio da língua, porém assumindo o compromisso de buscar meios para, ao final do curso, atender aos requisitos básicos de comunicação. Embora o município de minha residência se localize na região central do estado, a menos de 100 quilômetros da capital mineira, em um período recente, a formação em Libras era pouco divulgada e ofertada apenas em cursos particulares e em uma associação vinculada a uma instituição religiosa local, pois não existe associação de Surdos em atividade. Assim, visando atender a demanda da especialização, o grupo se empenhou num esforço conjunto, o que viabilizou formar uma turma na referida instituição. A oferta desse tipo de curso ainda ocorre de forma tímida, na referida instituição e em uma escola particular de Libras, administrada por uma intérprete de Libras em parcerias com professores Surdos na qual permaneço vinculada para me manter em contato com a língua. . Pelas dificuldades enfrentadas e expostas para a formação em Libras, é possível considerar que a formação ainda é um desafio.

Conforme apresentado, esse aspecto pode ser o reflexo de carência de profissionais para atuar nas escolas regulares e para a difusão da Libras. Por meio de uma postagem feita no dia 27 de outubro de 2024, em um grupo de intérpretes de Libras do qual participo, que informava vaga de trabalho aberta por um longo período no *site* de contratação da rede estadual de Minas Gerais, cujo edital se encontrava na 54^a divulgação, considerando que o prazo de divulgação deve ocorrer 24 horas antes da efetivação do preenchimento. Esse fato, motivou uma busca no referido *site* para verificar se o fato é relevante e interfere na escolarização dos estudantes Surdos, o que levou a importante constatação, conforme apresentado no Quadro 5 a seguir:

²³ Assim como eu, a maior parte dos interessados não possuía conhecimento básico de Libras, o que a princípio, não possibilitaria a oferta do curso.

Quadro 5 – Editais de vaga para Contratação Temporária/Convocação

LISTA DE SRE²⁴S QUE POSSUEM EDITAIS ABERTOS PARA CONTRATAÇÃO DE PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA, PARA ATUAR COMO PROFESSOR INTÉRPRETE DE LIBRAS/AEE²⁵.			
Nº	Regional	Município	Nº de editais
1	44ª SRE - Araçuaí	Araçuaí	18º Edital
2	7ª SRE - Caxambu	São Tomé das Letras	77º Edital
3	8ª SRE - Conselheiro Lafaiete	Senhora de Oliveira	18º Edital
4	12ª SRE - Divinópolis	Cláudio	50º Edital
5	19ª SRE - Leopoldina	Cataguases	47º Edital
6	37ª SRE - Teófilo Otoni	Itaípe	1º Edital
7	32ª SRE - Pouso Alegre	Ouro Fino	10º Edital
8	29ª SRE - Patrocínio	Perdizes	94º Edital
9	28ª SRE - Patos de Minas	Patos de Minas	14º Edital

Fonte: Elaborada pela autora a partir de consulta ao *site* da SEE/ MG

Nota: Divulgação de editais de vaga para Contratação Temporária/Convocação, com pesquisa realizada em 21/11/2021. Disponível <https://controlequadropessoal.educacao.mg.gov.br/divulgacao>. Acesso em 21 nov. 2024

Os dados demonstram a ausência dos profissionais e há um grande desafio de suprir a necessidade atendimento aos estudantes Surdos. Nesse sentido, pode-se perceber que os estudantes Surdos ainda têm a sua escolarização comprometida pela ausência do atendimento especializado às suas necessidades comunicativas, o que caracteriza a perpetuação de certa disparidade no atendimento dos estudantes Surdos em relação aos ouvintes. Pesquisas comprovam que, para se desenvolver em condições de igualdade precisariam receber os estímulos em condições equivalentes, em sua língua. Pesquisas comprovam que, para as pessoas Surdas se desenvolverem em condições de igualdade, elas precisam receber os estímulos em condições equivalentes, em sua língua.

A ausência de profissionais intérpretes implicam no prejuízo da comunicação em Libras para os estudantes Surdos e, por consequência no acesso aos conhecimentos em sua língua. Quais serão os reflexos dessa situação ao finalizar o ano letivo e em uma visão mais ampla, no decorrer do percurso escolar. Quais seriam os prejuízos acarretados a esses estudantes?

²⁴ Secretarias Regionais de Ensino (SREs)

²⁵ Atendimento Educacional Especializado (AEE)

3 REFLEXÕES E A TRANSFORMAÇÃO

O olhar do espectador nunca é neutro,
nem vazio de significados. Ao contrário,
esse olhar é permanentemente informado e dirigido
pelas práticas, valores e normas
da cultura na qual está imerso

(Rosália Duarte)

3.1. Considerações iniciais

O cinema será utilizado neste contexto como um mediador nos processos de construção de significados em relação ao desconhecido, bem como na ressignificação de (pré)conceitos já estabelecidos. Por meio das narrativas e das imagens apresentadas na tela descortina um horizonte de construções materiais e simbólicas, proporcionando a oportunidade de identificação com as representações, a partir das experiências vividas. Esse processo promove a empatia e favorece um entendimento mais profundo das diversas realidades sociais e culturais. Assim, o cinema não apenas entretém, mas também enriquece o debate sobre questões relevantes da sociedade, incentivando reflexões e diálogos acerca das diferenças e similaridades entre os povos e suas culturas (Duarte, 2002). Consoante ao exposto, a autora reconhece que a pedagogia do Cinema, que encanta e cativa, ao mesmo tempo deve sensibilizar o público e promover reflexões sobre os diferentes aspectos que envolvem a educação.

Por outro lado, a concepção equivocada em relação ao uso do cinema como um complemento ou entretenimento, contribui para uma visão dos filmes como forma de diversão. Nesse sentido, o recurso fílmico não deve ser aplicado com um caráter meramente ilustrativo nas aulas, mas, para torná-las mais atraentes, deixando de lado uma ideia de “recurso de segunda ordem” (Duarte, 2002, p. 87), utilizado apenas como complemento do saber contido nas fontes confiáveis, por exemplo a literatura. Geralmente, o uso do cinema na escola é influenciado pelo que se deseja desenvolver por meio dele, guiado pelo conteúdo programático.

Nesta perspectiva, o que se almeja construir é uma da pedagogia do cinema, que de acordo com Duarte (2002), concordando com Bourdieu (1998), elucida que a experiência com o cinema contribui para o desenvolvimento da chamada “competência para ver”, que objetiva analisar e compreender as narrativas cinematográficas a partir de certas disposições

“socialmente construídas”. Sobretudo, essa competência não é adquirida simplesmente ao ver os filmes, mas é influenciada pela “atmosfera cultural em que as pessoas estão, que inclui as experiências escolares, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia”.

Os grupos sociais nos quais estamos imersos influenciam nas percepções que desenvolvemos, de certa forma, na nossa “maneira de ver”, ou seja, a leitura de mundo a partir das imagens. Compreende-se, a partir do pensamento de Duarte, que o gosto pelo cinema é constituído como um sistema de preferências, formado, em sua maioria, por um público de universitários e pessoas de classes mais favorecidas. Essas pessoas se conectam com a arte cinematográfica desde a infância, uma vez que essa prática é valorizada por suas famílias e pelos grupos dos quais fazem parte. Atualmente nota-se uma popularização do audiovisual, que se encorpa por meio da evolução dos aparatos tecnológicos, fazendo com que a cultura cinematográfica sofra “uma expansão desenfreada já que a tecnologia da informação fornece base material em constante desenvolvimento e acessibilidade” (Barbosa *et al.*, 2014, p. 20).

Contudo, esse desenvolvimento considerado acelerado precisa ser regulamentado. Nesse sentido, a aplicação da Lei 13.006/2014, que estabelece a obrigatoriedade da exibição de duas horas mensais de produção audiovisual nacional como componente curricular complementar, auxilia nesse movimento (Brasil, 2014). A intenção é que a Lei seja integrada à proposta pedagógica das escolas da educação básica, que contribui para a valorização das experiências culturais proporcionadas pelo cinema, capazes de mobilizar um maior interesse no processo de construção do saber. Duarte (2002) afirma que “determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo”. Considerando essa natureza pedagógica do cinema para o campo educacional, faz-se necessário pensar em questões pontuais sobre essa experiência do audiovisual, com relação aos modos de se ver os filmes, num sentido mais amplo, incluindo nesse processo a diversidade presente na sala de aula.

A diversidade aqui discutida, refere-se aos estudantes Surdos, que possuem especificidades culturais próprias, sobretudo, linguísticas que geralmente não são contempladas nos produtos audiovisuais. Refletir sobre esta influência na experiência desses estudantes é uma importante questão que se relaciona aos desafios da educação de Surdos.

O audiovisual tem provocado, desde sua criação, reflexões aprofundadas sobre os processos sociais e a busca por pertencimento em uma sociedade que frequentemente se mostra opressora. Essa forma de arte e comunicação não apenas retrata as realidades vividas por diferentes grupos sociais, mas também serve como um instrumento de crítica e questionamento das estruturas de poder que marginalizam vozes e identidades. O impacto do audiovisual nesse

contexto é significativo, uma vez que amplia a visibilidade de questões pertinentes e contribui para a construção de narrativas que favorecem uma maior inclusão e diversidade.

A diversidade e a inclusão aqui discutidas se referem aos estudantes Surdos, que possuem especificidades culturais próprias, sobretudo linguísticas, que geralmente não são contempladas nos produtos audiovisuais. Refletir sobre esta influência na experiência desses estudantes é uma importante questão que se relaciona aos desafios da educação de Surdos. É importante reconhecer que o cinema vai além de ser uma simples indústria; os filmes não se restringem a uma repetição mecânica de fórmulas padronizadas.

A obra "Crisálida" nos convida a expandir nossos horizontes e nos permite compreender que as representações presentes no universo cinematográfico podem refletir as disputas existentes no contexto social ao expor as confrontações de ideias e posições, Duarte (2009). Dessa forma, podemos despertar para novas percepções sobre a realidade e os fenômenos que acontecem em nosso cotidiano. Essa compreensão destaca a importância de abordagens diversificadas e inovadoras na produção cinematográfica, que buscam refletir as complexidades da vida e da sociedade.

Faz-se necessário incluir essa diversidade, pois “o cinema é múltiplo, diversificado e questionador” (Duarte, 2009, p. 4). É preciso tornar essa multiplicidade cada vez mais visível. Por isso, observar a reprodução de situações cotidianas que geralmente não são percebidas no dia a dia nos permite refletir sobre as dinâmicas sociais, as relações de poder e as diversas narrativas que compõem a nossa realidade. Ao ver a reprodução, é possível conectar-se com as histórias reais que vivenciamos, muitas vezes não percebidas, e reconhecer-se em situações já experienciadas. Nesse sentido, “o cinema não é, portanto, o principal agente produtor de ‘imagens do outro’, mas desempenha um papel significativo no sistema no interior do qual elas são produzidas, na medida em que produz e reproduz modos de ver, de agir e de pensar” (Duarte, 2009, p. 2).

Conscientizar sobre nossas ações é fundamental para promover uma compreensão mais profunda e inclusiva dos variados aspectos da vida em sociedade, além de incentivar a empatia e o respeito pelas diferenças. Desenvolver essa conscientização é o que se espera com as reflexões sugeridas. Para tanto, será apresentado um breve panorama das representações de personagens surdos no âmbito nacional e situar o projeto “Crisálida” nesse cenário. Antes, é necessário contextualizar a relação do povo surdo com o cinema.

3.2 A representação do Surdo nas produções audiovisuais nacionais

No Brasil, a representação de personagens surdos ainda é bastante escassa, mas está em um processo de crescente evolução. A presença desses personagens na televisão brasileira começou com raras aparições e, frequentemente, uma visão estereotipada. Essas representações costumavam ser simplistas, priorizando a questão das limitações auditivas, sendo marcadas pela dificuldade de comunicação e pelas barreiras na interação social que essa condição pode impor.

Na última década, sob influência das discussões sobre inclusão e diversidade, os personagens surdos passaram a ser representados de forma mais complexa, considerando os aspectos culturais desse povo. Conforme já mencionado na introdução deste estudo, um artigo de Azevedo (2023) analisou as representações de personagens surdos em séries brasileiras e americanas, exemplificando esse avanço na representação da diversidade. Em uma situação, trata-se da personagem Milena, interpretada pela atriz Giovanna Rispoli²⁶, em “Malhação - Toda Forma de Amar” (2019). Ela é uma surda oralizada e utiliza comunicação bimodal, combinando Libras e português oralizado, pela pressão da mãe, Karina, interpretada por Christine Fernandes. A menina manifesta preferência pelo uso a Libras, conforme exposto por (Azevedo, 2023, p. 7) “ela prefere usar a língua de sinais para se comunicar no dia a dia”. Além disso, refere-se à perspectiva apresentada pelo autor sobre a personagem, ao afirmar que Milena é uma menina forte que luta para conquistar seus objetivos, confiando em sua capacidade de alcançar o sucesso. Ela enfrenta um embate constante para se desvencilhar dos estigmas e limitações impostos por sua própria mãe.

Dentro desse contexto, a figura materna possui uma visão equivocada da filha, na perspectiva clínico-terapêutica, percebendo a surdez como uma condição a ser tratada, influenciada por estigmas que a fazem acreditar que na sociedade sua filha será vista como inferior. Essa representação revela não apenas a complexidade das identidades surdas, mas também as dificuldades enfrentadas por muitas pessoas com deficiência em relação à aceitação e ao preconceito em suas interações sociais.

A narrativa aborda e enfatiza elementos da cultura surda, apresenta locações no INES ressalta a sua relevância na educação desse público. A obra contou com o apoio de um jovem surdo e de sua mãe, na preparação do elenco²⁷, o que enriquece a representação da cultura Surda. No entanto, mesmo sendo um marco na promoção da cultura surda, a história é

²⁶ Giovanna Rispoli é ouvinte, que no filme se faz de surda.

²⁷ Atriz e autor Emanuel Jacobina de ‘Malhação - Toda Forma de Amar’, explicam no vídeo como foi o processo de preparação de elenco Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7635392/> Acesso em 24 nov. 2024

protagonizada por uma personagem ouvinte. Essa escolha levanta questões importantes sobre a representação autêntica e a necessidade de vozes surdas em narrativas que tratam de suas experiências e vivências.

Outra proposta veiculada na TV aberta, que aborda a temática Surda, ocorre na novela “A infância de Romeu e Julieta”, pela personagem Pórcia Guerra, interpretada pela Beatriz Oliveira²⁸, que relata ser uma pessoa com deficiência auditiva/surda oralizada, que percebeu sua perda auditiva por volta dos 17 anos e faz uso de aparelho auditivo desde 2018. Na trama, é filha de Fausto Guerra, interpretado por André Mattos, um pai excessivamente protetor, “que usa mais a oralização para se comunicar com a filha do que a Libras” (Azevedo, 2023, p. 8). A garota faz amizade com Bassânio, personagem vivido por Lucas Sales, é um analfabeto funcional, incentivado pela amiga a aprender a ler e escrever, que também se interessa em fazer uso da Libras para se comunicar com ela. A consultoria de Libras é prestada por uma tradutora e intérprete, que auxilia “apresentando sinais mais usuais na comunidade surda para promover uma melhor representação dos personagens do núcleo de Pórcia” (Azevedo, 2023, p. 8, 9), participando da preparação dos atores. A autora finaliza com a informação de que a atriz criou sinais para todos os personagens do seu núcleo, dando maior visibilidade ao aspecto cultural do povo Surdo.

Em seu estudo, Azevedo (2023) também cita ‘Crisálida’, enfatizando aspectos mais profundos de representação, uma vez que conta com a colaboração de Surdos “envolvidos desde a concepção do projeto até sua finalização”, além de atores surdos em papéis de protagonismo. Por tais características, a obra citada teve enfoque deste trabalho, cuja proposta é analisar este produto cultural tão representativo. A série "Crisálida" foi um sucesso no catálogo de streaming da Netflix, principalmente entre a comunidade surda. No entanto, percebe-se que ainda não recebeu a atenção adequada pelos veículos de circulação em massa, e seu merecido destaque para o público em geral.

A influência das mídias de comunicação de massa, especialmente na Televisão aberta valendo-se das representações no audiovisual podem contribuir para dar visibilidade aos diferentes grupos. Para tanto, é importante pensar nos aspectos representativos apropriados para o seu devido fortalecimento. Conferir destaque aos materiais que valorizam a diversidade e promover discussões nos ambientes sociais é um caminho para e criar oportunidades para a

²⁸ Vídeo do *podcast* “Queijo Goiabada” que recebe a Beatriz Oliveira, a Pórcia de “A Infância de Romeu e Julieta”, para falar sobre a novela e sua história de vida. Disponível em: <https://youtu.be/mGic3Zq48xs>. Acesso em 24 nov. 2024.

divulgação Cultural e linguística do povo surdo e celebrar essa diversidade e enriquecer o panorama cultural da sociedade.

3.3 Crisálida

3.3.1 Momento introdutório ao Crisálida

A título de contextualização a narrativa sugere uma metáfora em seu título, explorando a transformação que ocorre na crisálida, por meio de uma relação complexa que ocorre no processo de socialização de um jovem garoto e sua transição social na construção de sua identidade. Esse processo é demonstrado em contextos sociais marcados por múltiplas influências e conflitos interculturais. Ao sofrer as influências da imposição da cultura dominante na busca por socialização, ocorre o inverso: a invisibilização e o isolamento de outras culturas, resultando em uma sensação de não pertencimento.

A análise da obra "Crisálida" busca evidenciar a representação da surdez nesse audiovisual, além de verificar se, de alguma forma, são reproduzidos fatos que se relacionam com a realidade vivenciada pelas pessoas surdas nas situações apresentadas. Também busca estabelecer relações com o conceito de *habitus*, por meio das interações vivenciadas pelo protagonista, que continuam a moldar seu sistema de preferências com base nas relações familiares, sociais e escolares, influenciando suas subjetividades.

As reflexões visam auxiliar a percepção das ações que interferem no processo de incorporação desse *habitus*, considerando as influências que tendem a impor uma homogeneidade, que compromete seu desenvolvimento sociocultural. A percepção desses elementos na análise, objetiva despertar a sensibilidade no olhar, permitindo enxergar as imagens do outro e pelas imagens do outro, reflexos da vida. É fundamental perceber, por meio desse olhar sensível, as questões estéticas e práticas que interferem na vida social e escolar dos surdos.

O processo de análise desenvolveu-se em dois momentos, acompanhando os desdobramentos do projeto "Crisálida", que teve sua origem no curta-metragem, prosseguindo com a produção da série e, posteriormente, com a realização do filme, dando continuidade à narrativa do curta. A princípio, foi realizada a análise do curta-metragem e, em seguida, do filme, estabelecendo um cruzamento com as análises elaboradas por Mattos (2023) relativas à primeira temporada da série. O trabalho desses autores teve como objetivo discutir o processo de construção das identidades surdas presentes no enredo de "Crisálida", para tanto, estabeleceu

relações “entre a cultura surda e a cultura de mídia, com seus impactos na visibilidade dos sujeitos Surdos”. O entendimento construído na análise interpretativa está vinculado com a proposta desse estudo. Mattos (2023) destaca os aspectos referentes à seleção das cenas e pertinência com as discussões acerca das representações dos Surdos, representatividade e seus desdobramentos, conforme apresenta:

Diversos são os exemplos de personagens que podem ser elencados para discutirmos a representatividade do sujeito Surdo. Em alguns episódios, a série problematiza a representação do Surdo sob uma perspectiva capacitista que alguns ouvintes ainda têm do surdo. Mostra, por meio de personagens e vivências, como muitos consideram na incapacidade do sujeito Surdo. Além disso, apresenta outros aspectos da surdez, como a cultura surda, a construção da identidade e o protagonismo Surdo (Mattos, 2023, p. 78).

Para compreender os aspectos culturais destacados na análise da série, os autores se basearam nas contribuições de Caseti e Di Chio (2013) e Azubel (2018; 2017), cujos procedimentos para análise de narrativa se fundamentaram na metodologia de decomposição, na recomposição e síntese interpretativa. A primeira delas busca reconhecer quais os elementos serão objetos de estudo. A segunda, almeja uma interpretação e a compreensão do que acontece em cena. E a última, busca reinterpretar ou construir uma segunda interpretação, considerando o que foi analisado. Para Mattos (2023), a escolha da metodologia permite compreender como os fatos se organizam na cena, ao mesmo tempo que é possível analisá-los e problematizá-los, considerando uma base teórica sólida. As compreensões desenvolvidas na análise descrita foram utilizadas para estabelecer uma relação com as percepções evidenciadas neste estudo no momento 1, por meio das sequências apresentadas no curta-metragem. No momento 2, a análise do filme, que consiste na sequência dos desdobramentos da história de Rubens, o personagem surdo, realizou-se com o intuito de estabelecer uma relação entre os acontecimentos que se entrelaçam no enredo da série e as duas obras analisadas.

Embora seja uma obra de ficção, ela reflete a realidade em muitas situações atuais e isso demanda atenção para esses aspectos representados. É importante imagem realidade, levando à reflexão sobre como podemos superar uma situação que não deveria mais existir, mas que ainda perdura. É fundamental analisar o passado, observar o presente e trabalhar para transformar o futuro. Assim, a proposta terá foco na análise de representações por meio de comparações entre múltiplas fontes de dados. Portanto, confrontará as representações presentes no material audiovisual, na literatura e nas experiências escolares da autora.

3.3.2 Momento1 – Curta metragem

A Figura 3 traz o *pôster*/cartaz do Curta metragem “Crisálida”:

Figura 2 – Cartaz/*pôster* do curta metragem “Crisálida”



Fonte: Pinho (2014) e Crisálida (2016)

Nota: Projeto Crisálida. Disponível em: <https://www.seriecrisalida.com.br/https-drive-google-com-file-d-0b1637jdbtgctoujr>. Acesso em: 11 fev. 2025

Inicialmente, o curta-metragem apresenta o ambiente educacional de uma sala de aula, onde o professor conduz uma aula utilizando um recurso audiovisual. Nota-se o uso pedagógico das imagens para observar os “fenômenos naturais como importantes medidas pedagógicas a serem utilizadas no ensino da ciência, levou escolas e professores a utilizar a imagem-técnica e os novos processos de impressão e reprodução de fotografias e ilustrações em suas aulas” (Duarte, 2010, p. 272). Contudo, não sugere nenhuma intervenção ou mediação, tampouco é acessível ao estudante Surdo, que assiste com atenção ao vídeo que está sendo exibido.

Nesse contexto, revela-se que esse estudante ainda é privado da presença do intérprete de Libras na sala de aula, o que remete ao momento em que os Surdos eram escolarizados de modo a terem de se adaptar ao modelo ouvinte. Essa situação reflete uma realidade, que de acordo com a legislação vigente e garantias consolidadas, já deveria ter sido superada, no entanto, por motivos de ordens diversas, dentre elas familiares e sociais, ainda pode persistir.

Observando mais pontualmente, é possível perceber uma sala de aula composta por uma maioria ouvinte, cujas práticas adotadas pelo professor privilegiam a cultura ouvinte, em detrimento das necessidades do estudante Surdo. Não fica evidente a preocupação de promover atividades que possibilitem atendê-lo de forma adequada e que garantam sua efetiva participação.

As imagens que seguem reproduzem trechos de cenas do curta metragem “Crisália”, do personagem Rubens na escola. A Figura 4 traz a imagem da cena da sala de aula:

Figura 3 – Imagem da cena na sala de aula no curta metragem “Crisálida” (sequência 02:18 – 04:17)



Fonte: Crisálida (2016)

Nota: Curta-metragem Crisálida

A situação me fez recordar de uma vivência na minha cidade natal²⁹ e, assim, fazer um paralelo das duas realidades vivenciadas nas escolas, em dois momentos históricos distintos. No fim dos anos 80 uma pessoa Surda presente na escola, apresentava grande distorção idade/série, o que à época ocorria quando o estudante não conseguia acompanhar os demais alunos da classe. Comunicava-se por meio de códigos caseiros permeado de gestos, oralização, leitura labial e todos os recursos possíveis para se estabelecer minimamente o processo comunicativo, com foco na oralização, o que se enquadra nos moldes da comunicação total.

Notava-se grande dificuldade de acompanhar as informações prestadas pelo professor, contava com a assistência mínima e nada adequada dos colegas com os quais tinha mais

²⁹ Trata-se de uma cidade pequena, localizada a uma distância de apenas 25 km de onde moro atualmente, na qual vivi grande parte da minha vida e continuo visitando-a, pois mantenho vínculo familiar.

afinidade. Por se tratar de uma escola pública regular, na década de 1980, ainda não havia atendimento especializado e adaptações que atendessem minimamente suas necessidades comunicativas. O insucesso escolar, portanto, decorre das limitações comunicativas, métodos de oralização, que conforme já apresentado, não foram eficientes. Para dimensionar o tempo, ela estudou com duas irmãs, cuja diferença de idade é de 9 anos e após sucessivas reprovações, abandonou os estudos na antiga 6ª série, que hoje corresponde ao 7º ano de escolarização.

Quando volta-se à análise da sequência, estudantes arremessam um objeto no garoto Surdo, que ao ser atingido, manifesta-se questionando os colegas e é advertido pelo professor, solicitando que volte a sua atenção para o vídeo, sem demonstrar a busca por compreender o que se passou, os motivos que levaram esse aluno a perder o foco e se voltar para os colegas. Apenas após o fim da aula, quando o garoto apresenta o objeto arremessado ao professor, este demonstra surpresa ao olhar e perceber que algo aconteceu para tirar o foco desse estudante.

Um outro ponto a ser analisado, é que as sinalizações observadas ocorrem de forma oral e sonora, por meio das solicitações do professor, campainha sonora que indica o fim das aulas, dentre outros aspectos. Isso faz com que o garoto precise estar ainda mais atento à movimentação ao seu redor para se situar. Além disso, não ocorrem trocas significativas desse estudante com os demais, e as interações tendem a ser marcadas pelo constrangimento, o que evidencia um enfoque para a ausência do sentido da audição, privilegiando a cultura ouvinte entendida como a cultura pertencente à maioria das pessoas.

As trocas entre este estudante e os demais não ocorrem; as interações tendem a gerar constrangimento, evidenciando uma ausência de sensibilidade auditiva. Essa situação privilegia a cultura da audição, a qual é entendida como a norma da maioria das pessoas.

É possível perceber que ocorre uma invisibilização desse estudante, quando não lhe é oferecida a possibilidade de demonstrar o que de fato houve, pois não ocorre a tentativa de comunicação, o que de certa forma, sugere a imposição da cultura ouvinte. Esse fato, além de configurar a violência física, remete a nuances do que Bourdieu (2010) configura como “violência simbólica” ao verificar, em certa medida, a imposição da cultura ouvinte e a oralização como forma de comunicação, uma vez que não ocorre uma aproximação junto a esse estudante para compreensão da situação manifestada sob a forma de desconforto (Bourdieu 2010). Quanto ao direito linguístico, existe certa desconsideração da presença desse estudante, uma vez que se observa o atendimento educacional especializado, que garante a presença do profissional intérprete para possibilitar o acesso a sua língua de instrução, de acordo com suas necessidades.

Desta forma, as interações desse estudante não contribuem para seu pleno desenvolvimento e sucesso escolar. Extrapolando o contexto educativo, e pensando no desenvolvimento da pessoa surda em outros cenários, um outro conceito apresentado por Bourdieu nos é importante: o Capital Cultural (Bourdieu, 2010). Esse Capital diz respeito ao conjunto de conhecimentos, habilidades e educação que um indivíduo possui, e como isso influencia sua posição na sociedade.

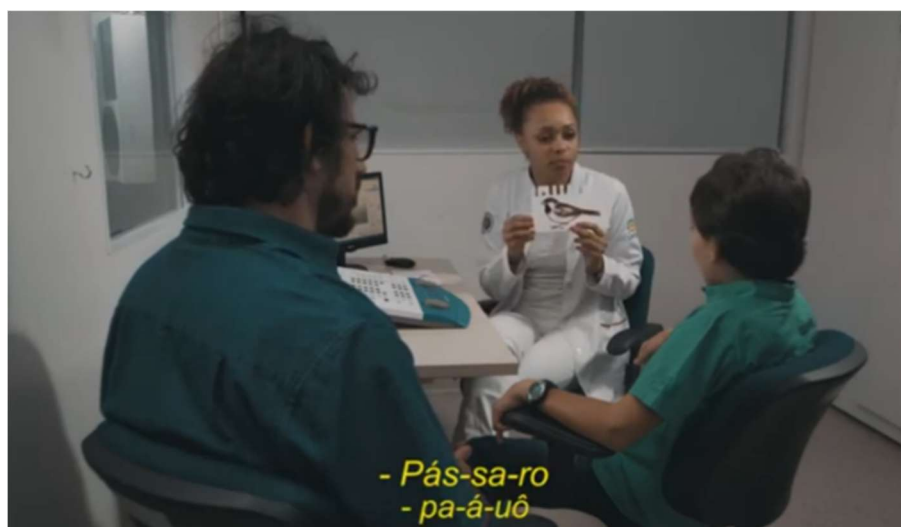
Ao observar "Crisálida", considerando o conceito apresentado, fica evidente a luta da personagem principal para acessar e desenvolver seu capital cultural em meio a um ambiente que muitas vezes desvaloriza suas aspirações e identidade. Percebe-se ainda na sequência analisada, que a busca por autoafirmação e reconhecimento está intrinsecamente ligada ao capital cultural, pois o protagonista, ao tentar se desvincular das amarras do seu passado, almeja também conquistar um espaço que valorize suas singularidades.

É importante perceber o processo que diz respeito às disputas que ocorrem na situação, considerando o conceito de campo, que no pensamento de Bourdieu (1998) representa o espaço social onde interagem as relações de poder e os diferentes tipos de capital, conforme exposto por Nogueira e Nogueira (2013). Na composição da sequência de "Crisálida" que foi analisada é perceptível que a protagonista está em um campo de tensões, onde as expectativas sociais e familiares se confrontam com sua vontade de se transformar. A dinâmica entre os diversos agentes presentes no filme ilustra como as lutas por reconhecimento, e a construção da identidade são influenciadas por esse campo, que nem sempre oferece as condições necessárias para a autêntica autoexpressão.

Em outra sequência, observa-se que no contexto familiar, diante de uma visão equivocada e limitadora construída sobre a pessoa Surda, Mário, o pai do personagem Rubens, um jovem Surdo, leva-o para o serviço de fonoaudiologia para que seja estimulado a se oralizar. Esse pai acredita que é necessário se integrar à maioria ouvinte para constituir uma vida plena, e embora perceba uma grande dificuldade do filho reforçada pelo parecer da fonoaudióloga, pensa em desistir desse tipo de tratamento. Em casa, ao ser questionado pela esposa sobre como está o desenvolvimento do garoto, prefere omitir o insucesso, levando ao entendimento de que o filho está em crescente progresso.

A Figura 5 traz a imagem da cena de Rubens no consultório fonoaudiológico do curta metragem “Crisálida”:

Figura 4 – Imagem da cena no consultório fonoaudiológico no “Crisálida” (sequência 05:07 – 05:43)



Fonte: Crisálida (2016)

Nota: Curta-metragem Crisálida

O poder exercido pelo pai é prontamente aceito pelo filho, que se submete ao sofrimento do tratamento que estimula a oralização em busca de agradá-lo. Essas ações são conceituadas por Bourdieu (1998) como "boa vontade cultural", entendida como a “docilidade” para se adaptar às normas e às regras impostas pelas expectativas sociais, conforme exposto por Nogueira e Nogueira (2013). A síntese interpretativa de Mattos (2023), referente a esse recorte da série, contribui para o entendimento conforme destaca:

Rubens, um adolescente surdo, que está em processo de construção de sua identidade surda, luta diariamente para que sua experiência possa se efetivar. Além disso, luta também pela aceitação no âmbito familiar, por parte do pai, que não compreende a sua construção identitária e a todo momento busca desconstruí-la por meio dos seus discursos oralistas. Os embates entre pai e filho mostram as diferenças identitárias e relacionais como uma disputa entre diferentes forças, bem como a influência que o pai exerce sobre o filho. O desconhecimento da cultura surda e os estereótipos criados no pensamento de Mário repercutem na concepção de que o filho deve ser corrigido por meio de tratamentos e uso de aparelhos auditivos. Nesse contexto, o aparelho pode ser entendido como uma tentativa de normalizar o surdo ao modelo ouvinte (Mattos, 2023, p. 79).

A situação possui semelhança com uma vivência da minha prática de estágio do curso de Letras Libras: o relato de uma estudante que estava aprendendo a Libras tardiamente, em

virtude da não aceitação da surdez por parte dos pais, que pensavam estar promovendo o bem-estar da filha e possibilitando a sua integração aos ouvintes para viver uma vida plena. Ocorre que a experiência não foi bem-sucedida, além de ter causado sofrimento pela exaustão do próprio tratamento e por não conseguir atingir os resultados esperados. Por fim, a jovem só conseguiu desenvolver-se nos estudos por meio da Libras. Outra situação, na perspectiva do tratamento da surdez ocorreu com um jovem que foi implantado e não gostava de usar o aparelho auditivo. Relatava que sofria com o excesso de ruídos e sempre o retirava na ausência dos pais. Esse jovem, utilizava a Libras para se comunicar, mas os pais desejavam que se oralizasse para ter uma vida mais segura. Devido à grande insistência ele jogou o aparelho fora e disse aos pais que o perdeu. Com o passar do tempo, revelou aos pais que preferia utilizar a Libras para se comunicar e que estava mais feliz.

É importante destacar que a instituição familiar deve ser a primeira a quebrar os paradigmas de que a comunicação deve ser estabelecida por meio do oralismo, na perspectiva de oralizar o Surdo e estimulá-lo a se adaptar ao universo ouvinte. Conforme apresentado no curta-metragem “Crisálida”, ocorre o inverso, pois a inserção do Surdo em ambiente escolar de maioria ouvinte e sem respeitar suas especificidades comunicativas, materializa-se em dificuldades diversas, trazendo prejuízos ao seu pleno desenvolvimento. A interação junto a seus pares, a convivência precoce na comunidade e o contato com a Libras, permite o estabelecimento de vínculos e significados importantes.

É possível estabelecer ainda relação com os relatos da vivência de Strobel (2008, p. 62), ao afirmar que “as crianças Surdas quando tem envolvimento com a cultura Surda, se sentem mais seguras e confiantes na caminhada de suas vidas, sendo respeitadas como sujeitos ‘diferentes’ e ingressariam melhor a visão intercultural”. O desenvolvimento das crianças, em geral, ocorre mediante práticas e estímulos, atendendo a suas necessidades, e nas condições linguísticas e culturais que significam e simbolizam suas experiências de mundo. Nesse sentido, os estímulos devem ser mediados pela Libras, a fim de que proporcionem uma conexão da vida e a identificação mediante as representações.

Em seu estudo, Oliveira (2017), apresenta a compreensão da Teoria de Bourdieu de como se estruturam as representações individuais nos processos de socialização que ocorrem desde o nascimento, quando “a criança é imersa em um mundo social já constituído, com valores, crenças, motivações e tendências [...] que modelam sua estrutura de respostas ao meio e às situações” (Oliveira, 2017, p. 53).

Em face das construções oriundas desse processo de socialização, o garoto cede à pressão do pai e se submete ao tratamento fonoaudiológico, mesmo que seja doloroso para ele.

Essa situação vai ao encontro às reflexões de Bourdieu (2010) sobre o poder, o "*habitus*" e os mecanismos sociais que moldam a vida das pessoas.

A Figura 6 apresenta a imagem da cena do Pátio de entrada da escola no momento de oração do curta metragem "Crisálida":

Figura 5 – Imagem da cena no pátio de entrada da escola no momento de oração do curta metragem "Crisálida" (sequência 09:07 – 09:46)



Fonte: Crisálida (2016)

Nota: Curta-metragem Crisálida

No contexto de "Crisálida" e nas experiências reais, pode-se identificar que a situação de violência em questão se manifesta de maneira sutil, quase imperceptível, sugerindo uma falsa normalidade. É importante que não se naturalizem as situações de violência simbólica, assim, é preciso manter uma vigilância crítica em relação às suas manifestações em diversas esferas, incluindo a educação, a cultura e as interações sociais. Essas formas de violência, também se constituem por meio do uso de linguagem, normas sociais, valores e representações que legitimam a desigualdade e a opressão. Outra situação observada no curta-metragem também evidencia certo tipo violência simbólica, como no momento de oração no pátio da escola: para se enquadrar à maioria ouvinte o personagem Rubens gesticula com a boca, como se estivesse oralizando e é ridicularizado pelos colegas.

Nesse sentido, ainda pensando nas abordagens violentas, pode-se pensar nas expectativas culturais que desvalorizam certos grupos, ou maneiras de falar e se comportar que favorecem outros, e contribuem para a manutenção de desigualdades sociais. Os conceitos de Bourdieu (1998) são percebidos e operam no sentido da construção de um *habitus* moldado por uma cultura ouvinte, de certa forma imposta pela ausência de oportunidades de vivências na

sua própria cultura, por meio da Libras e experiências mediadas pela visualidade. É exercido um controle e dominação que opera através de significados e normas sociais, impactando a forma como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros, muitas vezes sem o uso de força ou coerção explícita.

Corroborando a análise da sequência, Mattos (2023) expõe em sua síntese interpretativa referente a esse recorte da série, fundamentado em Skliar (2015), visando elucidar os reflexos das práticas oralistas que buscavam normalizar os Surdos e negar a sua subjetividade:

A concepção oralista e as práticas advindas desse período tentaram invalidar o sujeito Surdo e apagar traços identitários e culturais, deixando um impacto negativo na vida deste povo, levando-os a vivenciar um holocausto linguístico, cognitivo e cultural (Skliar, 2015), que ainda tem raízes em gerações do povo Surdo (Skliar, 2015 *apud* Mattos, 2023, p. 89).

A Figura 7 mostra a imagem da cena do personagem Rubens em jogo de futebol, no curta metragem “Crisálida”:

Figura 6 – Imagem de cena do Rubens em jogo de futebol no “Crisálida” (sequência 11:38 – 12:16)



Fonte: Crisálida (2016)

Nota: Curta-metragem Crisálida

No jogo de futebol, os estudantes, ao formarem seu time deixam Rubens aguardando e, apenas quando é a última opção, ele se agrupa, sob a alegação que ele não joga bem. Porém, essa afirmação é contestada no decorrer da cena, uma vez que ele tem uma ótima visualidade. Diante de clara possibilidade de fazer gol, Rubens fica aguardando o passe de bola, mas o colega

não consegue observá-lo nessa posição. Como não ocorre a interação verbal, no sentido de alertar o colega, a jogada não se efetiva. O futebol dos colegas ouvintes é direcionado por falas, as interações não ocorrem entre eles, uma vez que, as percepções de Rubens são visuais e os ouvintes não conseguem se direcionar pelos indicativos gestuais.

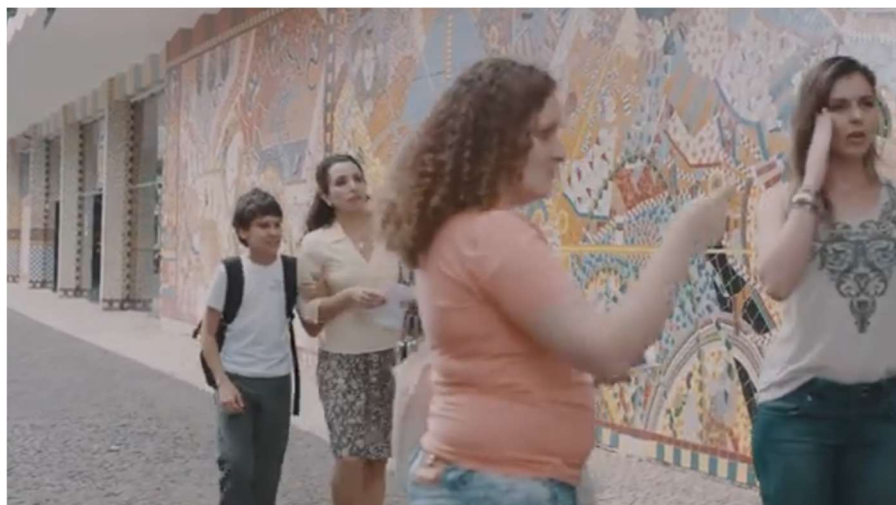
Apenas a título de ilustração para complementar o entendimento sobre a sutilidade da violência descrita, traz-se um recorte do início de outra sequência não analisada nesse material, na qual ocorre um momento de oração no pátio da escola. Para se enquadrar à maioria ouvinte, o personagem Rubens gesticula com a boca, como se estivesse oralizando, sendo ridicularizado pelos colegas, em forma de risos, sugerindo um tom de brincadeira. Diversas atitudes semelhantes, mesmo sem a intenção maléfica, podem ter efeitos que se vinculam ao exercício de tal violência.

Para introduzir outra sequência, contextualiza-se uma conversa que desencadeará uma nova situação desta análise. Vera é chamada pelo professor, que relata as dificuldades do garoto na escola e propõe uma alternativa para promover interações e possibilitar o seu desenvolvimento. Sugere que a família procure um curso de Libras para possibilitar o desenvolvimento de Rubens.

Em conversa entre Vera e o professor, que relata as dificuldades de Rubens na escola é sugerido que a família procure aprender Libras para que possa ocorrer interações necessárias para auxiliar no desenvolvimento do garoto.

Evidencia-se que no contexto social, há uma mudança do foco para a perspectiva de vencer essas imposições. Destaco as cenas que evidenciam a busca pelo direito linguístico, na qual, em oposição ao comportamento do pai, Vera, a mãe, se empenha fervorosamente para assegurar que seu filho tenha o direito de se expressar por meio da Libras e percebe a felicidade do filho ao encontrar um grupo de Surdos e ouvintes se comunicando e interagindo por meio da Libras. A Figura 8, a seguir, mostra a imagem da cena do encontro com um grupo de Surdos na rua, representado no curta metragem “Crisália”:

Figura 7 – Imagem da cena de encontro com grupo de Surdos na rua (sequência 07:54 – 09:07)



Fonte: Crisálida (2016)

Nota: Curta-metragem Crisálida

Nota-se que a mãe reconhece a importância dessa língua de sinais na vida do filho, não apenas como um meio de comunicação, mas também como uma forma de expressão que traz alegria e autonomia. Ao perceber a felicidade genuína do filho ao utilizar Libras, a mãe se torna uma defensora incansável, buscando todas as oportunidades para que ele possa se conectar e interagir plenamente com o mundo ao seu redor garantir que seu filho tenha voz e espaço para ser quem realmente é.

Relaciona-se as percepções a uma situação vivenciada no ano de 2013, quando um estudante Surdo foi matriculado na escola em que eu trabalhava na rede estadual de ensino. Para acompanhar esse aluno, o serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE) disponibiliza um profissional intérprete de Libras. Embora não estudasse no meu turno, em alguns eventos observava a atuação da intérprete de Libras junto ao aluno, o que me encantava e fazia refletir sobre a importância da comunicação, como ela ocorria e os aspectos que envolviam essa dinâmica com o referido estudante e os demais atores nesse processo educativo. Embora existisse a comunicação, havia uma certa limitação na socialização entre o estudante e os ouvintes, em virtude da total necessidade de interlocução do intérprete. Assim, é em meio a seus pares que essas interações ocorrem de forma efetiva e dinâmica, permitindo de fato o seu desenvolvimento linguístico e sociabilização.

Por fim, esse curta-metragem que dá início ao projeto "Crisálida", compreende-se que não é apenas uma reflexão sobre a metamorfose pessoal, mas também uma crítica às normas sociais que moldam nossas identidades. Através da lente de Bourdieu, compreende-se que a luta do protagonista é uma representação das lutas individuais e coletivas em um campo

sociocultural repleto de desafios e hierarquias. A obra é um convite à reflexão sobre nossa própria crisálida interna, e as possibilidades de transformação que cada um de nós possui ao navegar pelas complexidades da vida social.

Com base no curta-metragem, foram destacadas as situações consideradas relevantes para o estabelecimento das reflexões iniciais sobre cultura e as vivências dos Surdos. Na sequência, será realizado um levantamento sobre os elementos da cultura Surda, evidenciados no filme. A obra é composta pela primeira temporada da série "Crisálida", que é incorporada ao filme através de histórias paralelas que a enriquecem, servindo para dar continuidade à trajetória do jovem Rubens, iniciada no curta-metragem.

3.3.3 Momento 2 – O filme

A Figura 9 traz o pôster/cartaz do filme “Crisálida”:

Figura 8 – Pôster/cartaz do filme “Crisálida”



Fonte: Pinho (2014) e Crisálida (2019)

Nota: Projeto Crisálida. Disponível em: <https://www.seriecrisalida.com.br/https-drive-google-com-file-d-0b1637jdbtgctoujr>. Acesso em: 11 fev. 2025

O filme retoma a questão final do curta-metragem, apresentando uma discussão entre os pais sobre o que cada um acredita ser o melhor para o filho: a Libras ou a oralização. Na obra, a história ganha novos contornos, afastando-se parcialmente da centralidade do personagem

Rubens. A narrativa do jovem entrelaça-se com outras histórias que, inicialmente, são apresentadas na série e se desenvolvem na continuidade. A presença da Libras é bastante efetiva nos diálogos, sendo traduzidos por meio de legenda em língua portuguesa. Em alguns momentos também ocorrem na forma bimodal.

A estrutura da análise se organiza por contextos nos quais serão recortados os elementos da cultura surda, atravessados por diversas questões, inicialmente pelo recorte do contexto escolar. Nesse momento o contexto escolar é reconfigurado para uma instituição de ensino superior, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O personagem Rubens já é um jovem que, junto com a mãe está frequentando um curso de Libras, cujas aulas são ministradas por um professor Surdo acompanhado do intérprete de Libras, em uma turma mista composta por Surdos e ouvintes. A aula 01, em destaque na Figura 10, que marca um mês de início do curso com a proposta e discutir alguns elementos da cultura Surda:

Figura 9 – Imagem da cena da aula 01 no curso de Libras na UFSC, retratada no filme “Crisálida” (sequência 05:00 – 06:38)



Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

Observam-se importantes questões discutidas sobre a Cultura Surda, como a denominação mais apropriada para se referir às pessoas surdas, os sinais utilizados para identificar indivíduos, frequentemente atribuídos por um surdo. No caso do aluno Jaks, o sinal foi criado pelo professor Miguel. Além disso, destaca-se a utilização da visualidade para chamar a atenção da turma, por meio da manipulação das luzes, apagando e acendendo-as, o que reflete aspectos das experiências visuais dessa cultura.

Em outro momento do curso, aula 02, na Figura 11, é proposta uma interação mediada por relatos sobre os aspectos pré-concebidos e as percepções que foram (des)construídas em função do curso:

Figura 10 – Imagem da cena da aula 02 no curso de Libras na UFSC, retratada no filme “Crisálida” (sequência 17:15 – 18:53)



Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

É observado que se estabelecem importantes reflexões a partir de relatos sobre o que mudou na vida de cada um a partir do aprendizado da Libras. Talita, uma pessoa ouvinte, inicia apresentando que sua motivação inicial foi para ajudar o Surdo, mas percebeu que na verdade, eles não precisam de ajuda. Esse relato evidencia a percepção inicial do Surdo a partir da patologia, o que reforça a consolidação de uma visão assistencialista e capacitista, estabelecida entre os ouvintes ao longo do processo histórico.

Conforme afirma Mattos (2023, p. 81), há ouvintes que “acreditam que o surdo necessita de ajuda, porque seria inferior em algum aspecto. Esse pensamento advém de uma cultura que, por muitos anos, olhou para as pessoas com deficiência e para o surdo como seres inferiores, sem capacidade”. Em função das barreiras comunicativas, emerge o pensamento de aprender Libras para ajudar o Surdo e, esse pensamento ainda é bastante recorrente. Após conhecer sobre a cultura Surda e as especificidades linguísticas dessas pessoas, as interações proporcionadas pelas experiências interculturais, possibilitam o encontro como o outro. Esse encontro nos permite perceber uma nova realidade, que desmistifica concepções preconceituosas e, de acordo com o autor, estabelece um novo entendimento, por meio do “exercício de olhar para a

experiência do outro oportuniza ao sujeito aprender a respeito e com a cultura do outro, bem como entender que há outras identidades, sujeitos e culturas que também podem ser por ele pertencidas (Mattos, 2023, p. 81).

As trocas continuam por meio do relato de João, um personagem Surdo, que compartilha que aprendeu Libras depois de adulto e vai prestar vestibular para o curso de engenharia. Percebe-se uma história de transição de identidade, e esse fato ocorre pelo contato tardio com a língua de sinais, que pode advir de diversos fatores, como “pertencer à família ouvinte que desconhece a Língua de Sinais e a cultura surda”, e decorre do processo de “construção do ser surdo do personagem de forma tardia, pois iniciou seu contato com a Libras depois de adulto” (Mattos, 2023, p. 83). Nesse sentido a construção da identidade desse personagem, que vai se constituindo enquanto Surdo de forma multifacetada, é influenciada por diversos elementos originados das experiências que vivencia.

O personagem Jaks relata que, ao presenciar o atropelamento de uma pessoa Surda, sua vida mudou. Esse acontecimento o fez perceber que as pessoas não conhecem Libras e essa falta de conhecimento dificultou o atendimento à vítima, em razão das barreiras na comunicação. Sua fala, motivou o professor Miguel a sugerir à turma que elaborasse uma proposta de um evento para divulgação da Libras. Assim, Rubens sugere a realização de um teatro e todos concordam. A experiência é compartilhada por relatos sobre os sentimentos que a atividade provocou em cada um. A Figura 12, a seguir, retrata a aula 03, no curso de Libras da UFSC:

Figura 11 – Imagem da cena da aula 03 no curso de Libras na UFSC, retratada no filme “Crisálida” (sequência 48:02 – 50:50)



Fonte: Crisálida (2019)
Nota: O filme Crisálida

Na Aula 03, o professor Miguel realiza uma dinâmica que propõe o uso apenas do corpo para se comunicar. Não é permitido o uso das mãos nem da voz, objetivando uma reflexão sobre o período em que ocorreu proibição do uso da língua de sinais, em virtude do Congresso de Milão. A experiência é compartilhada por relatos sobre os sentimentos que a atividade provocou em cada um. A experiência vivenciada com a dinâmica é demonstrada nos sentimentos expressos: um estudante Surdo afirma que se sentiu mudo, a fonoaudióloga Viviane³⁰ diz que se sentiu diferente, já Vera afirma que se sentiu presa, em virtude de não conseguirem se comunicar. Enquanto Miguel explica o que ocorreu no período de proibição da língua de sinais e imposições oralistas propostas nesse evento. Rubens reflete sobre o fato e conecta com as práticas de oralização vivenciadas com o pai, e assim afirma que muitas coisas ainda continuam parecidas com a época do congresso de Milão, que resultou no desenvolvimento de tratamentos para a cura da pessoa Surda e práticas de oralização. De acordo com Mattos (2023, p. 89):

O oralismo deixou muitas marcas na comunidade surda, que reverberam ainda hoje com discursos assistencialistas e capacitistas (Skliar, 2015; Rocha, 2016), que buscam mascarar a normalização do sujeito Surdo. Tal construção, tende a valorizar o modelo ouvinte e negar a subjetividade do Surdo, pois culturalmente construiu-se a ideia de padronização do Surdo pela cultura ouvinte, que em alguns casos entende a Língua de Sinais como um empecilho para o desenvolvimento do Surdo (Skliar, 2015; Rocha, 2016 *apud* Mattos, 2023, p. 89).

Há uma concordância de Miguel com o entendimento de Rubens sobre permanência de muitas questões, mas também propõe uma reflexão a respeito dos avanços. Ele destaca as mudanças em decorrência das leis que promovem a acessibilidade, ainda afirma que as novas tecnologias também que auxiliam bastante. Percebe-se que a dinâmica ampliou a visão sobre os reflexos provocados pelo período de proibição do uso da língua de sinais, levando em conta ainda as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda e as consequências do silenciamento de sua língua e cultura.

Além disso, promoveu a empatia partindo do entendimento das realidades enfrentadas por pessoas que contam com a língua de sinais como seu principal meio de comunicação. Ocorre o reconhecimento dos avanços, principalmente nas esferas legais e tecnológicas, que muito auxiliam na inclusão, mas ainda existem aspectos importantes a se considerar, sobretudo o humano. Nota-se ainda, a necessidade de despertar maior consciência sobre a importância da inclusão, bem como fortalecer os laços de solidariedade e uma ampliação do compromisso

³⁰ A personagem que interpreta a fonoaudióloga Viviane, relata que ingressa no curso para aprender libras e melhorar o trabalho com as famílias e filhos surdos.

coletivo em lutar por um espaço mais inclusivo e respeitoso para todos. Esses são pontos vistos como importantes para avançar nesse sentido, e ainda caminhos para se pôr em prática as leis no cotidiano.

A Figura 13 mostra imagem da cena em que a intérprete é apresentada no filme “Crisálida”:

Figura 12 – Imagem da cena do momento de apresentação da intérprete no filme “Crisálida” (sequência 43:04 – 44:30)



Fonte: Crisálida (2019)
Nota: O filme Crisálida

Ao se pensar no cotidiano do personagem Rubens ainda no contexto escolar, ocorre uma reunião com a diretora Isabel para tratar da questão da contratação de intérprete de Libras. Em sua fala inicial a diretora sugere que a mãe que já estuda Libras assuma essa responsabilidade de auxiliar o filho na aula, pois não há como assumir os custos. Como se trata de uma escola particular, a sugestão é que a família deve custear as despesas ou que haja uma colaboração de todos os pais da turma.

Os efeitos práticos da presença do intérprete de Libras ainda não se efetivam de forma obrigatória nas instituições particulares por questões financeiras e, por outros fatores nas escolas públicas. conforme afirmam Souza e Lima (2022, p. 4) “na própria escola regular, lugar garantido ao Surdo por lei (Brasil, 1996), falta-lhe atendimento básico, que seria o intérprete de Língua Brasileira de Sinais-Libras; acessibilidade; inclusão”. Além disso, enfatizam a percepção de que, alguns professores não estão preparados para atender estudantes Surdos, comprometendo a oferta de um ensino igualitário, pois para a efetivação da inclusão na escolar

desse público na “escola regular exige do professor formação continuada e aplicação de metodologias que facilitem e favoreçam o aprendizado do aluno Surdo”.

A Figura 13 traz a imagem da cena em que a intérprete é apresentada no filme “Crisálida”:

Figura 13 – Imagem da cena do momento de apresentação da intérprete no filme “Crisálida” (sequência 1:07:20 – 1:07:58)



Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

O desfecho ocorre quando a intérprete é contratada após Vera, com o aval da diretora, contactar os pais da turma para solicitar a colaboração que foi bem-sucedida. A chegada da intérprete é bastante comemorada e trará benefícios à vida escolar do Rubens. Ao saber da defasagem escolar do jovem, a intérprete sugere a busca de uma escola bilíngue, o modelo ideal para educação de Surdos, a fim de promover a superação desse atraso escolar valendo-se de “uma abordagem educacional que implica tornar acessível à criança surda duas línguas no espaço escolar considerando que a incursão no mundo da escrita se dará por processos visuais de significação baseados nas línguas de sinais” (Lacerda, 2023, p. 39).

Diante da novidade, Vera constata que ainda serão muitas lutas a serem travadas pela educação do filho. Porém, pensando no avanço proporcionado pelo ingresso de uma profissional de fonoaudiologia no aprendizado da Libras, espera-se que aconteça o afastamento das abordagens tradicionais de tratamento da surdez, passando a reconhecer as especificidades das pessoas Surdas. A importância do trabalho com suas famílias permitirá um entendimento mais amplo e inclusivo.

A Figura 15 retrata a imagem da cena quando a Fonoaudióloga procura o curso de Libras no filme “Crisálida”:

Figura 14 – Imagem da cena quando a Fonoaudióloga procura o curso de Libras no filme “Crisálida” (sequência 42:08 – 44:03)



Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

Atualmente, esses profissionais estão em contato com as famílias desde o nascimento das crianças. Sendo assim, torna-se fundamental que fonoaudiólogos e outros especialistas se preparem para acolher as famílias, promovendo uma visão do surdo que valorize suas potencialidades e características únicas. Essa nova perspectiva deve se concretizar na sociedade para superar as situações de preconceito que são mantidas pelo desconhecimento. O primeiro passo é reconhecer que essas situações existem, para assim poder superá-las.

A Figura 16, a seguir, mostra imagem da cena do personagem Rubens almoçando em família no filme “Crisálida”:

Figura 15 – Imagem da cena do personagem Rubens almoçando em família no filme “Crisálida” (sequência 02:28 – 03:17)



Pô, até na hora da comida!

Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

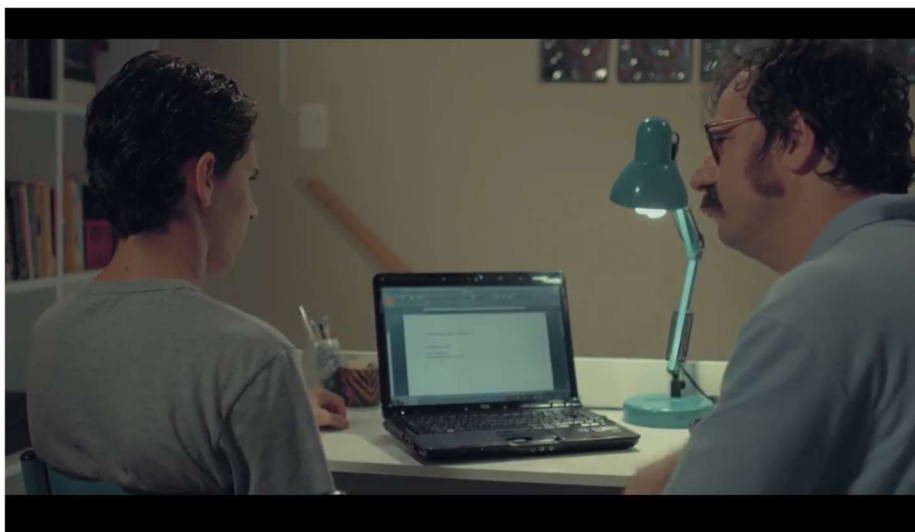
No contexto familiar abordado no filme, relacionando-o com as análises apresentadas sobre a série, observa-se que ainda é estabelecida a visão preconceituosa de Mário, que entende apenas uma possibilidade do seu filho Rubens se desenvolver, adequando-se à maioria ouvinte, pela oralização. Na cena que apresenta o momento de uma interação familiar que ocorre no almoço, os pais conversam oralmente e Rubens sinaliza ao celular e demonstra a construção de sua identidade.

Mário se incomoda ao perceber que o filho sinaliza ao celular, pois isso demonstra que ele ainda não entende que Rubens se comunica como um surdo sinalizante e que a Libras é a forma de expressão e comunicação que ele utiliza. Ainda o repreende por acreditar que “o uso da oralidade e de aparelhos será benéfico para o filho, ignorando a construção da identidade que Rubens tenta estabelecer” (Mattos, 2023, p. 86). Em diálogo com Jaks, colega do curso de Libras, o garoto relata que continua por insistência do pai, que o convenceu ser uma boa opção, mas está cansado do tratamento.

O pai pressiona de todas as formas o filho, fato que pode ser notado em uma cena não analisada, mas que se relaciona com a questão. Quando o pai esquece o portão aberto e por essa consequência ocorre um roubo em casa. Mesmo a mãe Vera estando presente, o pai culpabiliza o filho por não escutar e assim não conseguir evitar o roubo. Mário se vale do fato para se posicionar mais uma vez sobre a normalização do filho por meio de implante coclear.

A Figura 17 apresenta a imagem da cena do personagem Rubens *no quarto* conversando com o seu pai pelo computador no filme “Crisálida”:

Figura 16 – Imagem da cena do personagem Rubens no quarto conversando com o seu pai pelo computador no filme “Crisálida” (sequência 54:06 – 55:25)



Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

Quando assume a Libras e percebe a sua importância e potência libertadora, Rubens se fortalece e enfrenta o pai. Mário se aproxima e conversa com o filho que não o compreende, informando que o bigode atrapalha. O diálogo se estabelece pelo computador dizendo que possui o dinheiro para pagar pela cirurgia do implante coclear. A mensagem causa revolta em Rubens, que comunica com o pai em Libras, assim, autoafirma-se e demonstra “que ele resiste e é consciente de uma identidade surda política, que usa a Língua de Sinais e se reconhece enquanto surdo”. Quando a mensagem é interpretada por Vera, indicando que use o dinheiro para pagar o intérprete na escola.

Percebe-se que Mário continua demonstrando grande resistência em reconhecer a identidade Surda do filho, uma vez que “desvincular-se das influências ouvintistas é um processo difícil, que pode ser acompanhado durante a narrativa, no caso, a defesa de uma visão clínico-terapêutica que vem a ser desconstruída e a mudança de visão sobre a concepção de surdo” (Mattos, 2023). A insistência de que o filho precisa de ajuda médica o faz apelar para o apoio de Vera, que o confronta dizendo que a decisão tem que partir de Rubens e cabe a eles apenas ouvi-lo e aceitar a sua identidade. Assim, conforme Mattos (2023, p. 91), nota-se que:

A tentativa de apagamento da identidade é perceptível no decorrer da narrativa, por meio das atitudes do pai. A dificuldade em aceitar a surdez do filho pode ser relacionada ao desconhecimento da cultura surda, devido à crença de que existe apenas uma cultura (a ouvintista, no caso) e somente esta deve ser considerada (Strobel, 2008). Esse pensamento influencia na concepção do surdo construída por Mário. Há um longo percurso de

compreensão e aceitação que ele necessita traçar para aceitar a identidade surda do filho (Mattos, 2023, p. 91).

A Figura 18 retrata a imagem da cena quando a personagem Morgana conhece a mãe de Jaks, seu namorado no filme “Crisálida” (sequência 23:58 – 26:52):

Figura 17 – Imagem da cena da personagem Morgana conhecendo a mãe de Jaks, seu namorado no filme “Crisálida” (sequência 23:58 – 26:52)



Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

No contexto social, o preconceito se manifesta de forma explícita nas vivências. Os personagens Gustavo e Morgana, que se cruzam ao longo da narrativa, são introduzidos no filme através de fragmentos da série que foram incorporados, diversificando o enredo e enriquecendo a trama por se desdobrar em diferentes situações.

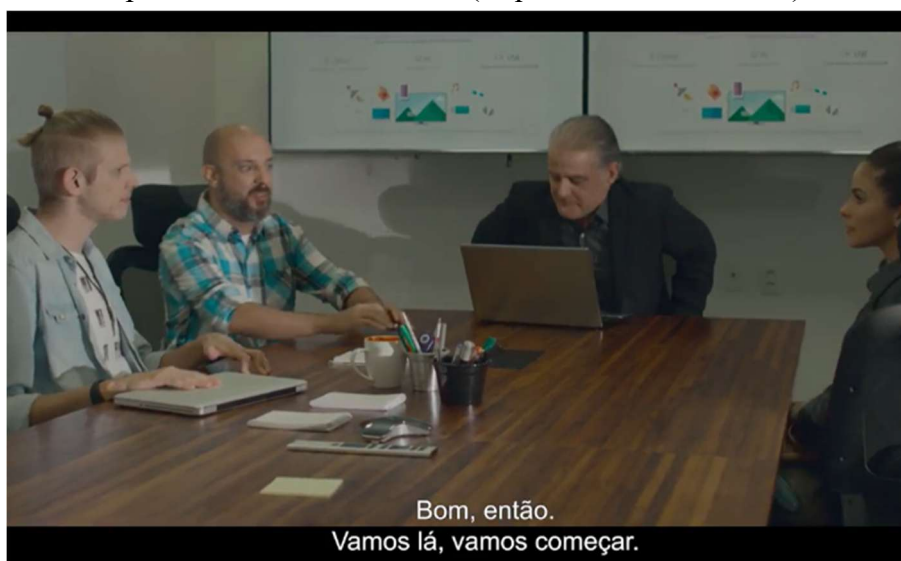
A personagem Morgana, que é surda, inicia um relacionamento com uma pessoa e uma ouvinte, enfrenta situações de preconceito na casa de Jaks, seu namorado. Ela observa os olhares surpresos de seus pais e percebe as falas preconceituosas, inclusive da mãe de Jaks que questiona se a surdez foi provocada por um acidente comparando a surdez a uma doença. Ao ouvir isso, Jaks fica profundamente indignado e esclarece para sua mãe que a surdez não é uma doença e que essa afirmação não é apropriada. Na sequência, quando o pai questiona sobre namorar uma surda-muda para se referir a ela, é repreendido pelo filho que explica que o termo correto é Surda, mas não evita o desconforto de Morgana, que percebe o julgamento. Mesmo de forma inconsciente, os pais de Jaks atribuem a Morgana essas características por meio de suas atitudes. Além disso, eles sugerem que um relacionamento entre duas pessoas tão

diferentes pode não ter perspectivas positivas, pois reflete a visão de que as diferenças são um obstáculo para a união.

Percebe-se a preocupação de Jaks em explicar sobre a conduta errada revelada pelo preconceito dos pais, em virtude da “falta de conhecimento e as crenças compartilhadas pelo coletivo social influenciaram esta visão” conforme exposto por Mattos, 2023, p. 85. Jaks se opõe à manifestação preconceituosa dos pais, e as repudia, motivado pelas vivências também permeadas de preconceito, embora seja no âmbito racial. Nota-se na relação entre Morgana e Jaks conflitos que consistem na distinção entre as duas experiências de preconceito, quanto à raça e à deficiência. Essa discussão, que evidencia uma disputa, a princípio provoca a separação dos dois.

A Figura 19 mostra a imagem da cena do personagem Gustavo apresentando um projeto em uma empresa no filme “Crisálida”:

Figura 18 – Imagem da cena do personagem Gustavo apresentando um projeto em uma empresa no filme “Crisálida” (sequência 33:53 – 35:39)



Fonte: Crisálida (2019)
Nota: O filme Crisálida

Gustavo, que tem um grande domínio da tecnologia, desenvolve um projeto inovador e agenda uma reunião para apresentá-lo em uma empresa, contando com o auxílio de uma intérprete de Libras para auxiliar na comunicação. Aguiar, o chefe da referida empresa, fica impressionado com o projeto, mas por Gustavo ser surdo, tem dúvidas quanto à sua capacidade e questiona se ele realmente o desenvolveu de forma independente, sugerindo que a intérprete teria ajudado.

Percebe-se que, de certa forma, o chefe ignora Gustavo, direcionando as falas para a intérprete, cuja presença se justificava apenas para facilitar a comunicação, demonstrando com seu preconceito e “a valorização excessiva da história do colonizador, assim como as narrativas dos colonizadores, isto é, dos ouvintes, que tiveram contato ao povo surdo se baseiam nas suas ambições às suas ideias (sic) de lideranças”, (Strobel, 2008, p. 44). Aguiar apresenta uma perspectiva restritiva em relação a Gustavo, rejeitando a possibilidade de que ele seja autônomo e criativo.

Nota-se também que mesmo Gustavo demonstrando seu conhecimento sobre o projeto que apresenta e segurança com a qual o defende, Aguiar não muda sua concepção, pois sua visão sobre as pessoas surdas é voltada para a questão de incapacidade e deficiência, presentes na visão estereotipada que possui. Mesmo com as demonstrações de preconceito e desconsideração da capacidade de Gustavo, ele não se intimida e “por meio da Língua de Sinais, busca resistir a esses embates” (Mattos, 2023, p. 93).

O preconceito advém de uma visão de superioridade que, de acordo com Bourdieu, reinterpretado por Nogueira e Nogueira (2013), refere-se às classes sociais de maior prestígio, detentoras de um capital cultural mais elevado, podendo-se ampliar para o entendimento, nesse contexto para a compreensão da normalidade como superior a deficiência, o que é sugerido pela atitude de Aguiar.

A Libras é uma marca da comunidade Surda, e conforme observado em outros contextos da história, é fonte de identidade e empoderamento. Seu destaque se evidencia no evento para divulgação da Libras, proposto pelo professor Miguel no curso de Libras. Observa-se uma grande mobilização para a divulgação do evento, que atraiu um grande público, incluindo a fonoaudióloga, Mário e todos aqueles que convivem com pessoas surdas. Isso se deve ao fato de que a comunidade surda é composta por todos que têm relação com os surdos e que se familiarizam com sua cultura, expressa por meio da Libras. Dessa forma, ao abraçar essa língua, as pessoas se inserem na comunidade.

A Figura 20, a seguir, traz a imagem da cena do evento cultural de divulgação da Libras no filme “Crisálida”

Figura 19 – Imagem da cena de evento cultural de divulgação da Libras no filme “Crisálida” (sequência 55:37 – 1:00:51)



Fonte: Crisálida (2019)

Nota: O filme Crisálida

Os elementos presentes no evento de divulgação da Libras revelam um mundo rico de expressões artísticas, através de diversas atividades visuais: teatro de bonecos, poesia em Libras, luzes e movimento, tendo em vista que, para Strobel (2008), as narrativas dos surdos revela que a língua de sinais desempenha um papel fundamental na constituição das identidades, na construção de valores culturais e nas representações dos indivíduos surdos.

Nota-se a presença de elementos sonoros, por exemplo o som do tambor. Essa variação de estímulos envolve o público e revela o potencial da arte em estabelecer conexões, unindo surdos e ouvintes. Assim, os distintos mundos do som e do silêncio se entrelaçam, sempre com uma atenção especial à diversidade. Por meio dessa expressão da cultura desse povo, “o ideal - dentro da cultura surda - é a apresentação ao público do teatro visual, a poesia surda e outros artefatos culturais elaborados por surdos” (Quadros, 2008, p. 64, 65). Nesse sentido, o evento manifesta claramente a visualidade e confere visibilidade a essa cultura, demonstrando sua potência, ao possibilitar sua compreensão na sociedade. Ademais, a presença de intérpretes que traduzem a Libras para a língua portuguesa demonstra atenção e cuidado para incluir o público ouvinte, pois as trocas interculturais enriquecem e abrem espaço para o conhecimento.

Expostas às impressões e estabelecidas as relações dos materiais analisados, com os conceitos pertinentes ao estudo, sigo com uma proposta formativa, expressa na composição de Produto Educacional.

A partir dos elementos evidenciados no material audiovisual analisado e destacados como importantes para estabelecer uma reflexão crítica sobre as representações por meio das imagens que se relacionam com as complexidades das vivências escolares. A proposta formativa educativo-educacional, por ser parte essencial deste programa de mestrado, comporá próximo capítulo desta dissertação, por se tratar de um componente essencial às especificidades do Programa de Mestrado em questão.

A partir dos elementos evidenciados no material audiovisual analisado e destacados como importantes para estabelecer uma reflexão crítica sobre as representações por meio das imagens que se relacionam com as complexidades das vivências escolares. A proposta formativa educativo-educacional, por ser um componente fundamental deste programa de mestrado, será abordada na próxima seção desta dissertação, uma vez que representa um aspecto essencial às particularidades do Programa de Mestrado em questão.

4 REVELAÇÃO: A BELEZA DAS ASAS

4.1 O Produto Educacional e sua proposta

Os Produtos Educacionais (PEs) se caracterizam como resultados práticos e aplicáveis da pesquisa realizada pelo estudante ao longo do programa de mestrado. Esses produtos têm como objetivo principal contribuir para a resolução de problemas ou aprimoramento de práticas na área profissional relacionada ao curso.

Diferentemente do mestrado acadêmico, em que a dissertação é o produto final do curso, o mestrado profissional enfatiza a confecção dos Produto Educacional (PE), cuja aplicabilidade e utilidade prática possam gerar contribuições para melhoria do ensino, especialmente da educação básica, na forma de um material didático destinado a atividade do professor.

No mestrado profissional em Educação, a criação de um PE constitui uma parte essencial do trabalho, concomitante à elaboração da dissertação. O termo “produto educacional” se refere a um objeto de aprendizagem que emerge do trabalho de pesquisa científica e que contribui diretamente para a prática docente, visando a melhoria do ensino, especialmente no contexto da educação básica. Assim, o produto deve se configurar como um material didático, uma ação ou uma intervenção que materialize os fundamentos e os resultados da investigação realizada, além de apontar possíveis soluções para um problema educacional enfrentado pelo professor. Ademais, ao expandir o conhecimento, o PE qualifica a prática docente, estabelecendo um diálogo mais efetivo entre a ciência/academia e a instituição escolar.

O Produto Educacional da presente pesquisa é constituído de uma proposta de formação docente a partir da criação do **“CINE EDUCAÇÃO-TRANSFORMAÇÃO – DESCORTINANDO A COMPREENSÃO SOBRE A SURDEZ: uma proposta de formação de professores”**. Esta proposta propõe um itinerário formativo ao docente que vise a aprimorar o atendimento educacional a alunos surdos, respeitando suas especificidades. A importância dessa proposta reside na necessidade de proposição de práticas que contribuem de fato para a valorização dos aspectos visuais e conhecimento da cultura surda. Para isso, é necessário aprofundar na compreensão dos elementos culturais e educacionais pertinentes a essa cultura que possui especificidades complexas, que geralmente não são percebidas sem um conhecimento prévio. Considerar as características visuais na proposição de atividades pedagógicas, garante a consonância com a legislação vigente que estabelece o direito linguístico

aos estudantes Surdos, contribuindo para a transformação e a valorização da diversidade em nossas escolas.

Na formação de professores será utilizada uma abordagem atenta à visualidade, tão essencial ao Surdo, promovendo uma aproximação da aprendizagem e respeitando a forma como os surdos percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Os efeitos positivos da visualidade não se restringem apenas aos estudantes surdos, mas a todos os grupos, que atualmente estão sob constante influência de estímulos decorrentes da supremacia da imagem.

Pensando na importância desses aspectos visuais, faz parte dessa proposta o uso de recursos audiovisuais como mediadores para as reflexões sobre a visualidade, valendo-se da pedagogia do cinema pela interface cinema e educação. Nesse sentido, descortinar a visão para o aspecto sensível da visualidade, de forma a colaborar com reflexões sobre as atividades pedagógicas.

Ao valorizar diferentes formas de comunicação e expressão visual, os educadores promovem um ambiente mais inclusivo e acessível, que atenda às diversas necessidades dos estudantes. O ambiente escolar é diverso, portanto, reconhecer e valorizar as diferentes culturas imersas nesse ambiente pode estender seus reflexos para a sociedade. Ao integrar um olhar atencioso sobre a visualidade, se contribui para a transformação do cenário educacional, permitindo que todos os alunos, independentemente de sua condição, encontrem seu lugar e seu valor no espaço escolar.

Esta formação é importante para fornecer instrumentos para os educadores a criarem um ambiente de aprendizado inclusivo e eficaz, que não apenas reconheça, mas também celebre a diversidade em nossas escolas. Assim, o que esperar, conforme Quadro 6:

Quadro 6 – Expectativa do que se desenvolver na formação

O que se espera desenvolver na formação:
Sensibilização para a importância da visualidade
Compreensão de aspectos da cultura Surda
Discussão sobre as concepções (des)construídas
Reflexão sobre as práticas
Aplicação dos conhecimentos

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

4.2 Metodologia do Produto Educacional

4.2.1 Procedimentos metodológicos para a atividade formativa

4.2.1.1 Etapas de execução

Inicialmente pretende-se apresentar a proposta à equipe gestora em uma escola que contemple em seu corpo discente estudantes Surdos, para uma conexão das reflexões com situações práticas e, de fato poder contemplar a quem se objetiva os resultados obtidos nesse processo formativo. Será realizada a exposição dos objetivos da formação e discutida sua importância. Na sequência poderão ser considerados os alinhamentos necessários para o encontro com as necessidades da instituição. Para tanto, deverá ser realizada uma conversa inicial para percepção das principais dificuldades apresentadas pelos estudantes, juntamente com os intérpretes.

A formação será conduzida em duas etapas. Na primeira, será feita a apresentação do projeto para o corpo docente, seguido de um breve diálogo ou escuta/roda de conversa. Na sequência uma dinâmica que propõe o desenvolvimento da percepção sobre a visualidade destacando a importância para a educação de Surdos e uma sessão fílmica com a exibição do curta-metragem com duração de 17 minutos. Ao final, a solicitação do registro das principais descobertas e percepções. Na segunda, haverá uma exibição do filme. Na sequência uma roda de conversa mediada para reflexão dos aspectos preconcebidos e novas concepções construídas. Finalização da etapa com a proposta de continuidade das reflexões para aprimoramento.

A seguir, o Quadro 7 apresenta as etapas da formação proposta:

Quadro 7– Etapas da formação proposta como Produto Educacional

(Continua)

ETAPA 1 – 2 HORAS	
Passos	Ações
1 - Apresentação da formação para a equipe escolar.	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar com um momento de escuta/roda de conversa sobre o tema, a questão da formação. - Iniciar a atividade com a apresentação clara dos objetivos da formação. - Explicar a importância da participação de todos ao longo do processo.
2 - Dinâmica de Quebra-Gelo: para sensibilização da equipe escolar.	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar a dinâmica para demonstrar a importância dos aspectos visuais para a comunicação com pessoas surdas.
3 - Aplicação de Questionário: para a pesquisadora entender as demandas e alinhar a proposta.	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuir um questionário para conhecer melhor o perfil e as expectativas do público participante. - Organizar e agrupar as respostas para utilização nas próximas etapas da formação de acordo com as necessidades do grupo. (As análises serão realizadas no segundo momento da atividade).
4 - Exibição de Curta-Metragem Crisálida: para compreensão das concepções e preconceitos.	<p>O vídeo retrata a história de um estudante Surdo que ainda vivencia situações de conflito na sua socialização, por não conhecer a Libras. Ressaltar os contextos e os elementos históricos, familiares e sociais relevantes ao tema. (Inicialmente assistir sem o recurso sonoro, na tentativa de demonstrar uma aproximação com a experiência dos Surdos – avaliar se substitui a dinâmica, reproduz o vídeo em dois momentos no mesmo dia, ou se acrescenta-se mais uma etapa).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover um momento para que os participantes possam registrar suas impressões iniciais sobre o vídeo, incentivando a reflexão sobre os preconceitos e as percepções pessoais.

Quadro 7 – Etapas da formação proposta como Produto Educacional (Conclusão)

Etapa 2 - 2 horas	
Passos	Ações
1 - Exibição do longa-metragem <i>Crisálida</i> :	o filme retoma a questão final do curta-metragem, apresentando um aprofundamento na discussão, os aspectos sociais que envolvem a Libras e a cultura Surda. A história ganha novos contornos, afastando-se um pouco da centralidade do personagem Rubens. Também destaca o protagonismo surdo. - Promover um momento para que os participantes possam registrar suas impressões após o filme, ressaltando o que mudou em sua concepção.
2 - Selecionar e categorizar os registros.	Selecionar os principais aspectos de concepções (des)construídas nas duas etapas para mediar as discussões.
3 - Roda de Conversa: Para discussão e reflexão sobre as percepções desencadeadas.	- Organizar uma roda de conversa para que cada participante possa compartilhar suas reflexões sobre o que foi apresentado e discutido. - Mediar o diálogo, incentivando uma troca rica de experiências e pontos de vista, e promovendo a construção coletiva de conhecimento. - Conduzir um fechamento da atividade, resumindo os principais pontos abordados e a importância da temática discutida. - Incentivar os participantes a continuarem no processo de reflexão/ação sobre os temas tratados, promovendo a continuidade do aprendizado, com discussões sobre as experiências consolidadas para aprimoramentos, nos momentos de reuniões de módulo II.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

4.2.1.2 Procedimentos para a realização da Dinâmica

Esta subseção apresenta os procedimentos de realização da dinâmica que será aplicada na formação proposta para os professores. A dinâmica se intitula “DINÂMICA QUEBRA GELO: EXPRESSÕES EM LIBRAS”.

Essa dinâmica tem como objetivo promover a conscientização acerca da relevância dos elementos visuais na Língua Brasileira de Sinais (Libras), destacando como esses aspectos não apenas comunicam informações, mas também transmite sentimentos e emoções por meio de expressões faciais e corporais. Dessa forma, visa-se a reconhecer a comunicação visual como um componente essencial da Libras, contribuindo para uma interação mais rica e completa entre surdos e ouvintes, e valorizando a diversidade linguística e cultural presente na comunidade Surda.

A duração da dinâmica é de 25 a 35 minutos. E o número de participantes ideal é para grupos de 10 a 20 pessoas.

Os materiais necessários para o desenvolvimento da dinâmica são:

- a) Cartões com diferentes emoções escritas (por exemplo: feliz, triste, nervoso, surpreso, zangado, empolgado, entre outras.);
- b) Um espelho (opcional, para quem deseja se observar).

Para início da dinâmica serão formados dois grupos para estabelecer o desafio de se expressarem utilizando-se da visualidade, por meio das expressões faciais e/ou recursos corporais para transmitir uma mensagem contida em cartões. Os procedimentos são descritos na sequência:

1) Introdução (5 minutos):

- Comece explicando a importância das expressões faciais na comunicação, especialmente na Libras, onde a comunicação visual é fundamental;
- Fale brevemente sobre as emoções e como elas podem ser expressas não apenas com palavras, mas também com gestos e expressões;
- Divida a turma em dois grupos, para que ocorram interações.

2) Distribuição dos Cartões (5 minutos):

- Distribua um cartão para cada participante, contendo uma emoção diferente;

- Diga aos participantes que eles terão que expressar a emoção que está escrita no cartão apenas com suas expressões faciais, sem usar palavras ou gestos com as mãos.

3) Demonstração (5 minutos):

- Incentive alguns voluntários a se manifestarem para o grupo. Eles devem fazer uma “performance” da emoção que têm no cartão, e os outros participantes devem tentar adivinhar qual é a emoção;
- Explique que não obstante alguns gestos serem sutis, a expressão facial deve ser clara e expressiva.

4) Rodada de adivinhação (10 minutos):

- Após a demonstração, cada participante, em sua vez, deverá apresentar a sua expressão facial referente à sua emoção, alternando um em cada grupo;
- Os outros participantes devem tentar adivinhar a emoção expressa;
- Após algumas tentativas (se necessário), o participante pode revelar a emoção, explicando brevemente como se sentiu ao representá-la.

5) Discussão Final (10 minutos):

- Após todos terem participado, faça uma pequena roda de conversa;
- Pergunte como se sentiram ao expressar as emoções e se perceberam a importância das expressões faciais na comunicação;
- Discuta a relevância dessas habilidades na comunicação em Libras e a conexão que elas podem criar entre as pessoas.

6) Sugestões Adicionais:

- Caso haja tempo, faça uma segunda rodada com novas emoções ou variações, pedindo que os participantes usem também gestos apropriados, reforçando a ligação entre expressão facial e gestual;

- Se houver participantes com diferentes níveis de familiaridade com a Libras, convide uma pessoa fluente para ajudar na demonstração, enriquecendo a experiência do grupo.

Vale ressaltar que essa atividade não apenas “quebra o gelo”, como popularmente dito, mas também é uma prática eficaz para aprimorar a comunicação visual e a empatia entre os participantes.

4.2.1.3 Procedimentos para a aplicação do Questionário

Esta subseção apresenta o questionário que deve ser aplicado na formação proposta para os professores. O questionário é composto de 23 questões, precedidos de um convite e uma breve apresentação. Estas questões estão distribuídas e estruturadas em cinco blocos, sendo o bloco I o dos dados pessoais, exceto nome, do participante. O bloco II compreende informações sobre a experiência profissional do participante. O bloco III procura conhecer os hábitos de cultura e lazer. O bloco IV se refere a experiência do participante com educação e a cultura surda. Por fim, o bloco V que busca sugestões e reflexões por parte dos participantes da formação.

Após a realização da “Dinâmica quebra gelo: Expressões Em Libras” deverá ser aplicado o questionário objetivando conhecer melhor o perfil dos participantes da formação. No APÊNDICE A é apresentado o questionário.

4.3 Avaliação e resultados

Para avaliar as possíveis fragilidades e necessidades de adequação da proposta formativa, será realizado um momento final de conversa com os estudantes/intérpretes, mediado pela conversa inicial realizada antes do início da formação.

Espera-se coletar os resultados expressos nos relatos dos estudantes sobre possíveis mudanças.

Com os devidos trâmites de autorização, pretende-se também publicar em revistas ou eventos da área essas experiências de formação continuada de professores a fim de, em alguma medida, continuar a sensibilização quanto à Cultura Surda Brasileira, visando a compreensão sobre a surdez, em especial no contexto educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema é uma forma de arte que transcende fronteiras culturais e sociais, desempenhando um papel importante na formação de identidades e na construção de narrativas coletivas. A partir das imagens e das linguagens expressas pelo cinema, pode-se considerar que ele é um potente mediador entre os saberes e as vivências. Neste estudo, demonstrou-se que o cinema efetivamente desempenha a função de estabelecer relações entre as representações e as experiências sociais. Além disso, foi eficaz quando utilizado para análises vinculadas aos conceitos e estudos sobre o tema.

A relação entre o cinema e educação é potente no sentido de estabelecer reflexões sobre a realidade. Destaca-se que o uso, embora desperte o interesse por seu poder de conexão com o espectador, por meio da ludicidade, não se concebe o uso escolar movido pelo mero entretenimento.

Para atingir seus efeitos por meio das narrativas, além de contribuir para a preservação da memória histórica, uma vez que reflete comportamentos da realidade, deve também, contribuir para reflexões e transformações sociais. Nesse sentido, o estudo conseguiu identificar os impactos resultantes das regravações de produtos audiovisuais, utilizando como exemplos os filmes “No Ritmo do Coração” e “A Pequena Sereia” - versão *live action* - que foram produzidos em diferentes períodos históricos. Ao incorporar elementos contemporâneos, essas obras promovem discussões sobre situações de enfrentamento necessárias para a sociedade atual. É importante destacar que, embora essas discussões enfatizem as produções, também geram polarizações complexas, que são reflexos da dinâmica social e do uso desenfreado das mídias como um espaço para opiniões livres de responsabilidade.

Por meio da análise do material audiovisual e das representações contidas nele, foi possível selecionar elementos característicos da cultura Surda pertinentes para os contextos socioeducacionais e estabelecer relações com as com os aspectos que perpetuam (pré)conceitos. Além disso, foi possível vincular às discussões sobre os conceitos de Duarte (2002) e Bourdieu (2010) e sua exposição por Nogueira e Nogueira (2013), uma vez que se mostraram pertinentes ao tema, permitindo ampliação da compreensão das dinâmicas sociais, bem como da diversidade cultural.

Não houve a pretensão de esgotar as possibilidades analíticas, pois o material contempla uma vasta possibilidade de recursos, podendo se estabelecer diversas categorias, como por exemplo, análise linguística, pela perspectiva do público Surdo, olhar cinematográfico, dentre outros aspectos. As escolhas interpretativas da análise se estabeleceram pelo meu olhar e

experiência pessoal, como alguém que escuta e que já teve a oportunidade de interagir com pessoas Surdas. Em uma primeira instância, essa vivência ocorreu a partir da perspectiva de pessoa ouvinte, e, posteriormente, com os estudos da Libras, passei a observar a questão sob a ótica de uma "não surda". Nesse contexto, novas percepções se estabeleceram no que envolve o conhecimento sobre o percurso histórico e socioeducacional dos Surdos, bem como da lenta efetivação da legislação vigente. Essa legislação requer um fortalecimento das políticas de formação, especialmente no que diz respeito à formação continuada, especialmente nos contextos educacionais em que estejam inseridos os estudantes Surdos, na perspectiva de contemplar, no cenário atual as garantias estabelecidas em lei.

O material também pode ser adaptado a outros contextos, para a sala de aula, importante ambiente para o estabelecimento de interações, pertinentes ao processo de inclusão para o estudante Surdo. Ao considerar o audiovisual como potente influenciador do comportamento humano, o destaque à Libras pode ensejar um despertar para o conhecimento e valorização dessa cultura. Também pode estabelecer uma possível conexão e estimular circulação da língua nos ambientes socioeducacionais.

A limitação desse estudo se deve à impossibilidade da aplicação nos locais pretendidos, ainda no período de realização desta pesquisa, ficando a análise de seus efeitos práticos para um próximo trabalho. Ainda pode se expandir os estudos para os efeitos dos materiais complementares às obras analisadas, uma vez que recentemente foi lançada a segunda temporada da série, ampliando sua abordagem para questões sociais de mais complexas de cunho sensível, podendo obter impactos importante e potentes.

Diante das considerações, almeja-se que a visibilidade das narrativas Surdas, possa implicar no conhecimento e fortalecimento da construção histórica desse povo, ao possibilitar a circulação dos bens culturais dessa comunidade na ampla sociedade. A partir do entendimento e reconhecimento das particularidades dessa cultura espera-se promover a quebra dos paradigmas e crenças consolidados. É o que se percebe ocorrer com quem se insere nas comunidades surdas, o conhecimento desvencilha do preconceito. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão da diversidade cultural, mas também promove um respeito mais profundo pela identidade Surda.

REFERÊNCIAS

- A FAMÍLIA Bélier. Direção: Eric Lartigau. Produção: Philippe Rousselet, Stéphanie Bermann, Éric Jehelmann, Stéphane Celerier. Paris: France 2 Cinéma, 2014. (106 min) color. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-214860/criticas-adorocinema/> . Acesso em: 12 dez. 2024.
- ALMEIDA, Ana Claudia Carvalho de. **A percepção de professores do ensino básico sobre uma atividade didática com o conteúdo de pH a ser aplicada em uma sala de aula com aluno surdo**. 2021 118 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/880a4d92-09c5-4e40-9c4e-75fa0aae17f1/content> . Acesso em: 12 fev. 2025.
- ANJOS, Raphael Pereira dos. **Cinema para LIBRAS: reflexões sobre a estética cinematográfica na tradução de filmes para surdos**. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) – Universidade Brasília, Brasília. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/31027/1/2017_RaphaelPereiradosAnjos.pdf . Acesso em: 12 fev. 2025.
- ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE MINAS GERAIS – ASMG. **Institucional**. Belo Horizonte, 2024. Disponível em <https://www.asmg.org.br/>. Acesso em 28 nov. 2024.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2006. 336 p.
- ATAIDE, Israellen Cristina Souza; FURTADO, Mairon de Sousa; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 1-20, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar> . Acesso em: 12 fev. 2025.
- AZEVEDO, Amanda. Inclusão de personagens surdos na ficção seriada americana e brasileira. In: LEMOS Lígia Prezia; ROCHA, Larissa Leda F. (Orgs) **Ficção seriada: estudos e pesquisas**. São Luís: EDUFMA, 2023. p.151-170. Disponível em: https://www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2025/02/Ficcao_Seriada_07_Digital_FINAL_.pdf . Acesso em: 12 fev. 2025.
- AZEVEDO, Amanda; ARAUJO, E. S. Cinema e Acessibilidade online: Análise dos streamings Netflix, Globoplay e PingPlay. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 15, p. 30, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/60322>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. Análise filmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV. **Revista GEMInIS**, v. 9, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. Uma série de contos e os contos em série: o imaginário pósmoderno em OnceUpon a Time. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do

Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7379> . Acesso em: 12 fev. 2025.

BANDEIRA, Nágila da Silva Araujo. **Uma análise de percepções de pedagogos surdos do estado de Rondônia acerca do processo ensino e aprendizagem da matemática**. 2023 168 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/5036/1/NAGILA%20DA%20SILVA%20ARAUJO%20BANDEIRA%20disserta%03%a7%0c3%a3o%20%282%29.pdf> . Acesso em: 12 fev. 2025.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira *et al.* In.: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CINEMA E EDUCAÇÃO: DENTRO E FORA DA LEI. 2., 2014, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre: UFRGS, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/140481/000992418.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 12 fev. 2025.

BARROSO, Adriana Fernandes. **Reflexão Colaborativa, ensino de Língua Portuguesa e acessibilidade linguística junto ao estudante surdo no Ensino Médio**. 2023. 237 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

BAYER, Vilmar. **Sons no silêncio: a música como estratégia pedagógica no processo comunicativo entre estudantes ouvintes e surdos**. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Básica) - Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador, 2021.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, Cap. 4, p. 71-79. Disponível em: [https://sigpibid.ufpr.br/site/uploads/institution_name/ckeditor/attachments/1347/Os Tr s Estados do Capital Cultural - Pierre Bourdieu 1 1 .pdf](https://sigpibid.ufpr.br/site/uploads/institution_name/ckeditor/attachments/1347/Os%20Tr%20s%20Estados%20do%20Capital%20Cultural%20-%20Pierre%20Bourdieu%201%201.pdf) . Acesso em: 12 fev. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: nov, 2023

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996. 59 p. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 9 maio 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre e a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2002. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 9 maio 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto 5.296, 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2004. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 9 maio 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto 5.626, 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm . Acesso em: 9 maio 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 13.006, 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília: Casa Civil, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm . Acesso em: 12 fev. 2025.

BUBNIAK, Fabiana Paula. Cinema surdo: uma poética pósfonocêntrica. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, 2016. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstreams/cfe90ae3-f612-40c9-a929-5f8e6c4d51ac/download>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

CARVALHO, V. F.; CAMPELLO, A. R. S. A existência de quatorze (14) identidades surdas. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 9, n. 14, 139-152, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2792>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CASSETTI, Francesco; Di CHIO, Frederico. **Como analisar un film**. Barcelona: Paidós, 2013.

CECHINEL, Andre *et al.* Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Criar Educação**, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/2446/2324> . Acesso em: 12 fev. 2025.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601> . Acesso em: 12 fev. 2025.

CODA: no ritmo do coração. Direção: Sian Heder. Produção de Philippe Rousselet. Estados Unidos: Diamond Films, 2021. (1h51min).

CORRADELLO, E. F. A. **Bicho-da-seda e Amoreira**: da folha ao fio, a trama de um segredo milenar. São Paulo: Ícone, 1987

CUNHA, Marcia Borin; GIORDAN, Marcelo. A imagem da ciência no cinema. **Química nova na escola**, São Paulo, v. 31, n. 1, P. 9-17, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601> . Acesso em: 12 fev. 2025.

CRISÁLIDA: curta metragem. Direção: Sérgio Melo. Produção: Alessandra da Rosa Pinho. São Paulo: Arapy Produções, 2016. (17 min) color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YFnSUNpogqQ>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CRISÁLIDA: o filme. Direção: Sérgio Melo. Produção: Alessandra da Rosa Pinho. São Paulo: Arapy Produções, 2019.

CZMOLA, Halyne; CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo. Linguagem e Cinema Surdo: Estudos Culturais e Novas Tecnologias. In: SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA, 7., 2018, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2018, p. 271 - 281. Disponível em: https://fe717dd1-6cf7-4215-96ab-43c6c7426a01.filesusr.com/ugd/7d3881_536448b635bb46d88c6e88872713f605.pdf. Acesso em: 15 mar. 2024.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália. O outro no cinema. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24058> Acesso em: 9 jan. 2025.

DUARTE, N. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: MARTINS, L. M.; DUARTE, N. **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ERIKSON, Erik. **Identidade e Ciclo de Vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FELÍCIO, Lourainy Bianca Ferreira. **Um curso de formação continuada para professores de Ciências/Química: saberes da educação de surdos**. 2023. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24058> . Acesso em: 9 jan. 2025

FRANKL, Viktor. **Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOIS, Alexandra Almeida Moreno De. **A complexidade no ensino de ciências para estudantes surdos em classes regulares: Guia para Ensino de Ciências: a aprendizagem de estudantes surdos em classes regulares**. 2023. 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) - Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://petrus.cp2.g12.br/bitstreams/35d5f9dc-fa29-4e4a-8277-941479fb8f6b/download> . Acesso em: 12 fev. 2025

GUIMARÃES, Wagner dos Santos; SANTOS, Maristela Félix dos; SOUZA, Renildes de Melo. Estado de conhecimento: formação docente com foco na educação inclusiva para aluno surdo. **Devir Educação**, Lavras, v. 8, n. 1, p. e-794, 2024. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/794> . Acesso em: 28 dez. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES. **O que são os CAS?** Rio de Janeiro: MEC, 2021. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9965-cas-secadi&Itemid=30192. Acesso em 28 nov. 2024.

JUNG, Carl. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper & Row do Brasil, 1977.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007> . Acesso em 29 nov. 2024.

LACERDA, C. B. F. *et al.* Educação inclusiva bilíngue para alunos surdos: pesquisa e ação em uma rede pública de ensino. In.: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; MARTINS V. R. O. (Orgs.), **Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos** Florianópolis: EdUFSCar, 2016. p. 13-28.

LACERDA, C. B. F.. **A inclusão escolar como prática: estratégias de inclusão de surdos no Ensino Superior**. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFVJM-2_ac4ba1f872e23b3ac0d8b62fbf13c78b . Acesso em 29 nov. 2024.

LACERDA, C. R. **Espaços e ambientes da Educação Infantil na perspectiva das pedagogias participativas: implicações conceituais, históricas e curriculares**. 2023. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/40035/1/CAROLLINE%20RIBEIRO%20LACERDA.pdf> . Acesso em 29 nov. 2024.

MARTINS, G. A.; THEOPHILO, C. R. (2009). **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009

MATTOS, Alan Marlon de. **O protagonismo surdo: a representação da surdez em Crisálida**. 2023. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2023. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/jspui/2147/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Alan%20Marlon%20de%20Mattos.pdf> . Acesso em 9 jan. 2025.

MONTES, Aline Lucia Baggio. **Instrumento de avaliação de texto narrativo em língua de sinais: uma versão para o uso no ambiente escolar**. 2023. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/10950fe1-f38e-43f8-be1b-5f5107c7b8fd/content> . Acesso em 22 jan. 2025.

NAVES, Sylvia Bahiense *et al.* **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Ministério da Cultura, 2016. 80 p.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 128 p.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de. **Quando Sísifo alcança o topo da montanha: escolarização de longo curso, vida socioprofissional e disposições culturais de sujeitos de origem popular.** 2017. 384 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AW9LQ8/1/tese_luiz_fernando_de_oliveira.pdf . Acesso em: 10 maio 2024.

PADILHA, Maritania dos Santos. **As práticas pedagógicas na educação de surdos nas séries finais da educação básica.** 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/1859> . Acesso em: 10 fev. 2025.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin.. **Fundamentos da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2006.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho - Imagem e representação.** Rio de Janeiro: LTC, 1993.

PINHO, Alessandra da Rosa *et al.* **Produção audiovisual acessível ao público surdo: políticas públicas e o caso " crisálida".** 2023.

PINHO, Alessandra da Rosa. **Projeto Crisálida.** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <https://www.seriecrisalida.com.br/obras-do-projeto-cris%C3%AAlida> . Acesso em: 12 fev. 2025

PRADO, Mariana do; ROMERO, Agnes Lenz; PEREIRA, Karina Avila. **A atmosfera sonora do audiovisual na representação de uma comunidade surda.** In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 6., 2019, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UPEL, 2019. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/XU_02209.pdf?ver=1568895826 . Acesso em: 16 abr. 2025

QUADROS, Ronice Mülle R de; PERLIN, Gladis (Orgs). **Estudos surdos II.** Arara Azul, 2007. 267 p. Disponível em: <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudos-Surdos-II.pdf> . Acesso em: 12 fev. 2025

QUADROS, Ronice Müller de (Org.). **Estudos Surdos III.** Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

RAMOS, Marcus Vinicius Xavier. **Adaptação de materiais pedagógicos para surdos: pensando a didática a partir da série Crisálida.** 2020. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, Patos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/jspui/handle/177683/1378>. Acesso em: 12 fev. 2025

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TAVEIRA, Cristiane Correia. **Soluções visuais atípicas em vídeos digitais em línguas de sinais: proposta de um catálogo para os produtores de vídeo.** **Revista Educação Especial**, v. 33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/44073/pdf> . Acesso em: 13 fev. 2025.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hxDxvJQjCZy8MCdBGLgGNnK/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 12 fev. 2025

SANTOS, Saionara Figueiredo; BUBNIAK, Fabiana Paula; VELLOSO, Bruno Panerai. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 35, n. 1 p. 76-91, jan /abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7367> . Acesso em: 25 jun. 2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, v. 10, n. 58, set./out., p.20-30. 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7367>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, Joicilene Batista da. **A formação inicial dos licenciandos em matemática para atuação com alunos surdos**: contribuições do curso de matemática da UNIR campus Ji-Paraná. 2021. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2021. Disponível em: https://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/3418/1/DISSERTACAO_VERSAO_FINAL_JOICELENE_BATISTA_DA_SILVA.pdf. Acesso em: 25 jan. 2025

SOUZA, Adelene de Souza; LIMA Francine de Paulo Martins. Inclusão de alunos surdos: desafios e necessidades do docente. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 25, p. 1-23, 2022. Disponível em <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 25 jan. 2025

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

STROBEL, Karin Lilian *et al.* **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. 1994. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>. Acesso em: 31 dez. 2024

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WALT DISNEY PICTURES. **A Pequena Sereia**. Burbank, USA, 1989. (83 min.), son., cor, legendado.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Proposta de formação de professores a partir do audiovisual Crisálida para sensibilização da cultura surda.

Prezado(a) professor(a),

Você está sendo convidado(a) a responder este questionário cujo objetivo verificar o perfil dos participantes da formação “**CINE EDUCAÇÃO - TRANSFORMAÇÃO: descortinando a compreensão sobre a surdez: uma proposta de formação de professores**”, realizada pela pesquisadora Délia Maria Ribeiro, orientada pelo Prof. Dr. Luiz Fernando de Oliveira, Universidade Federal de Lavras (UFLA), como parte das exigências para conclusão do mestrado em educação. Assinale apenas um item que melhor contemple a cada questão proposta. As informações levantadas serão anônimas e usadas apenas para subsidiar a própria formação.

Desde já, agradecemos!

BLOCO I – DADOS PESSOAIS

1 Qual o seu sexo?

- (A) Feminino
- (B) Masculino
- (C) Outro (por favor, especifique): _____
- (D) Prefiro não informar

2 Qual é a sua faixa de idade?

- (A) De 20 a 25 anos
- (B) De 25 a 30 anos
- (C) De 30 a 35 anos
- (D) De 35 a 45 anos
- (E) Mais de 45 anos.

3 Você possui alguma deficiência?

- (A) Não
- (B) Sim. Qual? _____

BLOCO II – ATIVIDADE PROFISSIONAL**3 Em qual modalidade de ensino você atua?**

- (A) Educação Infantil
- (B) Ensino Fundamental
- (C) Ensino Médio
- (D) Ensino Superior
- (E) Educação Profissional
- (F) Outro: _____

5 Qual a faixa etária do público com o qual você trabalha?

- (A) 0 a 5 anos
- (B) 6 a 10 anos
- (C) 11 a 15 anos
- (D) 16 a 18 anos
- (E) Acima de 18 anos

6 Há quanto tempo leciona?

- (A) 0 a 5 anos
- (B) 6 a 10 anos
- (C) 11 a 15 anos
- (D) 15 a 20 anos
- (E) Acima de 20 anos

7 Você trabalha em mais de uma escola?

- (A) Sim
 - (B) Não
- Se sim, quantas escolas? _____
- Com quais as disciplinas? _____

8 Você participa de atividades de formação continuada?

(A) Sim

(B) Não

Se sim, com qual frequência? _____

9 Você utiliza recursos audiovisuais/filmes em sua prática?

(A) Sim

(B) Não

Se sim, com que frequência? _____

10 Como você seleciona esses filmes?

11 Você se considera satisfeito com sua atuação profissional como professor?

(A) Muito satisfeito

(B) Satisfeito

(C) Neutro

(D) Insatisfeito

(E) Muito Insatisfeito

BLOCO III – CULTURA E LAZER**10. Que atividade de lazer você pratica com mais frequência?**

(A) Leitura

(B) Esportes

(C) Música

(D) Cinema

(E) Passeios ao ar livre

(F) Outro: _____

11. Quantas horas por semana você dedica a atividades de lazer?

- (A) Menos de 1 hora
- (B) 1 a 3 horas
- (C) 4 a 6 horas
- (D) 7 a 10 horas
- (E) Mais de 10 horas

12 Você costuma participar de eventos culturais, como teatros, exposições ou shows?

- (A) Frequentemente
- (B) Às vezes
- (C) Raramente
- (D) Nunca

13 Qual tipo de música você mais aprecia?

- (A) Clássica
- (B) Rock
- (C) Pop
- (D) Música Brasileira
- (E) Outro: _____

BLOCO IV – EXPERIÊNCIA COM EDUCAÇÃO E A CULTURA SURDA**14 Você conhece e convive com alguma pessoa surda?**

- (A) Sim
- (B) Não

Se sim, com qual frequência? _____

15 Você já teve alunos surdos?

- (A) Sim
- (B) Não

16 Se você respondeu "Sim" na pergunta anterior, quais foram as principais dificuldades enfrentadas ao trabalhar com alunos surdos?

17 Qual é a sua familiaridade com a cultura surda?

- (A) Alta
- (B) Média
- (C) Baixa
- (D) Nenhuma

18 Na sua opinião, qual é a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na educação?

19 Você já participou de alguma formação relacionada ao ensino para surdos ou ao uso de Libras?

- (A) Sim
- (B) Não

20 Se você respondeu "Sim" na pergunta anterior, como você avaliaria essa formação?

- (A) Muito adequada
 - (B) Adequada
 - (C) Pouco adequada
 - (D) Inadequada
 - (E) Sugestões para melhoria:
-

BLOCO V – SUGESTÕES E REFLEXÕES

21 O que você acha que poderia ser feito para melhorar a formação de professores a respeito da cultura surda e do uso do audiovisual na educação?

22 Você tem alguma experiência positiva com o uso de recursos audiovisuais na educação de alunos surdos? Se sim, poderia compartilhar?

23 Você estaria disposto(a) a participar de uma formação continuada focada na sensibilização para a cultura surda utilizando recursos audiovisuais?

(A) Sim

(B) Não

(C) Talvez, dependendo do conteúdo

A sua colaboração é muito importante para a nossa pesquisa. Agradecemos pela contribuição!